

HOJE

FOZ

Como
é que
pode?

À que ponto
chegamos: uma
professora
expulsou uma
menina porque
apresentava
um defeito
nos olhos
reportagem na
próxima edição.

No. 18

Foz do Iguaçu, de 28/12/78 a 03/01/79

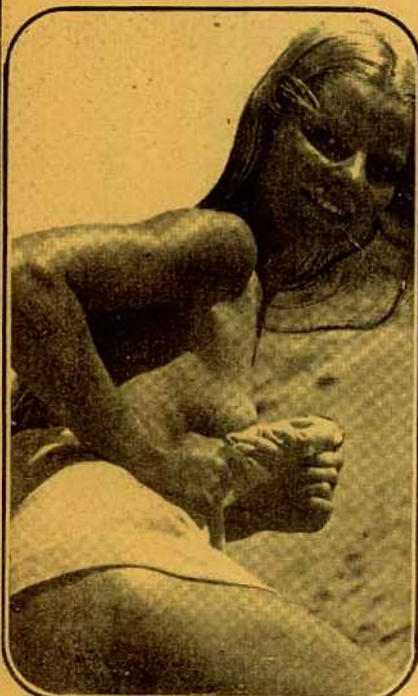
Cr\$ 5,00

**Deixaram o
filho
excepcional
amarrado
durante
17 anos**

Página 14

**Cauby Silva
abre a boca e
conta tudo
sobre as
ameaças de
morte**

Páginas 21, 22 e 23



Lizza, quando esteve aqui no jornal pedindo emprego.

**Novo delegado
diz que vai
botar
todo mundo
na cadeia!**

Página 15

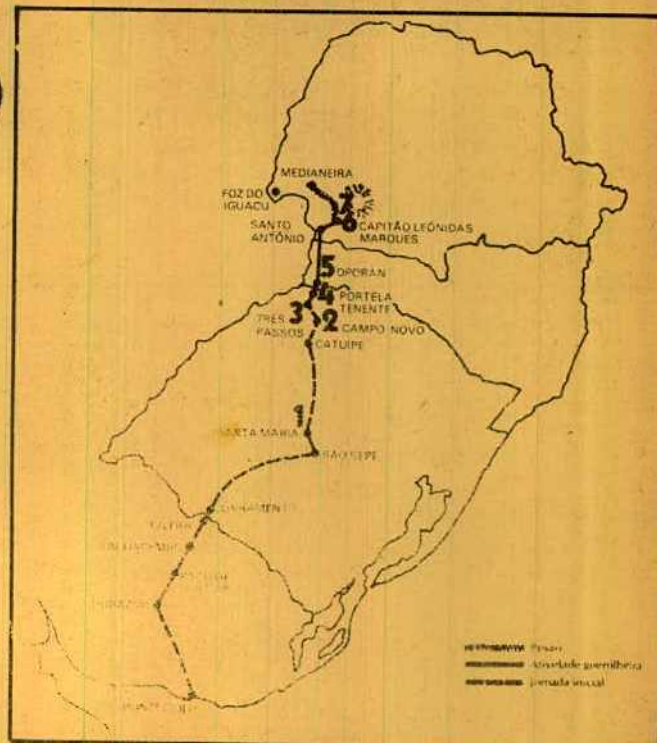
GUERRILHA NO OESTE: 23 HOMENS TENTAM LEVANTAR O PAÍS



O ex-coronel Jefferson Cardim

Na madrugada do dia 26 de março de 1965, o ex-coronel do Exército Jefferson Cardim Osório e o ex-sargento da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, Alberi Vieira dos Santos, comandando um pequeno grupo de 21 homens, tomaram de assalto a pequena cidade gaúcha de Três Passos, rumando depois para Santa Catarina e adentrando em seguida o Oeste do Paraná. O que aconteceu com os 23 guerrilheiros presos por tropas do Exército na região de Capitão Leônidas Marques é revelado agora. Jefferson, que está com 67 anos e saiu da cadeia há poucos meses, e Alberi, hoje com 42 anos e em liberdade desde 1973, revelam detalhes importantes sobre a guerrilha de 1965 que fazia parte de um plano organizado por Leonel Brizola para contra-golpear o governo militar.

Páginas 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13



**Polícia descobre
plantação de maconha em Foz**

Havia pés que estavam sendo cultivados há vários anos. Página 5

Vamos contribuir para um 79 melhor?

E eis que chega ao fim mais um ano... Seguramente, 1978 se arrastou, ao invés de passar, normalmente, eis que as dificuldades enfrentadas pela região Oeste foram de tal monta que, agora, em seu fechamento, a maioria dos oestinos bendiz a entrada de um novo ano e augura que este seja mais venturoso que o passado.

Sabemos todos nós que o fator agrícola é "mola propulsora" de quase todas as atividades na região, e o sucesso das safras responsável pelo incremento dos mais diversos setores. E, decididamente 78 não foi um bom ano para a agricultura.

Agora, resta-nos esperar que 79, além de apresentar safras recôrdes, seja coroado de sucesso em todos os outros aspectos.

Mas, de per si, tempo nenhum traz realização do ser humano, se este próprio não envidar esforços para que isto aconteça.

Porisso mesmo, é preciso que cada um dê o melhor de si, na particularidade de sua missão nesta terra, para que, ao fazer-mos o balanço de 1979, possamos dizer, em alto e bom tom: este sim, foi um bom ano.

Acima de tudo, no plano da realização humana, é preciso que haja mais compreensão. É preciso que os poderosos entendam, definitivamente que seu sucesso está ligado diretamente a participação de todos os segmentos de nossa sociedade, desde as classes mais próximas ao poder até as mais humildes. É preciso que os poderosos e opressores saibam que os oprimidos e espoliados podem muito mais que os primeiros, no momento em que se unirem, e é preciso que estes últimos também saibam que sua redenção não virá "de mãos beijadas" mas sim através de muita luta, e participação no processo aprimorativo de nossa sociedade.

Decididamente, é preciso diminuir, neste ano de 79, a grande diferença existente entre as classes sociais em nosso país, em nossa região. Decididamente, é preciso valorizar mais o ser humano, para que a vida se constitua em caminho, e não apenas em fim, onde o que mais existe e o sofrimento, a penúria, a opressão e a humilhação, vindos dos mais diversos setores e atingindo das mais variadas maneiras, desde criança excepcional abandonada a seu próprio destino até o manietamento da livre manifestação de pensamento, passando pelo esbulho de miseráveis salários impingidos aos trabalhadores.

Tudo isto para que, ao findar 79, todos possam dizer: este, realmente, foi um bom ano.



A alta costura está aqui CONFECCÕES JOFE

- Camisas
- Calças
- Jeans e Hobby
- Alta costura masculina e feminina.

QUEREMOS VESTIR VOCÊ DA ELEGANCIA

O ponto certo da elegancia
Rua Major Raul de Mattos, 405
Fone 72-4229
Foz do Iguaçu - PR.

HOJE

Propriedade da
Editora Independente Ltda. CGC-MF 77.394.153/0001-95.
Redação: Avenida Brasil, 665 - Fone: 72-1543 - Foz do Iguaçu
Oficinas: Av. Foz do Iguaçu, 141 - Fone: 23-6464 - Cx. Postal 892 - Cascavel.

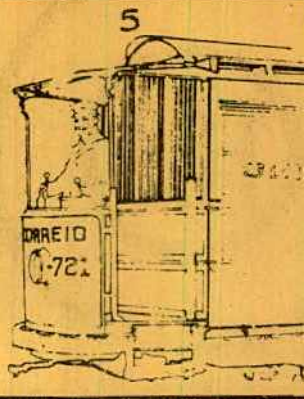
Diretor-Responsável:
F. L. Sefrin Fo.

Gerente: Rosalvo Tavares da Silva.
Diretor Comercial: Rozelmo T. Silva
Editor: J. Adelino de Souza.

REPRESENTANTES

Em Curitiba: G. Cadamuro, Praça Zacarias, 80 - 7o. - fone: 23-9524
Em São Paulo: R. Carrozza, Rua José Getúlio, 220 - Fone: 278-407
Em Cascavel: Av. Foz do Iguaçu, 141 - Fone: 23-6464
Em Mal. Cdo. Rondon: Rua 7 de Setembro, 699 - Fone: 54-1527

Qual é a
do leitor



COLÉGIO AGRÍCOLA

"... Por que as autoridades da 44a. IRE e da SEC não tomam providências com o diretor do Colégio Agrícola, Wilson "Idi Amim-Dom Casmuro" Rios? ... Se no ano passado o Colégio estava uma m..., este ano está uma josta. É o que dizem os professores, funcionários e alunos do Colégio. E, todos se incompatizam com a Direção, é sinal de que errado está o diretor... Neste ano o Colégio teve uma razoável produção de trigo, mas continua em sérias dificuldades financeiras. No entanto, o ilustre diretor vive indo e vindo de Curitiba de avião, e isto é inadmissível quando se vê a péssima alimentação que é fornecida aos alunos, as péssimas instalações sanitárias e a falta de recursos didáticos...

Quem não se enquadra aos métodos medievais do diretor é convidado a se retirar. Não seria mais justo e simples ele se retirar?... Desculpem não assinar esta carta. É que a gente já sofreu tanto, e se ele souber quem escreve esta, vai ser o diabo... Oi pessoal do Colégio Agrícola - a carta só pode ser de alunos, claro - tudo bem? Ou melhor, tudo mal por aí? Continuem escrevendo, que a gente publica. Inclusive queremos publicar

alguma coisa boa que aconteça aí. Será que dá?...

RODOVIÁRIA

"Li com interesse a última edição do HOJE/Foz. Interessei-me pelas determinações do novo decreto municipal sobre o transporte coletivo de nossa cidade. Não se solucionou um problema grave da Rodoviária que o congestionamento de ônibus coletivos urbanos, que tem sua partida determinada pela ala internacional. O esquema de funcionamento que se não permite as saídas normais para as outras cidades e agora colocam também um terminal de ônibus urbano em plena ala internacional. Finalmente, uma pergunta -: como é a construção do novo terminal rodoviário, anunciada há quase dois anos sai ou não sai?" - Arlênio Heindrickson - Foz do Iguaçu.

Pois é, jovem... Nós perguntaria-mos ainda como é que vai a grande concentração de sujeira, marginais, trombadinhas e outros bichos? O povo quer saber

ESTRUME VOLTA A ATACAR

"Tenho tudo para ser um perfeito idiota? Vocês já são há muito tempo. Rasgar dinheiro e comer m...? Vocês experimentaram e gostaram? É, porque só se oferece algo a alguém quando se gosta..." - J.E.S. (ou João Estrume de Sapo, se preferirem) Foz do Iguaçu.

Oh, João, você já Encheu o saco. Vira gente, rapaz, que assim num tem conversa.



ORAÇÃO DAS TREZE ALMAS

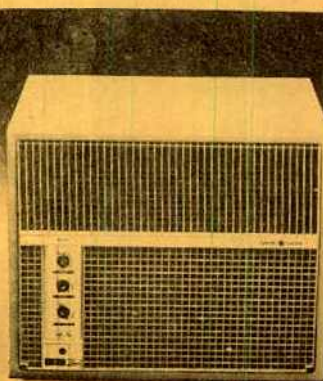
Oh! minhas 13 almas benditas, sabidas e entendidas, a vós peço pelo amor de Deus, atendam o meu pedido. Minhas 13 almas benditas, sábias e entendidas, a vós peço pelo sangue que Jesus derramou, atendo o meu pedido, pelas gotas de suor que Jesus derramou de seu sagrado corpo atendeu o meu pedido. Meu Senhor Jesus Cristo, que a vossa proteção me cubra com os vossos olhos. Oh! Deus de bondade, vós sois meu advogado na vida na morte, peço-vos que atendeis o meu pedido e me livreis dos males e dai-me sorte na vida. Segui meus inimigos que os olhos do mal não me vejam, cortai a força dos meus inimigos. Minhas 13 almas benditas, sofridas e entendidas. Se me fizeste alcançar estas graças (pedem-se as graças) ficarei devota de vós e mandarei publicar esta oração. Rezam-se 13 Pai Nossos e 13 Ave Marias 13 dias.
Por várias graças alcançadas. (A.J.O.)

O Sr. João Arlindo Scarparo comunica que extraviou os seguintes documentos: Certificado de Reservista, Título de Eleitor, Carteira de Identidade. No. RG. 1651733, CPF No. 279705078-91 e Carteira de Motorista no. 0222633. Os referidos documentos ficam sem efeito por terem sido requeridas as segundas vias. (Quem encontrar os originais favor telefonar para 71-2212)

Foz do Iguaçu, 30 de dezembro de 1978.

Jorge Martins comunica que extraviou sua Carteira de Identidade no..... 4.496.177-SP, ficando a mesma sem efeito por ter sido requerida a segunda via.
Foz do Iguaçu, 28 de dezembro de 1978.

A Casa Confiança



- GELADEIRAS
- VENTILADORES
- MOVEIS COLONIAIS
- FOGÕES
- CONDICIONADORES DE AR
- REVENDEDOR ULTRAGÁS

Avenida Brasil, 86 - Fone 72-1271.



Um mundo para crianças e adultos

É até possível que a instituição do Ano Internacional da Criança pela ONU tenha uma razão de fundo psicológico inconsciente, que consiste na desesperança no homem adulto de nosso tempo, responsável pelo estado caótico de coisas do mundo presente em conjunto com o homem do passado. Estaria na criança uma possibilidade de reabilitação da humanidade. Será que está?

É muito improvável. Enquanto o adulto de hoje sente os perigos de agora e do futuro, e prevê as peripécias que estão à espera das crianças, o homem não faz exatamente o que é fundamental para corrigir os seus desvios e viabilizar um mundo habitável para seres humanos. O Ano Internacional da Criança e tudo o que ele vai oportunizar através dos programas do UNICEF - órgão da ONU - e suas repercussões em cada governo, em cada instituição ou programa que se criar em qualquer nível, não passará de paliativo.

O mundo se desenvolveu e se desenvolve de forma tão defasada que assusta. Fica difícil encarar com otimismo a perspectiva de futuro do ser humano. Quanto mais se analisar o modelo de civilização que se processa no mundo mais nos convencemos da verdade terrível contida na frase do humorista Millôr Fernandes. "O homem é um animal inviável".

Depois que se criou tudo o que aí está para nos complicar a vida, através dos sistemas político-econômicos, burocráticos, tecnológicos, industriais, educacionais, etc., ora vigentes, fica difícil ou impossível curar-lhe os males inerentes sem mudar os próprios sistemas. Há vários sistemas, orientados todos por ideologias com princípios pouco diferentes de ordem filosófica, sociológica, antropológica para orientar uma estruturação de um sistema de convivência humana de harmonia, paz e progresso para a felicidade geral possível. Para citarmos apenas uma dessas fontes, podemos tomar o Cristianismo, em nome do qual tanta injustiça e desigualdade é mantida pelos seus falsos seguidores em toda a parte. Realmente, se fossem postos em prática as idéias de Cristo, a humanidade entraria no caminho certo. Essas idéias, porém, data, de dois milênios e até agora pouco ou nada mudou, ape-



sar de todos os sacrifícios já feitos para dar plenitude àquele ideal. Isso enche de pessimismo e desesperança pois já era tempo de os homens terem aprendido. O egoísmo continua assegurando oprimido da competição contra o da cooperação contido no "amai-vos uns aos outros".

Não são pois somente aspectos acidentais que estão a merecer reparos. E não é apenas de ideais reformistas que carecemos, senão de ideais de transformação, mudança profunda, estrutural. Se a árvore não dá bons frutos é porque ela é ruim. Não pode a árvore má dar bons frutos e vice-versa, ensinou Cristo. A árvore má deve ser arrancada e lançada ao fogo.

E não são apenas as crianças um fruto cheio de mazelas dessa árvore contaminada e mal nutrida das atuais estruturas sociais. Se fosse instituir um ano especial de mobilização para atender a todas as situações dramáticas dos múltiplos agrupamentos humanos nos mais inacreditáveis estados de desajuste e decrepitude, a ONU levaria décadas e décadas para contornar a todos sem saída resolver o problema essencial e básico que é a causa essencial e primeira determinante de tudo.

É certo que muita coisa boa vai acontecer e já está acontecendo para a criança. Mas as campanhas não chegarão ao superior resultado de preparar um caminho novo e diferente para as crianças, porque elas crescerão e serão continuamente trazidas para integrar esse mesmo mundo que as fez infelizes desde o berço e que já enfelicitou tanto a nós adultos e aos que se foram. Mais tarde, quando essas crianças forem adultas, estarão na vez de terem suas crianças cheias de proble-

Carlos Alberto Ferreira comunica que extraviou os seguintes documentos: Carteira de Trabalho, Título de Eleitor e Certificado de Reservista. Os referidos documentos ficam sem efeito por terem sido requeridas as segundas vias. Foz do Iguaçu, 28 de dezembro de 1978

mas e de promoverem um novo Ano Internacional da Criança.

Milhões de crianças morreram antes de nascer e por elas nada mais podemos fazer; milhões de crianças morreram pouco depois de chegarem à vida, e por elas nada resta a fazer. Tarde demais. Milhões de crianças estão vivendo para a morte e por elas é ainda tempo de fazer alguma coisa. Tanto essas como aquelas podiam ter sido livradas da desgraça. Há as crianças abandonadas, sem pai e sem mãe; há as crianças excepcionais, deformadas física e/ou mentalmente; há as pobres e miseráveis que passam fome, frio, desprezo e falta de oportunidades; há as crianças que sofrem sob a tutela dos pais ou monitores sem qualquer capacidade de amor e educação; enfim, há sofrimento demais para a grande maioria das crianças do mundo - e se fossem só as crianças. Criança bonita, limpinha, com saúde, vivaz, amável e amada é pouca, muito pouca, pouca demais, tão pouca de dar vergonha. Mas nós nos iludimos facilmente achando que isso não é verdade porque formulamos dados a partir tão somente do que vemos no nosso pequeno mundo burguês e remediado. Não avaliamos que dois terços da humanidade vive longe desse paraíso de privilégios.

Nenhuma dessas crianças nasceu por um processo de geração espontânea. Cada uma tem seu pai e sua mãe. Ao pai e à mãe não compete apenas o provimento das necessidades da criança como também é quase invariavelmente uma questão de honra pessoal para os pais gerarem o filho desde a concepção até sua independência na vida. Quando os pais não têm a felicidade de conseguirem essa realização pessoal a frustração é profunda. E quando eles percebem sua impotência e são forçados pelas circunstâncias a submeterem o filho às instituições de

caridade, às doações e esmolas provenientes seja lá de que manifestação de bondade for, o alívio não chega a ser reconfortante. Se o que as fontes de produção conseguem gerar para o bem dos homens, graças ao trabalho de todos, fosse criteriosamente compartilhado sem injustiça ou discriminação, nenhum Ano Internacional da Criança ou com qualquer outro nome ou outra destinação seria necessário. Como, porém, a renda per capita só existe como estatística e o que é de todos é usufruído apenas por uma insignificante minoria, necessariamente tem-se que chegar na hora das campanhas beneficentes (não tão generosas quanto humildantes e farisaicas). Depois que se roubou da força de trabalho, depois que se juntou gananciosamente para si tudo o que foi possível por meios lícitos e ilícitos; depois que se construiu uma fortuna sem preocupação com a honestidade dos meios; depois de atingir alto status social e econômico mediante assaltos ao que deveria ser de todos; depois que se fez fortuna por meios legais justos, por meios legais injustos e por meios ilegais e injustos; depois disso é com orgulho que os fariseus tocam trombetas (leia-se: vão à televisão) para anunciar publicamente uma obra de caridade.

De todo modo, o mal menor é sempre preferível. Na ausência de generosidade maior e um espírito de renúncia superior disposto a arrancar o mal da raiz dessa árvore infestada de pragas, pelo menos seja feito o que se está fazendo, mesmo pela urgência da coisa: amenizar, dar impressão de..., aliviar temporariamente... O dia porém, da ruptura é certamente inevitável para a humanidade poder alimentar a pretensão de continuar povoando este planeta, porque assim não dá. Como está e como anda, a humanidade está apenas cavando sua ruína.

Aqui, as suas compras de fim de ano custam a metade do preço



Tecidos

Calçados.

Roupas feitas

TER-BOY

Av. Brasil, 763 - Fone 72-2107 - Av. Brasil, 773 e 774

MERCADÃO

Av. Brasil, 665 - Fone 72-4462

ATACADÃO DA PONTE

BR-277 - KM 540 - Fone 72-2787

Veja a população de Foz, Cascavel e Toledo

Um assunto bastante controverso é a real densidade demográfica dos nossos municípios, especialmente de Foz do Iguaçu, por estarmos muito distantes do último recenseamento feito pelo IBGE e pela explosão populacional verificada nos últimos anos. Agora, porém, temos condições de fornecer dados estatísticos para pôr fim às dúvidas e más informações. O Projeto Especial Multinacional de Educação MEC/OEA fez um levantamento estatístico escolar em outubro de 1978 nos municípios de Foz do Iguaçu, Cascavel e Toledo e colheu os dados que publicamos aqui. O objetivo básico do levantamento foi conhecer a população de 7 anos para matrícula compulsória nas escolas em 1979. Aliás, conhecer a população de 0 a 8 anos, anualmente, em especial a de 7 anos, é uma atividade do Plano Educacional dos três Municípios, elaborado a partir do Diagnóstico Sócio-Econômico-Educacional e prognóstico realizados em 1976/77.

POPULAÇÃO DE FOZ DO IGUAÇU

Segundo os resultados do levantamento Estatístico Escolar realizado nos municípios de Foz do Iguaçu, Cascavel e Toledo, no mês de outubro de 1978, a população real desses Municípios é a seguinte:

Foz do Iguaçu:

- . população da zona rural — 21.905
- . população da zona urbana da sede — 94.893
- . população da zona urbana de Sta. Terezinha — 8.727

TOTAL GERAL da população do Município — 125.525

Dessa população 31.910 habitantes são menores de 8 anos. Desses 32.910, 3.398 têm idade de 7 anos e deverão ingressar na escola em 1979. Essa população está distribuída em 24.647 residências. Para fins do Levantamento foi considerada residência toda e qualquer construção habitada ou não. Esses são dados reais obtidos de residência a residência, coletados mediante questionários próprios, porém, a esses totais podemos acrescentar 10 por cento devido às residências não visitadas por falta de um melhor controle, às residências que estavam fechadas (por motivo de viagem de seus moradores) e às residências que se negaram a fornecer os dados.

Dessa forma podemos estimar a população total de Foz do Iguaçu em 138.077 habitantes. Em abril de 1976, segundo resultados do Levantamento Estatístico Sócio-Econômico-Educacional, a população era de 65.422 habitantes. Percebe-se que a população duplicou em dois anos e meio. Segundo as projeções do Plano de Desenvolvimento Urbano de Foz do Iguaçu (convênio da Itaipu e Universidade Federal do Paraná) a população de Foz do Iguaçu em 1988 seria de 130.000 habitantes. A diferença dos dados reais e dos projetados é realmente insignificante.

CASCATEL:

- . população da zona rural — 52.509
- . população da zona urbana — 98.218
- . população total — 150.727

Da população total, 34.951 habitantes são menores de 8 anos. A população estimada de Cascavel para o ano de 1978, pelo

diagnóstico o prognóstico de 1976/77, é de 156.062 habitantes. Uma diferença de apenas 5.325 habitantes entre o projeto e o real. A população de 7 anos é de 5.449 crianças que deverão ser matriculadas na 1ª. série em 1979. O número de residências do município de Cascavel é de 33.376.

TOLEDO:

- . população da zona rural — 43.384
- . população da zona urbana — 26.457
- . população total — 69.841
- . população menor de 8 anos — 16.996
- . população de 7 anos — 2.646

A população de Toledo em relação ao ano de 1976 por duas razões: Pelo desmembramento de Nova Sta. Rosa e pela grande evasão da população da zona rural que se transfere para outros estados e para o Paraguai.

PLANO EDUCACIONAL

Em 1976/77 foi realizado um Diagnóstico Sócio-Econômico-Educacional nos Municípios de Foz do Iguaçu, Cascavel e Toledo, seguido por um prognóstico e pela programação. Entre alguns dados levantados, constatou-se nesses municípios que de cada 1.000 alunos matriculados na 1ª. série de um ano, somente 92 concluem a 8ª. série do 1o. grau, sem que tivessem reprovado ou abandonado a escola no período de oito anos. De uma amostra de 1.500 alunos constatou-se que 94 por cento eram portadores de pelo menos um tipo de verminose. Comprovou-se que o alto custo do aluno que vem desgastando os Sistemas Estadual e Municipal de Ensino, é acarretado pelo aluno evadido ou reprovado, ou seja, pelo aluno que por qualquer razão repete em dois ou três anos a mesma série, antes de se diplomar. Constatou-se ainda que a capacidade física instalada (prédios escolares) era superutilizada e desprovida, em geral, de ambientes especiais (quadras de esporte, laboratórios, bibliotecas, etc.); que a capacidade docente instalada (professores, técnicos, etc.) era deficiente.

Para corrigir tais distorções e problemas foi eleita uma série de soluções e medidas que visem à correção do fluxo escolar, a otimização dos recursos e o controle da avaliação dos resultados.

Para corrigir o fluxo é preciso matricular em cada ano, num período mínimo de 8 anos consecutivos, todas as crianças de 7 anos e garantir sua promoção sem reprovação e sem abandono.

Para isso é preciso conhecer, em cada ano, as crianças de 7 anos e, se essas não vierem à escola, buscá-las em suas residências. Esse trabalho já foi instalado nos três Municípios a partir do ano letivo de 1978. O aluno que faltar por cinco dias consecutivos sem comunicação à escola, é visitado em sua residência e normalmente retorna à escola. É um trabalho que exige participação integral da Escola e a colaboração dos pais ou responsáveis pelo aluno.

É claro que isso não é suficiente para corrigir o fluxo escolar. O plano desenvolve outros sub-projetos, tais como a Assistência ao Educando, Serviço Médico e Dentário, Entrosamento Escola/Família, Metodologia da Aprendizagem, Treinamento de Pessoal, construções e outros.

ESTRUTURA DO PLANO

Para a execução do plano educacional foi firmado um convênio entre o Projeto Especial MEC/OEA, a Secretaria de Educação do Paraná e as Prefeituras dos três Municípios. Há uma Coordenação Geral e Central, com sede em Brasília, um Grupo de Planejamento e Controle Técnico, com sede em Curitiba, e um Grupo de Planejamento, Controle e Execução em cada Município envolvido, composto pelo Secretário Municipal de Educação, Inspetor de ensino e Secretário Executivo.

Os recursos humanos e financeiros são provindo do Projeto MEC/OEA, do Município e do Estado do Paraná.

Qual você prefere?



FACIT — REMINGTON OLYMPIA OU OLIVETTI?

Decida-se e peça um representante pelo Fone 72-4148.



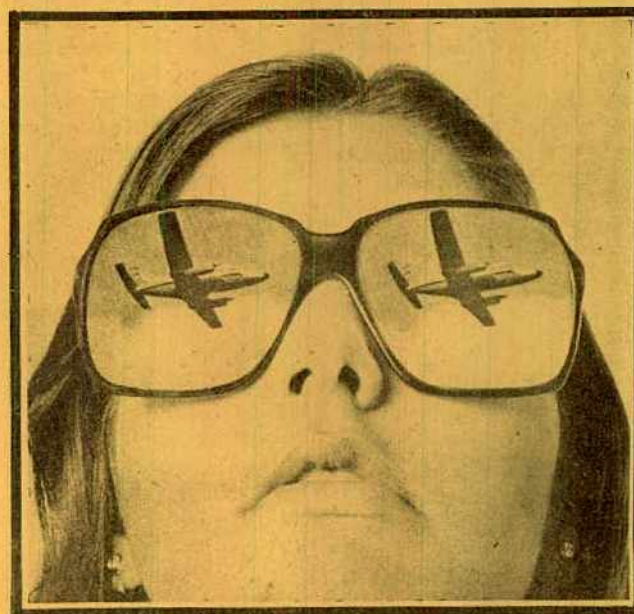
Uma Empresa do Grupo MÓVEIS LAR

COEXMA

EQUIPAMENTOS PARA ESCRITÓRIO LTDA

Av. Carlos Gomes, 832 ao lado da Madezatti.
Fone 72-4148 - Foz do Iguaçu - PR.

Confie seus olhos a quem se especializou neles



Da Jean Marcell, os óculos para sol com lentes dégradées e armações finas nas cores modernas: bege, castor, orquídea verde, rosé, azul marinho e tartaruga.

Otica Moretti

Rua Almirante Barroso, 914 — Fone 72-2073
FOZ DO IGUAÇU

Paulo Takeshi Iwamoto comunica que extraviou os seguintes documentos: Carteira de Identidade e Carteira de Motorista, ficando os mesmos sem efeito por terem sido requeridas as segundas vias. Foz do Iguaçu, 30 de dezembro de 1978

Paulo Takeshi Iwamoto comunica que extraviou os seguintes documentos: Carteira de Identidade e Carteira de Motorista, ficando os mesmos sem efeito por terem sido requeridas as segundas vias. Foz do Iguaçu, 28 de dezembro de 1978

Paulo Takeshi Iwamoto comunica que extraviou os seguintes documentos: Carteira de Identidade e Carteira de Motorista, ficando os mesmos sem efeito por terem sido requeridas as segundas vias. Foz do Iguaçu, 29 de dezembro de 1978

Carlos Alberto Ferreira comunica que extraviou os seguintes documentos: Carteira de Trabalho, Título de Eleitor e Certificado de Reservista. Os referidos documentos ficam sem efeito por terem sido requeridas as segundas vias. Foz do Iguaçu 29 de dezembro de 1978

Carlos Alberto Ferreira comunica que extraviou os seguintes documentos: Carteira de Trabalho, Título de Eleitor e Certificado de Reservista. Os referidos documentos ficam sem efeito por terem sido requeridas as segundas vias. Foz do Iguaçu 30 de dezembro de 1978

Jorge Martins comunica que extraviou sua Carteira de Identidade no..... 4.496.177-SP, ficando a mesma sem efeito por ter sido requerida a segunda via. Foz do Iguaçu, 30 de dezembro de 1978.

Polícia descobre plantação de maconha

Através de uma informação sigilosa, a Polícia Civil tomou conhecimento de que, em determinado trecho de uma estrada secundária, entre Três Lagoas e Santa Terezi-
nha, haveria uma grande plantação de maconha.

Procedendo à sindicâncias, ficou comprovado a plantação existia, embora não fosse na proporção anunciada. O Delegado Siqueira, a quem esteve afeta a operação, comunicou o fato à Polícia Federal e em determinado dia da semana passada, os Agentes se dirigiram ao local arrancando os pés de maconha, alguns com até 3 metros de altura e queimando-os inteiramente. A maconha estava plantada em diversos locais, à beira da estrada. Os proprietários dos terrenos, cuja idoneidade moral está acima de qualquer suspeita, alegaram completo desconhecimento do fato, pois qualquer pessoa, passando pelo lugar, poderia ter plantado a maconha e esperar tranquilamente que ela crescesse, já que os terrenos estavam tomados pelo mato e perfeitamente camuflados.

As investigações prosseguem no sentido de desvendar-se o fato estranho e criminoso. O delegado Siqueira alerta os senhores agricultores para quando avistarem algum elemento estranho em atitude suspeita, rondando suas lavouras, comunicarem o fato imediatamente à Delegacia de Polícia pelo fone 72-1221, como também procurarem conhecer a maconha para facilmente identificá-la em suas plantações. Para tanto, devem procurar o Delegado Siqueira ou o Delegado Caxambu, que lhes prestarão as necessárias informações.

Nota de Falecimento

Os amigos e colegas de

Gilberto de Souza Freire



cumprem o doloroso dever de comunicar o seu trágico desaparecimento ocorrido no dia 24 de dezembro.

Gilberto - ou Gilo, como era mais conhecido - nasceu a 19 de julho de 1959 em Maringá.

Durante muitos anos foi colaborador dos jornais "Frenteira do Iguaçu", "O Paraná" e "Hoje-Cascavel", nos setores de intercalação e circulação, destacando-se como um companheiro exemplar e um amigo em todas as horas. Deixa viúva e uma filha.

Cascavel, 27 de dezembro de 1978.

MÓVEIS MIRANDA LTDA

Servindo bem para servir sempre
Deseja à todos os seus amigos e clientes um Ano Novo próspero e cheio de grandes realizações.

MÓVEIS
MIRANDA LTDA;
Rua Silvino Dal Bó, 223
Sta. Tereziinha.

PUBLICITÁRIA ITAPIRU

de Artemio Barreto Galeano

MAIOR EXPERIENCIA EM PUBLICIDADE:
Representante exclusivo da Rádio Itapiru. AM e FM.

Av. Brasil, 675
Telefone 72-4462

Rádio Itaipu FM Stéreo

Breve em Foz

Aos nossos amigos e clientes.

AOS NOSSOS AMIGOS E FREQUESES

Desejamos que o ano de 1979 seja repleto de prosperidade e saúde. Que Jesus possa acompanhá-los todos os dias. Que cada dia do Ano Novo seja um passo para a grande meta que é a VITÓRIA.

São dos votos do

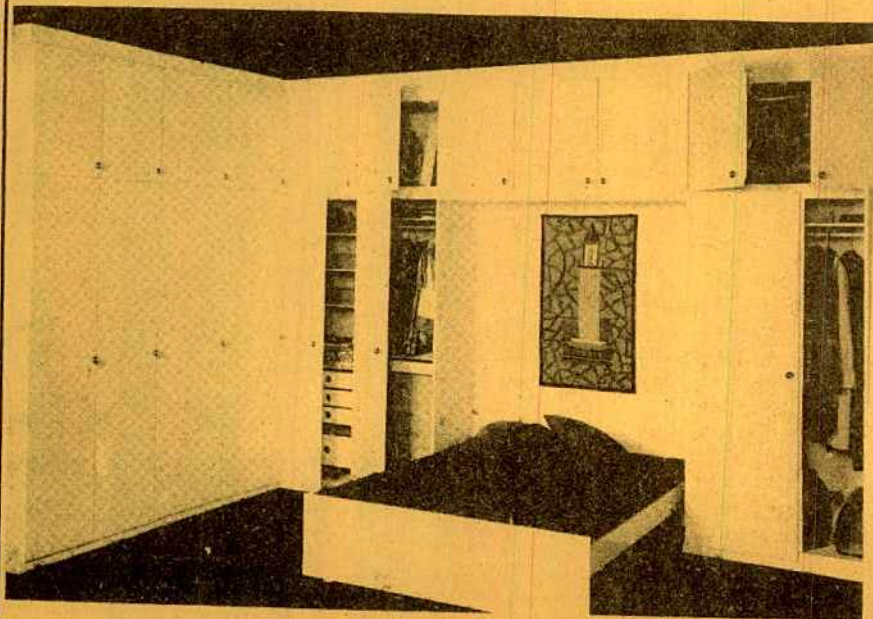
SALÃO ELITE

Av. Jorge Schimmelpfeng, 856

Em frente o quartel da Polícia Militar.

Se você tem bom gosto, procure quem pode lhe oferecer o melhor

MODULINEA



Peça para conhecer todas as opções. Discuta. Exija. Tudo o que você quiser é possível com os Armários Embutidos Guelmann. A Modulinea sabe disso. Ela estudou profundamente o produto antes de poder vendê-lo. Você pode confiar nela.

Os módulos independentes, encaixam-se de jeito que você quiser para compor qualquer ambiente.

Na arte de ocupar espaços, os Armários Embutidos Guelmann adaptam-se às suas necessidades de maneira prática e funcional. Seja qual for o seu espaço disponível.

Comece com o módulo mais simples, se for o caso. Uma única peça. Depois, você acrescenta outros módulos. Os encaixes serão perfeitos, e a cor, sempre a mesma tonalidade.

Modulados - Estofados
Carpets - Tapetes
Eletrodomésticos
Móveis coloniais
Quartos infantis
Jogos de quarto
Laqueados
Cozinhas

MODULINEA

Rua Almirante Barroso, 1233 - TELEFONE: 72-2981 - Foz do Iguaçu - Paraná.



Flagrante de inauguração do Mini-Mercado Lambari



Agenor e Celsai Dariva, da Status Decorações



Uma pequena amostra do que existe na Castelmamare

STATUS

Uma das casas que vem somando conceito a cada dia que passa em Foz do Iguaçu é "Status Decorações", dirigida pelos competentes Agenor Dariva e Celsai Dariva. Responsável pela execução de inúmeros e importantes trabalhos de decorações na cidade e região, a "Status" mortea suas atividades principalmente em dois pontos: bons preços e perfeição nos trabalhos que executa.

Neste final de ano, o ritmo de trabalho da "Status Decorações" é ainda mais intenso, de acordo com Agenor e Celsai Dariva.

CLINICA DENTÁRIA

"Guaporé" é a clínica dentária do doutor Wander Lucio Alves, que aumenta sua clientela dia-a-dia, em Foz do Iguaçu, mercê equipamentos sofisticados e cortesia e delicadeza no atendimento, pelo próprio doutor

Wander e auxiliares.

MERCADO

No último dia 15 aconteceu a inauguração do Mini-Mercado Lambari, localizado a rua Almirante Barroso, esquina com Bartolomeu de Gusmão. O estabelecimento deve conquistar a confiança dos iguaçuenses, pois constitui-se em grande opção para boas compras em gêneros de primeira necessidade.

MÓVEIS

Recentemente fiz uma visita à Castelmamare, uma loja especializada em móveis, lustres e decorações finas. É, realmente fabulosa a decoração interna daquela casa que, se instalou recentemente aqui em Foz. Se você tem bom gosto e quer artigos de primeiríssima linha dê uma chegadinha lá, fica na Raul de Mattos. A propósito: A Castelmamare tem decoradores formados em São Paulo, com longos anos de experiência.

Com a palavra Salvador Fugiwara

Geralmente, as pessoas entrevistadas pelos jornais são autoridades, políticos, professores e representantes de diversas classes que não um simples empresário que não ocupe cargo diretivo em associação da classe.

"NO MUNDO DOS NEGÓCIOS" foge a esta "tradição", e traz hoje uma pequena mas informal e portanto ilustrativa entrevista como um dos mais destacados comerciantes de Foz do Iguaçu, Salvador Fugiwara com grande experiência tanto neste setor quanto no industrial. Porisso mesmo, julgamos válida a conversas que abaixo retransmitimos.

HOJE - Salvador, você está em Foz há quantos anos?

SALVADOR - 3 anos.

HOJE - Veio de onde?

SALVADOR - De São Paulo.

HOJE - Sua atividade comercial é iniciativa sua ou já era uma tradição de família?

SALVADOR - É criação minha. Eu mesmo pus a cara no mundo e parti com tudo para me realizar no comércio, que não é fácil.

HOJE - Nós sabemos que o senhor tem uma rede de casas comerciais e que se dedica ao comércio mais variado. Quais são essas lojas?

SALVADOR - A especialidade de minha rede comercial e industrial é de confecções de roupas feitas e calçados. E minhas casas são as seguintes: José Takushi, Ter-Boy, Indústria e Comércio de Roupas Ltda., Mercado de Roupas Feitas e Calçados Ltda. e Atacadão da Ponte.

HOJE - Mantém casas comerciais apenas em Foz do Iguaçu?

SALVADOR - Sim, apenas aqui.

HOJE - Não está nossa cidade muito saturada de casas comerciais desse gênero, dificultando o progresso de cada firma?

SALVADOR - Sim, está saturado demais e as dificuldades dos comerciantes são muitos grandes. De qualquer modo, todos tem o direito de tentar sua vida e há lugar para todos.

HOJE - Se não estamos mal informados, o senhor tinha uma indústria em São Paulo. O que houve?

SALVADOR - Tinha realmente uma indústria de camisas que agora está em Foz do Iguaçu. Apenas nos

Salvador Fugiwara

transferimos de lá para Foz.

HOJE - Ser industrial é mais rendoso e dá mais "status"?

SALVADOR - Sim e não. Ser industrial hoje demanda muito dinheiro, pois tudo o que é vendido no atacado gira apenas no papel.

HOJE - Como está o movimento comercial de fim de ano - melhor pior ou na mesma base dos anos anteriores?

SALVADOR - O movimento neste ano de 1978 aqui em Foz está muito abaixo dos anos anteriores, pelo menos proporcionalmente. Isso se deve basicamente aos efeitos da seca que assolou o Estado e deixou os agricultores sem dinheiro, endividados, o que fatalmente se reflete na vida da cidade.

HOJE - Sim, mas Foz do Iguaçu recebe a corrente de dinheiro, da Itaipu. Onde vai esse dinheiro todo?

SALVADOR - Não sei. Sei que no comércio de Foz muito pouco desse dinheiro é visto. Isso foi agravado ainda mais pela dispensa em massa que houve nos quadros de pessoal da UNICON e outras empresas que atuam no projeto Itaipu.

HOJE - Quais os principais problemas do comércio de Foz?

SALVADOR - Em primeiro lugar estão os preços astronômicos dos alugueis. Em segundo lugar, há que considerar que Foz é uma cidade fronteira e que os países vizinhos também estão em crise aguda. Isso, evidentemente, se reflete aqui.

HOJE - Pelo menos nos anos passados, as pessoas de maior poder econômico ou de mais bom gosto costumavam ir a outros centros, centros maiores, para fazer compras. Isso continua ocorrendo ou Foz já tem condições de atender às exigências mais requintadas da moda?

SALVADOR - Esse problema continua existindo. Infelizmente os centros industriais de maior gabarito estão nas capitais e nós estamos muito longe delas. Foz não tem condições de atender às exigências mais requintadas da moda, mesmo porque o Brasil é pobre nesse ramo. Aqui nada se cria, tudo se copia.

HOJE - Mas existe aquele problema de comprar em São Paulo o mesmo artigo que poderia ser adquirido aqui só pra esnobar...

SALVADOR - Sim. Isso é frequente. É a história dos preconceitos e vaidades inexplicáveis, não é?

Rádio Cultura. 820 kilohertz

O Sr. João Arlindo Scarparo comunica que extraviou os seguintes documentos: Certificado de Reservista, Título de Eleitor, Carteira de Identidade. No. RG. 1651733, CPF No. 279705078-91 e Carteira de Motorista no. 0222633. Os referidos documentos ficam sem efeito por terem sido requeridas as segundas vias. (Quem encontrar os originais favor telefonar para 71-2212) Foz do Iguaçu, 29 de dezembro de 1978.

O Sr. João Arlindo Scarparo comunica que extraviou os seguintes documentos: Certificado de Reservista, Título de Eleitor, Carteira de Identidade. No. RG. 1651733, CPF No. 279705078-91 e Carteira de Motorista no. 0222633. Os referidos documentos ficam sem efeito por terem sido requeridas as segundas vias. (Quem encontrar os originais favor telefonar para 71-2212) Foz do Iguaçu, 28 de dezembro de 1978.

Guerrilha no Sul: 23 homens tentam levantar o País

Reportagem de Osmar Trindade e Najar Tubino

No burburinho do saguão do Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, ninguém notou aquele senhor de cabelos longos e grisalhos, o rosto envelhecido, mas sorridente, quase alegre. Também não tinha sido notado, um outro homem corpulento, atarracado, cabelo curto, feições de índio.

Eles avançaram um na direção do outro e abraçaram-se calorosamente.

— Sabe o que eu vinha pensando no avião, Alberi? Que hoje é o dia em que se comemora a Intentona Comunista. Imagina se eles soubessem que estamos nos reencontrando justamente hoje. Não iam acreditar que é coincidência.

Ali estavam os dois personagens principais de um episódio que surpreendeu o País, há 13 anos: a primeira tentativa de um levante armado para derrubar o Governo Militar instalado em 1964. O ex-coronel do Exército, Jefferson Cardim Osório, e o ex-sargento da Briga Militar, Alberi Vieira dos Santos.

Na madrugada do dia 26 de março de 1965, os dois, comandando um pequeno grupo de 21 homens, tomaram de assalto a localidade de Três Passos, pequena cidade na Região Norte do Rio Grande do Sul, na época com pouco mais de cinco mil habitantes. Como foi organizada esta ação, os detalhes da Operação Três Passos, (como era chamada) e o que aconteceu com os 23 guerrilheiros presos por tropas do Exército na Região de Capitão Leônidas Marques, no Paraná, ainda não foi divulgado na imprensa.

A imprensa — que estimou em cinco mil o número de homens mobilizados para combater a guerrilha — consagrou a versão das autoridades: era uma ação isolada, desencadeada por dois malucos. Até os partidários de Brizola estimularam a versão de "aventura suicida", procurando desvincular dela qualquer participação do ex-governador.

Alguns jornais chegaram mesmo a divulgar a versão de que o verdadeiro objetivo "dos bademeiros" era um atentado ao Presidente Castello Branco, que no dia 27 de março se encontrava em Foz do Iguaçu, inaugurando a Ponte da Amizade, entre Brasil e Paraguai. O processo aberto pelo Exército, no entanto, envolveu 300 pessoas nos três estados do Sul.

Nos primeiros dias de novembro, o Coojornal promoveu o encontro de Jefferson, que está com 67 anos e saiu da cadeia há 14 meses, e Alberi, hoje com 41 anos em liberdade desde 1973. É a primeira vez que se reencontraram fora da prisão e o depoimento que publicamos a seguir é o primeiro que dão a um jornal — o resumo do que será um livro em breve.

No relato, algumas revelações importantes. Por exemplo: a Operação Três Passos fazia parte de um plano organizado por Leonel Brizola para contragolpear o Governo Militar e que contava com o apoio de comandantes de várias guarnições militares no Sul, como Santa Maria e Pelotas. Desde que se exilou no Uruguai, nos primeiros dias de abril de 64, o sargento Alberi funcionava como um assessor militar de Brizola. Viajou por todo o país estabelecendo contatos em vários estados — Rio Grande do Sul, Paraná, Rio de Janeiro, Piauí — ou mesmo levando militares da ativa e líderes civis a Montevideu para acertar o início do movimento.

Nesse quadro, a Operação Três Passos seria uma senha, para desencadear um movimento amplo que imediatamente contaria com a adesão de Brizola. O grupo pioneiro deveria tomar uma cidade qualquer no Rio Grande do Sul, ler um manifesto conclamando a população à rebelião. Imediatamente em vários pontos explodiriam focos de insurreição. Os dois acusam: Brizola recuou na última hora, deixando-os isolados.

Os dois refutam também a versão oficial da morte do sargento do Exército, Carlos Argemiro Camargo, que tombou no combate travado com os guerrilheiros no Paraná. O coronel Jefferson diz que nada ficou provado contra eles. O sargento foi morto por balas de metralhadora INA, que o grupo não tinha.

Um outro fato a destacar: a ação conjunta das polícias brasileira e argentina para seqüestrar o coronel Jefferson. Asilado em Argel, ele estava de passagem por Buenos Aires, em dezembro de 1970, quando foi preso e recambiado para o Brasil num avião militar brasileiro. Repasse feito com o aval do então embaixador Antônio Azeredo da Silveira, hoje Ministro das Relações Exteriores.

— Em que circunstâncias o senhor soube do golpe em 64?

Jefferson — Na noite do dia 1º de abril, na residência do cônsul Murilo Bastos, em Montevideu, junto com o Leocádio Antunes. O Leocádio disse:

— Não, o Amaury Kruehl vai salvar a situação.

E eu respondi:

— Leocádio, o Amaury é um traidor, é traidor histórico. Fez a carreira da traição.

O Leocádio quase brigou comigo, disse que eu estava falando mal de um amigo meu e do Jango. Ficou exaltado. Na semana seguinte embarquei de ônibus para Porto Alegre. Vinha pronto para entrar na luta. Quando passei em Bagé, as rádios estavam ainda naquela cadeia, como em 1961. Fiquei escondido oito dias, procurei contatos e senti que não ia acontecer nada. Voltei ao Uruguai e fui detido e desarmado no lado uruguaio. Fui solto em seguida e me devolveram a arma em Montevideu. Cheguei lá no dia 10 de abril, o Jango já estava lá e na mesma noite fui falar com ele. Falei que tinha que fazer alguma coisa e ele me respondeu:

— Não, Jefferson, agora não tenho cabeça para pensar

— O senhor já tinha alguma proposta concreta para fazer ao Jango?

Jefferson — Claro. Fiz depois e ele topou. Quando entrei no Uruguai, entrei pelo Chui e já fiz um levantamento das condições da região, que eu já conhecia de antes. É uma região isolada, de difícil acesso. Eu disse ao Jango:



O ex-coronel Jefferson Cardim, em Porto Alegre

Petro Flores

"Preciso de 500 corgos para tomar o Chuí. Com cinco ou seis homens, não precisa mais que isso. Lá a gente instala o Governo em Santa Vitória do Palmar e inicia a resistência". Eu tinha um planejamento por escrito da operação, que depois inclusive foi até elogiado pelo general Oscar Luiz da Silva, pela precisão logística. O Jango concordou, mas disse que só tinha 200 ou 300 contos no bolso, que era tudo o que podia me dar. A Operação Chuí consistiria no seguinte: eram 10 homens inicialmente e depois entrariam mais elementos civis da região de Santa Vitória do Palmar, gente que estava do lado do Jango. A Operação era perfeitamente viável porque na região só havia um pequeno destacamento da Brigada Militar. Vitoriosa a operação, João Goulart estava disposto a voltar e instalar o Governo em Santa Vitória, de onde se tentaria organizar e expandir a resistência. Alguns fazendeiros da região chegaram a ir falar com Jango, dando apoio. A Operação só não foi realizada porque alguns companheiros que haviam se comprometido a conseguir equipamentos — armas e uniformes — falharam e em seguida chegou o Brizola e o grupo, que até então estava em torno de Jango, desagregou-se.

Alberi — Após a chegada do Brizola a Montevideú, começou a chegar muita gente — políticos, oficiais das três armas, elementos expurgados, alguns que saíram sem motivo nenhum, só de medo. Cada um contava uma história, dizia que tinha tantos homens para lutar — alguns falavam em 30, 100 e houve caudilho que falou em 500 homens. No começo eu acho que ele se impressionou com os números, porque Brizola era um homem sem nenhum conhecimento militar e até sem ideologia. E estava cercado de pessoas que também não tinham conhecimento militar, como o Paulo Schilling, o Dagoberto Rodrigues e o Tenente José Wilson, que eram seus principais assessores.

— Qual foi o papel do Brizola na preparação do movimento: tomou parte ativa? Estimulou discretamente? Apenas tomou simpatia?

Alberi — O que houve é que o Brizola era um líder político e o movimento foi desencadeado e engrenado no plano geral dele. Houve um momento em que eu fiz uma viagem e o Orlando Bourmann fez outra e os nossos relatórios coincidiam num ponto: estávamos perdendo terreno a cada dia, as pessoas passavam a desacreditar em qualquer plano e a repressão se estruturava. Colocamos isto numa reunião, dissemos ao Brizola que ele estava se desgastando. Ele concordou e convocou o coronel Celeni, que comandava um batalhão da Briga Militar em Pelotas, que foi a Montevideú e confirmou nossos relatórios. O Brizola era o responsável político pelo movimento. Mas depois, quando fracassou, ele fez uma nota dizendo que não tinha nada com isso.

Jefferson — Ele era o chefe político do movimento. Quero frisar que o nosso movimento era o dele. No primeiro encontro com o Brizola em Montevideú o coronel Pedro Alvarez estava junto. Lá por julho de 64, até o convidei para almoçar em minha casa, mas tudo malogrou porque elementos brizolistas andavam fazendo críticas a minha pessoa. Resolvi me afastar. Em dezembro, a minha filha foi atropelada e, assim como outros exilados, ele foi visitar-me no Sanatório Americano. Ele falou que precisava muito falar comigo e eu relutei, dizendo-lhe que estava desejando retornar ao Brasil. Já estava de malas prontas para voltar embora soubesse que seria preso na fronteira. O tenente Wilson e o Eliseu Torres são testemunhas que ele foi me procurar. Resolvi ir ao seu apartamento e ele me fez a colocação: "Jefferson, preciso muito de você porque eu estou vendo que os elementos que dispoño não são suficientes e você é um homem de lutas". Me disse que desejava iniciar o movimento: "Jefferson, daqui por diante você tem que estar em contato direto comigo, porque é o homem com quem eu conto". Fizemos um pacto com um aperto de mão: "Morrer pelo povo". Ainda tive mais três ou quatro encontros com ele. No último ficou bem claro que eu ia iniciar o movimento antes de completar um ano do golpe militar.

— Quem financiava, quem liberava o dinheiro para as viagens de sondagens que vocês faziam ao Brasil?

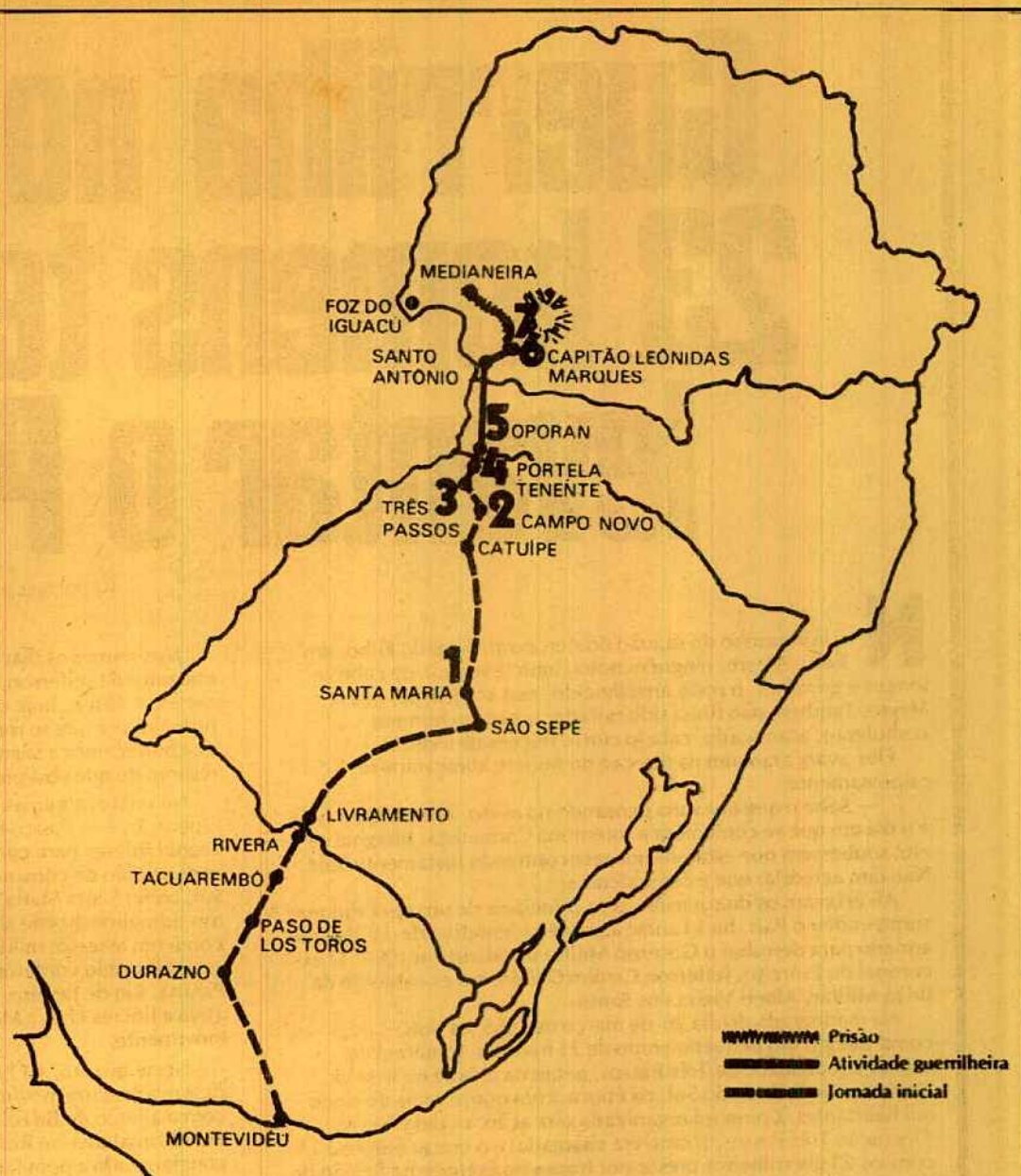
Alberi — No Brasil havia pessoas que colaboravam, como é o caso do Doutel de Andrade, e formava-se uma caixa em Montevideú. Geralmente era o Dagoberto quem movimentava esse dinheiro. Quando viajava, eu pedia dinheiro ao tenente Wilson que dizia ao Dagoberto que liberasse.

— O Brizola falava sobre o objetivo político do movimento?

Alberi — Não só o Brizola. Era discutido e aceito por todos os elementos que iam lá: era uma revolução tomava o Poder e depois a linha política seria de acordo com o desdobramento e a maioria que assumisse o Poder. Ele era flexível nessa parte. Costumava dizer que iam fazer a revolução por etapas e que a linha política viria em função da maneira como fosse tomado o Poder. Se fosse tomado por uma revolução convencional, uma quartelada, a quebra de estrutura teria que vir através de reformas normais. Se fosse através de uma luta prolongada de guerrilha, os quadros se forjariam na luta.

— Brizola falava na participação de Jango nessa luta?

Alberi — Ele achava que o Jango não estava no Brasil. Era uma maneira inclusive de incompatibilizar, sem dizer tudo que não aceitava se o Jango entrasse, porque aí iria ferir oficiais que foram lá propor uma solução legalista: Jango assumir e dar eleição em 90 dias. O general Amaury Kruehl foi um dos que esteve lá nessa época e só falou com



- 1 — Compra de um fuzil
- 2 — Acampamento às margens do Rio Turvo
- 3 — O começo da operação
- 4 — O outro destacamento assaltado

- 5 — Decisão pela guerrilha
- 6 — Localizados pelo Exército
- 7 — Ponto onde se deu o combate

O roteiro: 1.600 quilômetros desde Montevideú

Jango. Depois ele aceitou tratar algumas questões com o Brizola. O Brizola não excluía a possibilidade de o Jango voltar como Presidente depois de um contragolpe, que era a primeira alternativa. Então este seria um dos objetivos: o Jango voltar, assumir e dar eleição direta, nas quais Brizola seria candidato natural à Presidência. Isto na alternativa da quartelada. Agora, numa guerrilha prolongada, ele não aceitaria naturalmente a liderança de Jango.

Jefferson — O objetivo e as intenções políticas de Brizola são uma questão delicada. Eu senti durante todo esse tempo que estive com ele que com revolução ou quartelada o que estava em vista era afastar Jango quando o movimento estivesse vitorioso. Notava-se que ele ainda estava em dúvida sobre como conduzir o movimento se vitorioso, porque ele não poderia talvez nem ser um chefe político permanente, um ditador, pois que entrariam na luta outros líderes políticos.

— Como se desenrolou a Operação Três Passos?

Jefferson — Nós tínhamos um acordo, eu e o Brizola, eu não fazia perguntas sobre os planos dele e me reservava o direito de não informar onde nem quando lançaria o que ele dizia ser o estopim para eclodir um movimento de insurreição no Rio Grande do Sul. Então, na saída do último encontro, que foi no dia 13 de março, eu disse-lhe que ia dar início ao movimento antes do último dia de março. Ele dis-

se para mim entrar em contato com o Alberi e o encontrar logo que sai da casa do Brizola, em Atlântica, onde Brizola já estava confinado. Combinei com o Alberi vir até a minha casa. Sobre um mapa do Rio Grande do Sul, fizemos o planejamento e o roteiro, os pontos a serem atingidos, a região preferida. O Alberi escolheu a Região Norte, que ele conhecia e era desprotegida. Depois fui ao Jango e ao Darci Ribeiro. Falei com o Darci no dia 15 de março, porque o Jango tinha ido a Tacuarembó verificar um roubo de dinheiro na fazenda dele. Disse ao Darci: Vou começar o movimento antes de completar um ano do golpe. E ele me respondeu: "Jefferson, eu só peço a você isso: comece antes de completar um ano. Inicie, pelo menos, para que abale a situação". Então eu lhe pedi uma ajuda econômica e ele me disse que só dispunha de 500 dólares mas que eu podia levá-los. O Jango voltou no outro dia, mas me disse que não tinha dinheiro, que tinha sido roubado. Em casa eu tinha uns 200 dólares e o Ivo Magalhães nos deu mais 300 cruzeiros. No total, tínhamos uns mil dólares que convertimos em cruzeiros e em pesos. No dia 17 de março compramos as armas numa loja de Montevideú: três armas de caça tchecas semi-automáticas, de 15 tiros, calibre 22, compramos mil tiros para cada uma. O sargento Aires tinha um 38 e uma arma de caça, o Alberi tinha um 38 e eu tinha uma pistola 45. Gastamos uns 250 dólares. Então embriulhamos tudo, novinho, peguei todos os meus unifor-



Grupo de prisioneiros apresentados aos jornalistas alguns dias depois

— Acorda rapaz, vamos que a Revolução começou. Brizola vem aí

mes... Mas dois dias antes eu fui convidar os sargentos lá no Hotel Harmonia e no outro da Praia de Pocitos. Falei para eles do plano da luta armada, eles disseram que não tinham recebido ordens do Brizola. Eram uns 30, vivendo às custas do Brizola, na praia, casa e comida e mais 100 pesos por dia, cigarros, mulheres, uma gostosura. Dois ainda aceitaram participar mas no dia não embarcaram.

Alberi — Eu vou abrir um parêntese. No período anterior, passou-se por uma série de planejamentos, mapas e tal. Eu não vou deixar de dizer que o rei está nu. Começaram a fazer planos, mapas. Eu vi um dos mapas, muito bonito, do Mato Grosso até o Rio Grande do Sul, incluía desde armamentos, fardamentos, assistência para os familiares, verba para combustível. Seria uma região de quase seis mil quilômetros, do Chui ao Mato Grosso. Estavam indicadas possíveis entradas pela Guiana. Na minha opinião, foi em função desse grande planejamento que o movimento foi sendo protelado, pois dependia de grandes recursos.

— Quem financiaria essa operação?

Alberi — Esse planejamento foi levado a Cuba pelo Darci Ribeiro e com base nele foram liberados 500 mil dólares. E depois veio outra remessa de 500 mil dólares. Nesse momento começaram as brigas em torno da divisão do dinheiro: se ficava um terço com Brizola, um terço com o Jango e outro com o Darci Ribeiro. O Brizola alegava que Jango e Darci eram a mesma facção. A primeira remessa veio entre 12 e 15 de dezembro de 64 e a outra entre 5 e 8 de fevereiro de 65. Um dia eu perguntei ao Brizola porque estava sendo protelado o movimento. O José Wilson e o Eliseu Torres estavam juntos. Ele falou que estava esperando dinheiro e eu perguntei pela remessa que tinha chegado. Aí ele falou que era uma engrenagem, que teria um orçamento, que era uma verba de três milhões de dólares. Eu respondi: com três milhões é melhor comprar os generais, sai mais barato e não precisa brigar. Foi nesse dia que eu e o sargento Firmo Chaves ameaçamos largar tudo. Então o Brizola voltou a dizer que as coisas estavam se encami-

nhando, que iam sair imediatamente e me falou pela primeira vez no nome do coronel Jefferson, que estava em contato com ele. Mas passaram-se os dias e não saiu movimento nenhum, nem nós pegamos qualquer importância desse dinheiro para a Operação Três Passos.

Jefferson — Vamos retomar o roteiro. No dia 18 de março de 65, fui de táxi apanhar o Alberi no Hotel Harmonia, de lá levamos o sargento Chaves para apanhar o trem. Encontramos o Francisco Lage que estava saindo para Pelotas. Então eu, o Alberi e o sargento Aires saímos para Rivera, de táxi. Em Rivera ficamos hospedados na casa de um amigo o Romeu Figueiredo. Em Melo, na fronteira com Bagé, tinha o grupo do Juca e da Elida Costa, dissidente do PC, que deveria fazer uma incursão rápida ao Brasil, uma manobra diversionista para atrair a atenção e acabou não fazendo nada. De Livramento seguimos para São Sepé, onde pensávamos em reunir 20 ou 30 homens. Em Santa Maria o coronel Firmo tinha combinado, através do Bonilha, que estava pronto para fazer uma ação dentro da cidade. Era dia 19 e já estávamos dentro do Rio Grande. O Chaves foi até Porto Alegre onde encontrou de passagem o Francisco Lage, emissário do Brizola.

Alberi — Dois ou três dias antes, eu combinei com os rapazes para quebrar o pau em Pelotas. Aí o Brizola manda o Francisco Lage a Pelotas — nós ficamos sabendo por coincidência — dizer que não entrassem no movimento sem a palavra de ordem dele, quando o combinado era que ao ser lido um manifesto em alguma rádio do Rio Grande todos deveriam se movimentar.

Jefferson — E o Brizola ficou sabendo no dia 19 de manhã que nós já estávamos em Livramento, porque ele mandou o Wilson a minha casa me procurar. Mas eu não podia ter dito a ele que ia embarcar, até porque a gente suspeitava que tinha um informante do adido militar brasileiro, coronel Câmara Senna, na casa dele. Nos sete dias que nós corremos de Montevideu a Três Passos, o Brizola poderia ter mandado um mensageiro, pois os sargentos Augusto, Afonso e mais o Brandão sabiam de todo o plano, sabiam

até onde nós estávamos. O Brizola não foi um delator, não delatou o movimento à polícia. Foi isso que eu disse no inquérito ao general Oscar Luiz da Silva. A traição dele foi ter mandado iniciar o movimento e depois ter-se arrependido e não colocar o plano em execução. Não sei por que, pois ele dizia que estava tudo cem por cento. Isto eu quero deixar bem claro porque ele não estava falando com uma criança. Eu, um homem de 53 anos, ia iniciar um movimento com risco de vida e ele não era um desafeto meu para que fizesse essa traição. Ele se omitiu.

Alberi — O general Geraldo Alvarenga Navarro, que na época era coronel, comandava o 18º RI em Porto Alegre e perguntou ao Eliseu Torres, secretário do Brizola, por esses detalhes na minha presença. O Eliseu respondeu que "nós estávamos preparando um manifesto que o Brizola ia lançar de apoio ao movimento e quando fracassou a Operação Três Passos o Brizola fez uma nota dizendo que não tinha nada com o assunto".

Jefferson — Vamos reconstituir o roteiro: Livramento, São Sepé, Santa Maria — compramos um fuzil por 10 contos em Santa Maria —, Cruz Alta, Ijuí e aí chegamos à costa de Campo Novo, pernitoamos em Catuípe.

— Toda essa movimentação era feita como, de carro?

Jefferson — De táxi, sempre trocando de táxi em cada cidade... Seguimos, então, na direção da costa do Rio Turvo, que fica entre Três Passos e Campo Novo. Pernoitamos na casa do irmão do Alberi, o Silvano, no dia 21 e lá permanecemos até o dia 25, no mato. Nesse meio tempo esperávamos a viagem de dois companheiros: o Aires, que deveria levar 20 homens, e o Chaves, que deveria levar pelo menos 10 sargentos de Porto Alegre.

Alberi — Esse pessoal deu uma desculpa que não convenceu, depois. Então, o Chaves voltou só com o Bonilha e o Aires levou só três. Nós, que deveríamos estar com 60 homens para a tomada de Três Passos, na hora tínhamos 23 e a maioria lá da região.

Jefferson — Para o início da operação, o professor Waldemar Dorneles fez um croqui, com os pontos de ataque, e

Jefferson: carreira militar com muita atividade política

Jefferson Cardim de Alencar Osório, nascido no Rio, filho de um oficial da Marinha, teve uma carreira agitada no Exército. Em 1932, com 18 anos, estava entre os 800 alunos que pediram exclusão da Escola Militar do Realengo em solidariedade a seis colegas, expulsos por iniciarem um movimento contra o envolvimento da Escola na Revolução Constitucionalista. O protesto coletivo fez com que a punição dos seis fosse revista, para que a escola não ficasse vazia e o Exército sem futuros oficiais.

Nacionalista, tendendo para a esquerda, ingressou na Aliança Libertadora Nacional em 1935, quando ainda era segundo tenente. Era inimigo feroz dos integralistas que ganhavam força no meio militar na época e não perdia oportunidade para combatê-los. Quando houve o golpe frustrado de 10 de novembro de 1937, estava no subcomando do forte Rio Branco, em Niterói, onde quase todos os oficiais, inclusive o Comandante, eram integralistas e foi preso.

Em 1943, ajudou a fundar, em Santa Maria, onde servia, um subdiretório da Sociedade Amigos da América, entidade que pregava mobilização contra o nazifascismo. Ampliou a sociedade por diversos municípios gaúchos, promoveu passeatas e comícios e no dia 22 de agosto foi preso, logo depois de um discurso contra o Estado Novo.

Estava em Cruz Alta, em 1948, quando foi a Montevideu casar com uma uruguaia que havia conhecido em Livramento, na fronteira. Quando voltou, foi novamente preso: ele casou no dia 3 de janeiro, dia do aniversário do líder comunista, Luís Carlos Prestes, e seu Comandante associou sua viagem as homenagens que foram prestadas a Prestes no Uruguai. Quando os militares nacionalistas se engajaram na campanha pelo monopólio do petróleo, Jefferson era um dos mais ativos. No final de 56, foi indicado para o subcomando do 2º Regimento Antiaéreo de



Ex-coronel Jefferson



Ex-sargento Alberi

Quitaúna, que era comandado pelo coronel Ernesto Geisel.

— Apresentei-me, pedi residência e ele me respondeu asperamente que eu não tinha o direito a residência na Vila Militar. Pedi um quarto no quartel e ele também negou. Então estudei a legislação militar e 10 dias depois voltei a ele, dizendo que tinha direito, que a lei me apoiava. Ele me respondeu: "A lei aqui sou eu". Depois me puniu com oito dias de prisão.

Participou da campanha do general Lott à Presidência da República e, quando Jânio renunciou, foi preso quando engajava-se no movimento pela posse de João Goulart. Um dos oficiais que o prenderam foi o então capitão Tarcísio Nunes. Teve uma passagem atribulada por Belém e em 63 ficou quase um ano sem função. Elaborou então um relatório descrevendo a conspiração militar que se armava contra o Governo e entregou-o a Brizola. Ainda em 63, foi mandado para um cargo no Lóide Aéreo em Montevideu. Em fevereiro de 64, fez um apelo dramático ao seu amigo general Argemiro Assis Brasil, chefe da Casa Militar de Jango. "Me dê um comando, Argemiro, precisamos impedir o golpe". E ouviu como resposta: "É tarde Jefferson. O Jango não me ouve. Estamos perdidos. Fique em Montevideu, que você já está exilado".

Alberi: já entrou no Uruguai com o plano de guerrilha

Alberi dos Santos Vieira começou sua carreira como sargento da Brigada Militar, em 1961, preso por 30 dias. Ele e seus 50 colegas haviam convidado o governador Leonel Brizola para parágrafo, mas entre o convite e a formatura, Brizola demitiu, cedendo a pressões, o comandante da Escola, coronel Ernani Afonso Tein.

Irritados, os alunos decidiram desconvidar o parágrafo e não realizar a formatura. Foram todos presos.

No episódio da Legalidade, mobilização que Brizola fez para garantir a posse de Jango em 61, ele estava entre um grupo de sargentos da guarnição de Passo Fundo que forçaram o comandante a definir se a favor de Jango. Mas ficou marcado.

Mais tarde, já no Governo de Ildo Meneghetti, recebeu ordens para expulsar colonos da reserva indígena de Nonoai. "Eu sabia", diz ele, "que o filho do Meneghetti, o João Meneghetti, andava perseguindo os colonos, para cortar árvores e vender madeira, e não cumpria a ordem. Já me apresentei em traje civil, dizendo que não cumpria ordens absurdas. Disse ao Comandante que expulsar colono das terras sem ordem do Poder Judiciário contrariava tudo o que eu tinha aprendido sobre leis militares".

O jornal populista Última Hora deu em manchete o fato: "Sargento rebelado contra o massacre dos sem-terra". Houve mobilização de outros oficiais para apoiá-lo e o Comandante decidiu transferi-lo para Passo Fundo. "O golpe de 64 me encontrou lá, preso". Dias depois conseguiu fugir de forma espetacular e ficou nove dias na Região de Nonoai, Três Passos, Planalto (onde nasceu e se criou), fazendo levantamento das possibilidades de recrutar gente para a luta armada. Chegou até a fazer um mapa detalhado, com número de pessoas, alvos e tudo mais. Depois entrou no Uruguai, por Rivera, já com o plano da guerrilha na cabeça.

—Parem, vocês estão presos. Rendam-se. E aí foi uma debandada

durante a tarde do dia 25 nós fizemos um levantamento. O ataque foi planejado com as prioridades estabelecidas e o número de homens era suficiente, mas era necessário agir com precisão. Tínhamos pela frente: um destacamento com 12 ou 13 homens, o presídio com oito homens, a patrulha da delegacia, mais a central telefônica e a rádio. Eram seis operações para fazer com 23 homens. Ao meio-dia — nós tínhamos instalado um Quartel General com guarda e tudo num galpão à margem do rio — deu-se um fato inesperado. Eu estava a escrever o manifesto e o guarda veio me dizer que estava chegando um homem a cavalo e perguntou o que fazer. Eu disse que lhe desse voz de prisão. O homem ficou assustado, disse que só queria cobrar uma conta de 20 cruzeiros do dono do galpão — que era um dos guerrilheiros — e nós o convidamos para ajudar a comer o porco que estava sendo assado.

Alberi — Chegamos a Três Passos mais ou menos às 10 e meia da noite. À meia-noite cortamos os fios do telefone a um quilômetro da cidade. Durante a tarde, num jipe velho e vestido de camponês, eu tinha feito o reconhecimento da cidade. O presídio ficava numa baixada e o destacamento no alto. De modo que da escada do destacamento se via o presídio. Então, era preciso atacar primeiro o destacamento, que tinha oito homens. Quando chegamos no destacamento, logo na entrada, o cabo-de-dia, um polaquinho, estava dormindo.

Jefferson — Eu desci, de quepe, todo fardado, o Alberi veio junto, civil. Deixamos o pessoal dentro do caminhão, um Ford 39, caolho, que só tinha um farol e que nos fora cedido por um chefe do PTB num povoadinho de Campo Novo e foi preciso empurrar para fazer andar. No primeiro assalto, abri a porta do destacamento, não tinha ninguém mas estava tudo iluminado. Invadimos o alojamento, eu e o Alberi; e mandamos os homens se levantarem. Eram sete, um estava dormindo na porta. Eles me viram fardado e se levantaram assustados. Ai se deu um fato engraçado: houve duas ordens de comando. Eu gritei: "Deitem-se". E o Alberi gritou: "Levantem-se". Eles não sabiam qual obedecer. Estavam todos de cuecas. Logo veio o Aires com o pessoal, pegamos as armas, arrombamos o almoxarifado e inutilizamos a chave da estação de rádio e o telefone. Feito isso, limpamos tudo: armas, munições e uniformes e os deixamos só de cuecas. Ai chegou o sargento chefe do destacamento e abraçou-se ao Alberi, haviam servido juntos. Já estava um reboliço e não adiantava tentar nada mesmo. "O coronel está aqui, é o plano do Brizola e tal e a situação já está dominada". Dali fomos ao presídio. O guarda se assustou e correu para o fundo, que não tinha saída. Outro guarda viu e também fugiu. Os outros estavam todos dormindo também. O cabo, um negro, não se acordava nunca. Nós já estávamos carregando as armas e ele continuava dormindo ou fingindo para não levantar, pensando que o barulho era troca de horário de serviço. Só acordou mesmo quando lhe esfregaram um revólver na cara. Ai se assustou mas já foi levado direto para o caminhão, só de cuecas, como todos os outros. Deixamos só os presos comuns nas celas. Mas ainda lá no presídio chegou um comissário e alguns populares e eu disse que era uma ação do Brizola. Alguém gritou "Viva a revolução!" e houve um comício rápido: eu disse que o III Exército já tinha aderido, que Porto Alegre já havia sido dominada e que eu estava ali para dar segurança e por isso mesmo ia desarmá-los. Restava a patrulha e o delegado.

Mas dali fomos ao Banco do Brasil. Tocamos a campainha e o gerente desceu de pijamas, morava na parte de cima. "Queremos dinheiro, rebentou a revolução aqui no Rio Grande, o III Exército já aderiu e neste momento o Brizola deve estar chegando a Porto Alegre. Precisamos de dinheiro para o nosso deslocamento". Ele não deu. Disse que a outra chave estava com o subgerente, em Ijuí. O Bonilha queria arrombar o cofre mas eu não permiti. Mandei o gerente se recolher tranquilo que não faríamos nada. Ai veio o problema da leitura do manifesto.

Alberi — Quando íamos entrar na rádio, chegaram mais três elementos da Brigada, metemos as armas neles e se entregaram. Vinham da zona do meretrício. Logo vem chegando a patrulha da Delegacia, com dois inspetores e dois soldados. O Comissário — que era responsável pela Delegacia e nosso companheiro — já tinha me dito de tarde que teria um caminhão novo abastecido a nossa disposição. Prendemos todos e mandamos subir, só de cueca, para o caminhão velho. Na hora da leitura do manifesto, o operador disse que a rádio não estava funcionando (a rádio era do doutor Amaral de Souza, agora indicado governador, e trabalhava lá um cunhado dele). Ai eu falei que dava um minuto para ele consertar o defeito. Ficou tudo pronto antes do minuto e o coronel Jefferson fez a leitura. O manifesto foi gravado e tem cópia no processo. Era um documento nacionalista, falava nas reformas e conclamava o povo à luta armada. Denunciava que o Brasil estava transformado num quartel. A gente já estava com 35 presos sem dar um tiro. Demoramos duas horas na Operação, uma hora mais que o previsto. As duas horas saímos de Três Passos, para Tenente Portela.

Jefferson — Tomamos o Mercedes-Benz novo e seguimos para Tenente Portela. Chegamos antes das três horas. Eu e o Alberi fomos ao destacamento, abrimos a porta e o sargento estava sozinho. Mesmo assim quis reagir. Foi nessa hora que o Alberi empurrou e disse: "Vocês não podem desobedecer o coronel. Se ele está mandando en-



Sargento Chaves e outros chegam para depor em Porto Alegre



Em Pelotas apareceram muros pixados e houve várias prisões na cidade

tregar as armas, têm que entregar". Ai ele fugiu e abandonou o posto pelos fundos...

Alberi — Era um safado, tinha até foto do Meneghetti na parede e nós a quebramos toda. Eu soube depois que ele pulou uma janela para fugir e se machucou, diziam que tinha quebrado um braço ou uma perna...

Jefferson — Eu fiquei na mesa do sargento e os nossos homens entraram para quebrar a estação de rádio e cortar o telefone. Foi uma devastação, destruímos tudo. E seguimos imediatamente para cruzar o Rio Uruguai e entrar em Santa Catarina. Eram duas horas de viagem até a balsa. Chegamos às cinco horas. Tinha um cabo PM no destacamento e eu dei ordem para que ele chamasse o balseiro, que era uma ordem do Estado-Maior para realizar uma operação. Enquanto vinha o balseiro, mandei o cabo botar todo o armamento no caminhão, até mapas e máquina de escrever. Só não quebramos o telefone porque a nossa idéia era voltar a esse lugar para algum eventual contato. O balseiro chegou e disse que do Exército não se cobrava para transportar. Uma hora depois estávamos em Iporã, na fronteira com a Argentina. As rádios de Porto Alegre já estavam noticiando a leitura do manifesto e, conforme o combinado em Montevideu, deveria haver reação. Tínhamos 60 fuzis, uma metralhadora tcheca de tripé, daquelas pequenas, e uns 30 revólveres e muita munição. Pensávamos em armar mais gente. As seis horas, fizemos uma refeição reforçada numa hospedaria do povoado.

— Por conta da causa?

Jefferson — Não, eu paguei. Só não pagamos o óleo diesel em Três Passos. E o caminhão não foi roubado, não. O caminhão foi cedido pelo comissário, eu não roubei. Isto eu disse no inquérito. Só não paguei as pilhas na casa comercial que fizemos abrir de madrugada. Lá deixei um cartão meu como garantia dizendo que pagaria depois.

— A esta altura vocês já percebiam que o plano do levante geral havia fracassado?

Jefferson — Sim, nós planejamos duas opções. Um movimento convencional, uma quartelada, e, caso falhasse, um movimento de guerrilha.

Até aí o planejamento era a quartelada. Visava tomar destacamentos e esperar adesões de quartéis. Já dava para sentir que não havia reação nenhuma. As rádios noticiavam desde a madrugada a leitura do manifesto e a tomada de Três Passos. E noticiavam com ênfase. É preciso notar que as rádios até estimulavam para que houvesse reação. Diziam que a operação era de grande envergadura, que eu dispunha de 200.300 e até 400 homens conforme a versão de cada uma. E citavam meu nome. Até aqui, então, era o planejamento da revolução do Brizola. Agora era

preciso pôr em execução o planejamento da guerrilha. Eu, o Alberi, o Aires, e o Bonilha conversamos e combinamos que não podíamos perder mais tempo. Era o dia 26 e resolvemos que ainda nesse dia deveríamos atravessar o estado de Santa Catarina e ingressar no Paraná. Quando chegamos nesta fronteira, os homens já estavam todos fardados de brigadianos — menos o Alberi — e empunhando fuzis. O chefe do destacamento arriou a corrente e disse: "Pode passar, coronel". Fizemos o roteiro até Santo Antônio e chegamos de novo próximo à fronteira com a Argentina. Reabastecemos o caminhão, pegamos um tio do Alberi para servir de guia, porque o nosso destino era ao Mato Grosso.

— Manobramos por uma estrada secundária para evitar passar pela Foz do Iguaçu e atingimos Leônidas Marques. Mais ou menos às cinco da tarde um avião — um Douglas DC-3 — passou alto, eu mandei jogar o caminhão para dentro do mato, mas ele nos localizou. Quando chegamos a Leônidas Marques, depois de atravessar o Iguaçu numa balsa, era mais ou menos meia-noite. Forçamos a abrir um restaurante para comer sanduíches e o rádio anunciava que tinha guerrilheiros no Paraná. Eu disse ao dono do restaurante: "Estamos aqui por ordem do Estado-Maior para procurar esses guerrilheiros". Procuramos um contato e não encontramos e resolvemos pernoitar, porque o nosso motorista estava muito cansado. Camuflamos o caminhão e os homens dormiram no mato. No dia seguinte, eu, o Alberi e o Bonilha saímos para obter alimentos para o pessoal e tentar conseguir mais alguns homens. Foi nesse percurso que nos surgiram viaturas militares — jipes e caminhões cheios de soldados, como patrulhas de reconhecimento — que vinham pela estrada da direção de Leônidas Marques e voltavam para o mesmo lugar. Iam até o Rio Iguaçu e voltavam.

— Eram dez horas da manhã do dia 27. Eu voltei para assumir o comando do pessoal e o Alberi e o Bonilha seguiram para Leônidas Marques. Reuní o pessoal no mato e disse: "Nós só temos uma chance de escapar vivos: tomar e prender a patrulha, senão seremos mortos após o cerco. Eles obedeceram e reagiram bem. Mandei ficarem deitados, em linha de combate, dentro do mato, dos dois lados da estrada. O lugar era uma lombada, de vegetação densa e quase nenhuma visibilidade, com pouco ângulo de tiro mas com a vantagem de saber a posição do caminhão. Fiquei a 30 metros do ponto onde surgiria o caminhão. Quando o caminhão atingiu a crista da lombada e ia começar a descer, eu gritei:

— Estão presos. Rendam-se.

— O caminhão não chegou vencer a lombada. Acho que o motorista se assustou e o caminhão voltou para trás. O tenente saltou do caminhão e foi uma debandada geral. Ele mandou atirar não sei como e nem sei quem deu o primeiro tiro. Julgavam-se cercados por todos lados e se apavoraram. Foi um tiroteio medonho, as balas passavam zunindo por mim. Não sei como não fui atingido. Foi aí que morreu o sargento Argemiro Camargo, com nossas balas ou com as deles. Essa questão inclusive é discutível, pois não conseguimos provar nada nesse sentido. Não houve a pericia balística e daí se pode concluir que ele tenha sido morto pelas balas dos próprios companheiros. Aliás, quando eu estava preso em Ponta Grossa, foi lá o capitão Índio Brasil e quis saber da metralhadora Ina que o nosso grupo usava. Eu disse:

— Mas nós não tínhamos metralhadora Ina, tínhamos aquela tcheca que foi apreendida.

— Mas a bala que matou o sargento era de uma metralhadora Ina — respondeu-me ele. Foi mais ou menos esse o diálogo.

— No tiroteio, o tenente fugiu e abandonou os soldados. Depois de 20 minutos de fogo houve uma trégua de parte deles, por causa da morte do sargento. O nosso pessoal também parou, mandei esconder as armas e fugir para o morro. Eu e o Fraga, o motorista, ficamos e continuamos atirando a esmo e recuando, simulando uma ação retardadora. Atiramos de metralhadora até que ela enguiçou. Poderíamos ter apertado o cerco e liquidado com a patrulha. Eu não quis. Afinal estávamos diante de soldados que não tinham culpa pela situação geral do País. Ai, nos jogamos no mato. Rasguei todo o uniforme porque tinha muito espinho por ali e a gente ia rastejando. Mas eu não sentia nada. Parecia que estava anestesiado. Continuamos descendo e atirando. Depois de recuar bastante, largamos as armas e chegamos na casa de um colono polaco. Foi aí que eu tirei o uniforme, e coloquei uma calça velha, remendada, uma camisa também velha, e um chapéu de palha. O colono me atendeu bem: deu água, mate. Enquanto isso o Fraga tentou buscar os meus documentos que tinham ficado no caminhão. O colono fechou a casa, pegou a família e saiu. Esperei um pouco e senti que não dava para esperar. Peguei a estrada, tirei a dentadura e botei num saco, junto com os coturnos. Fui andando calmamente pela estrada. Encontrei um soldado e perguntei:

— Não se pode passar aí?

— Não.

— Mas, por quê?

— Porque os guerrilheiros estão escondidos no mato —, ele disse. Ai eu tive que dar uma volta pelo mato, e acabei saindo na retaguarda deles, bem aonde estavam instaladas as metralhadoras. Passei pela guarnição, e um cabo falou comigo:

— O senhor quer passar?
 — Quero, sim. A estrada está liberada?
 — Então pode ir, mas cuidado com os guerrilheiros.
 — Continuei caminhando em direção a Leônidas Marques, na esperança de encontrar o Alberi. Não tinha um tostão no bolso. Passou um jipe com os soldados, cumprimentei-os com o chapéu. No meio da estrada encontrei um homem de bicicleta, pensei em roubá-la mas desisti. Cheguei na casa de outro colono, e foi a minha desgraça. Me atendeu bem, era um gaúcho. Falei a ele que meu caminhão tinha sido atacado, que eu tinha sido obrigado a continuar andando a pé e estava com uma fome danada. Me deu mandioca com feijão. Foi um jantar dos céus, imagine. Mas logo depois chegou um irmão dele, que se despediu rápido nem quis falar comigo. Logo, logo apareceu um jipe da polícia. Tentei apanhar a pistola no saco mas saltou um policial do jipe com o dedo no gatilho de uma metralhadora. Não morri graças à intervenção do sargento Assumpção, do Exército, que apareceu atrás dele e gritou:

— Não mate este homem, que é o coronel Jefferson.
 — Ali mesmo fui manietado e empurrado para o jipe. E fiquei sabendo, então, que morrerá um sargento no combate.

Alberi — Eu e o Bonilha nos distanciamos ligeiro do local do combate. Fantasiados de mulher, passamos por Capitão Leônidas Marques. Andamos em direção da Argentina. Ficamos dois dias na costa do rio e mandamos dois colonos tentar encontrar o resto do pessoal. No terceiro dia tentamos passar para a Argentina. Conseguimos uma máquina fotográfica — eu tinha uma carteira de jornalista — e nos disfarçamos de periodistas. Até aqui estava correndo tudo certo. Um colono trazia roupa e comida para nós lá da cidade. Mas na terceira viagem ele nos entregou ao Exército. Estávamos comendo uma paca assada quando chegaram os policiais. Alguns milhares de homens estavam mobilizados para nos prender, incluindo pára-quedistas. Dois dias depois cercaram e prenderam oito companheiros nossos que pediam carona para sair da região.

Jefferson — No dia 27 fui conduzido de jipe para Foz do Iguaçu. No caminho, em Medianeira, no destacamento onde servia o sargento Carlos Argemiro Camargo, fui retirado do jipe por ordem do capitão Dorival Sumiani. Fui jogado no chão, e começaram a me dar pontapés, fazendo-me rolar uns 50 metros até o jardim, onde estavam os soldados. No chão, com o rosto ensanguentado, o capitão deu ordens para que me cuspissem no rosto:

— Escarrem na cara deste filho da puta, comunista, assassino.

— Depois, o capitão colocou o coturno sobre a minha cara e mandou que eu beijasse a terra, bradando: "Beija a terra que traíste, comunista, assassino". Ainda pegou um garfo de campanha e ficou me espetando, desde os pés até o pescoço.

— Todo esfolado, me fizeram rolar de volta até a viatura e continuamos a viagem. No caminho, mais ou menos à meia-noite de 27 para 28, encontramos o major Hugo Coelho, assessor do general Justino Alves Bastos, então comandante do III Exército. Ele disse que eu ia ser fuzilado, me retiraram do carro e fizeram andar aos pulos, algemado, por cerca de 100 metros. Chegaram a fazer uma simulação do fuzilamento. Chegamos a uma hora em Foz do Iguaçu. O tenente-coronel Auro Marques Curvo, comandante do Batalhão de Fronteiras, acompanhado do capitão Rui Vieira do Rego Monteiro e do major Ari Ronconi Moutinho, me conduziram à cela. E o major Hugo Coelho recomendou:

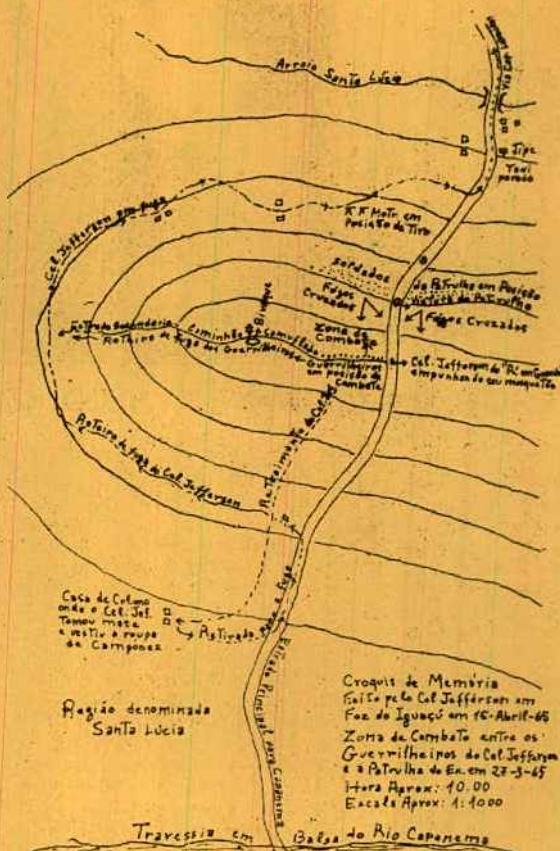
— Nada de dormir ou descansar.
 — Amarraram-me nas grades da cela, com os braços erguidos e os pés suspensos. Fiquei ali até as nove da manhã. Já estava na fase do desmaio, pois não havia circulação nas mãos e nos pés. E de meia em meia hora um sargento chamado Elisio vinha reapertar as cordas. Quando me soltaram, arriei na cela e fui engatinhando até o vaso imundo do sanitário. Peguei aquela água suja e passei no rosto. Consegui puxar a descarga e beber um pouco dessa mesma água.

— Na manhã do dia 28, fui levado à presença do comandante de Foz do Iguaçu, tenente-coronel Marques Curvo. Ele mostrou-me um telegrama do governador do Pará, Jarbas Passarinho, que se congratulava com a minha prisão. Ali passamos por uma cerimônia ridícula. Presentes a tropa e algumas famílias dos militares, primeiro foi apresentado um contrabandista de café e o comandante fez um comentário sobre o custo de vida. Depois apontou para nós — estava todo o grupo preso, menos o Alberi e o Bonilha — e disse: "Estes são comunistas, traidores da pátria que querem entregar o País à Rússia".

— Passamos à fase dos interrogatórios. Queriam que eu envolvesse políticos da região mas eu não conhecia ninguém. Fui levado à sala do S-2 (informações) e espancado pelos oficiais citados, mais o capitão Índio Brasil. Na manhã do dia 29 os jornalistas entraram na sala para nos fotografar. À tarde, saí sangrando de outro interrogatório e fui levado ao gabinete do comandante:

— Leve este filho da puta daqui, que está sujando a minha mesa — disse ele ao sargento.

— No quinto dia cessaram os espancamentos, mas na última sessão fui barbaramente torturado pelo tenente Barra, filho do coronel Rubem Barra (vulgo Rubica), e sobrinho do general Nilton Barra, um companheiro nosso que foi reformado pelo Ato-1. Saí da sala do S-2 desmaiado e todo ensanguentado. No dia seguinte chamaram médico,



O local do combate, reconstituído pelo coronel Jefferson quando estava na prisão

pois meus pulsos estavam infeccionados. No dia 2 de abril, o brigadeiro Artur Peralta e o general Justino Alves Bastos estiveram no quartel. Na segunda semana de abril, o general Oscar Luiz da Silva foi designado para fazer o inquérito.

Alberi — Após a prisão, antes de chegar a Foz do Iguaçu, programaram a operação catarro na passagem por Leônidas Marques. Era dois de abril. Reuniram mais de 150 homens, do 13º RI e da PM e alguns bajuladores civis, e mandaram cuspir em mim. Todos. Eu deitado de costas, amarrado. Já tinha levado muito coice e tinha pelos menos um osso da clavícula e uma costela quebrados. Depois foi deitado em cima de um pneu, coberto por uma estopa, e eles batiam com cassetete de madeira. Quando cheguei ao quartel de Foz, o capitão Rui, o tenente Barra, o major Ronconi, o coronel Curvo e o sargento Elisio diziam que eu tinha matado o sargento Argemiro. E passaram a me espancar na frente do coronel Jefferson e dos outros companheiros que estavam presos. Eu estive 12 dias sendo interrogado e torturado, porque era eu quem sabia os contatos em todo o roteiro. E inclusive por isso, antes da minha prisão, o meu irmão Silvano foi torturado e jogou-se (ou foi jogado) do segundo andar do prédio do Batalhão de Fronteiras e quebrou a cabeça. Morreu 15 dias depois em consequência de um derrame.

Jefferson — Quando chegou o general Oscar Luiz da Silva o tratamento melhorou muito. Aqui conheci um sargento, Mário Gonçalves Isquiedo, que teve um comportamento digno e corajoso, ao ponto de confirmar as torturas quando depôs no Tribunal. Em maio, fomos transportados para o 18º RI, em Porto Alegre. Em agosto voltei a Curitiba e imediatamente me levaram a Ponta Grossa, onde recebi a primeira visita dos familiares, no dia 7 de setembro. Em outubro fui qualificado na 5ª Auditoria, em Curitiba, e me encaminhamos ao quartel de Bacacheri que era comandado pelo meu colega coronel Rubem Barra, pai do tenente que havia me espancado. Dali fui para o quartel do Boqueirão, comandado por outro colega de turma, o coronel Enéas Martins Nogueira. Em função do tratamento que me era ministrado por um médico militar de Ponta Grossa — tomava até seis comprimidos de Librium por dia — eu estava à beira do desequilíbrio mental. No Boqueirão tive uma crise e fiz um tratamento no quartel para me recuperar.

— A 15 de janeiro de 66 fui transferido para o Esquadrão de Cavalaria Mecanizada, no aquartelamento do Bo-

queirão mesmo, sob o comando do Major Dalmo Bonzon. Passei por uma situação de enlouquecer. Eles transformaram um banheiro em cela. Fiquei nesse cubículo, sem receber visitas, até 15 de março, quando a minha esposa conseguiu interferir junto ao general Aurélio do Carmo, comandante da Região, para que eu voltasse ao Boqueirão. Em julho de 67 fui condenado pela 5ª Auditoria a oito anos de prisão. Mas a promotoria recorreu e o Supremo Tribunal Militar agravou para 10 anos.

Alberi — Passei por quase todos os lugares por onde o coronel andou. Em cada um, era 30 ou 40 dias de cela. Em 66 tentei fugir do quartel de Bacacheri. Preparei durante vários dias. Juntava manteiga do café para passar no corpo e facilitar a passagem entre as grades. Numa noite tentei a fuga, aliás, eu e o Chaves. Ele ficou pendurado, não conseguiu completar a passagem entre as grades. Eu caí em cima do sentinela, dominei-o e fugi correndo. Por azar naquele dia estava de serviço um cabo que era campeão de corrida (havia ganhado a prova de São Silvestre) e me alcançou logo. Muito tempo depois, já na Fortaleza de Santa Cruz, no Rio, estávamos preparando outra fuga cavando um túnel numa galeria subterrânea — e nos descobriram.

Jefferson — O agravamento da pena foi em meados de janeiro de 68. Quando fiquei sabendo, pensei numa fuga. Até conversei isso com o major Joaquim Pires Cerveira, num encontro na Auditoria — ele ia prestar depoimento, pois estava respondendo a processo em liberdade. Mas eu era o único preso político do Boqueirão e a fuga seria difícil, mesmo porque havia mais de 20 sentinelas em torno do quartel. Foi aí que surgiu o soldado Luiz Victor Papandreou — era um rapaz de bom nível intelectual que ia fazer vestibular para Medicina. Em 64, como secundarista, participou das manifestações estudantis em Santa Maria, RS, e fora preso. Um certo dia, durante uma partida de xadrez, ele me perguntou se eu gostaria de fugir. Respondi tranquilamente que isto dependia dos soldados. No início até desconfiei. Depois, com a insistência dele e a informação que já tinha mais dois soldados no esquema — o filho de um coronel e o filho de um comerciante — adquiri confiança.

— Planejamos a fuga durante um mês dentro do quartel. Fora, o major Cerveira montava a outra parte. No quartel conversei com um oficial — que não sabia quem estava metido — mas ajudou na orientação sobre a maneira de sair. Um mês antes passei a cuidar da mudança de alguns hábitos pessoais que teriam influência depois da fuga. Por exemplo: deixei de tomar o café que um guarda trazia de manhã e fazia chá eu mesmo, permanecendo encerrado até as 13 horas nos domingos, que era a hora da primeira refeição. Marcamos a fuga para o dia 5 de maio, um domingo, porque no outro dia o quartel receberia a visita do ministro do Exército, general Aurélio Lyra Tavares, e todos já estariam ocupados desde o sábado com os preparativos de praxe. Acertamos que às duas horas da madrugada do dia cinco alguém bateria no meu quarto. As oito da noite houve um pequeno problema: o Papandreou veio me avisar que na hora da escala da guarda, o nosso homem de confiança que deveria vir de sentinela no meu quarto, fora escalado para o paiol de munições, um lugar frio. Teríamos que pagar para conseguir a troca de escala. O Papandreou foi autorizado a oferecer cinco contos (Cr\$ 5,00 atuais) para o rapaz ir para o paiol e ele aceitou.

— Às duas e meia o soldado bateu na porta e falou que o Papandreou estava esperando embaixo. Eu estava fardado de soldado, era uma madrugada fria e de cerração. Saí mas, pela janela do corredor, vi que um sargento atravessava o pátio que fora iluminado há poucos dias, parece que por desconfiança até. Arrastei-me de volta, o sargento passou, falou alguma coisa ao sentinela e continuou a ronda. Saímos eu e o Papandreou, atravessamos o pátio e quando passávamos pela cerca de arame para entrar no mato apareceu um guarda. Nos escondemos e esperamos que ele passasse. A 100 metros dali, estava o carro com o major Cerveira. Manobramos e voltamos pela frente do quartel, para ir até o entroncamento da Rodovia Curitiba-São Paulo. Ali trocamos de carro e andamos mais uns 10 quilômetros escoltados por dois carros, onde iam companheiros armados. Mais adiante trocamos de novo de carro e dispensamos a escolta. Chegamos a São Paulo e dispensamos o carro, recebendo 200 contos para ir ao Rio de taxi. Devíamos procurar logo uma embaixada.

— Eu sentia uma sensação maravilhosa, muito melhor que ter cumprido a pena. Às três horas da tarde chegamos ao Rio, ao mesmo tempo em que a fuga estava sendo descoberta em Curitiba. Isto estava calculado. À uma da tarde, o guarda que levaria o almoço encontraria a porta trancada — o soldado que ajudou tinha ordens de jogar as chaves no mato — e a televisão ligada. Logo concluiriam que eu estava morto e o coronel comandante teria que nomear uma comissão para arrombar o quarto. Isto é praxe militar. E aí eu ganharia mais duas horas para fugir.

— No Rio, fomos direto à embaixada do Chile, mas o embaixador só nos receberia no outro dia. A seguir fomos à embaixada do México: o embaixador não estava mas o guarda que nos atendeu soube que éramos perseguidos políticos e mandou entrar. Eram 11 da noite. Nos mandou dormir dentro do carro do embaixador, no pátio do prédio. Acertamos o asilo no outro dia, depois que a minha mulher conseguiu convencer o embaixador de que o fato de o Papandreou ter auxiliado um fugitivo político a fugir também o colocava nessa condição de pedir asilo. Quando o Itamarati recebeu a comunicação da Embaixada, o Estado

O Exército fez acampamento na região durante vários dias em 1965



Coronel Jefferson em Foz do Iguaçu

—Não mate esse homem, é o coronel Jefferson, disse o sargento

Maior do Exército ainda não sabia da fuga. E o III Exército havia mandado fechar a fronteira toda com o Uruguai e a Argentina pensando que eu havia saído para aquelas regiões. Foi um escândalo para os órgãos de segurança, pois até deputados governistas ficaram indignados. No quartel de Curitiba, soube depois, todo o pessoal — dos oficiais aos soldados — foram punidos com 30 dias de cadeia. Mas os soldados que tiveram participação direta, José dos Reis Garica e Elpidio Galdino Rodeiro, foram condenados pela Auditoria Militar a dois anos de reclusão.

Esperamos quatro meses pelo salvo-conduto. O Ministro de Relações Exteriores era o Magalhães Pinto e o Costa e Silva não queria dar o visto de saída. O Papandreu viajou no dia 7 de setembro e eu no dia seguinte. Um embarque sigiloso, com esquema de segurança da Embaixada do México até o Galeão. Levei uma bagagem de 50 quilos, onde estavam todos os meus uniformes militares. Saí pensando em retomar a luta. Logo que cheguei ao México comecei a tratar da minha saída para Argel. Através do Francisco Julião conheci o pintor David Siqueiros — coronel do Exército Republicano Espanhol — que se ofereceu para ajudar e também através dele conheci um jornalista inglês que me deu uma carta de apresentação para o Chedid Jagan, primeiro ministro da Guiana e presidente do Partido Popular. Uma das alternativas da luta armada, eu pensava, poderia ser pela Guiana. Na viagem a Argel passei por Cuba — a convite do Governo Cubano — e de lá já fiz contato telefônico com o Miguel Arraes. No começo de 69 cheguei a Argel, onde encontrei também vários exilados brasileiros, entre eles o almirante Cândido Aragão. O Arraes dirigia um Centro de Informações que divulgava fatos relacionados com o Brasil para todo o mundo. Tentei convencê-lo de um plano de armada para invadir o Brasil e quando vi que não conseguia nada resolvi viajar para Santiago e Montevideu. A opinião do Arraes era a de que poderíamos voltar à democracia pelos meios pacíficos. Viajei e estive 10 dias em Santiago, onde encontrei-me com o Almino Afonso. Ele disse que colaborava no que pudesse — e me deu passagem até Montevideu — mas frisou que concordava com o Miguel Arraes.

— Depois da minha prisão, fiz o meu primeiro contato com o Jango em Montevideu. Senti que ele não queria comprometer-se. O Amauri Silva, que dirigia o Restaurante Jangadeiros, me contou que o Brizola não queria contatos comigo. Depois fiquei sabendo que ele até achava a minha permanência em Montevideu inconveniente para a sua situação de exilado e que chegou a ameaçar de fazer gestões junto ao Ministério do Interior para forçar a minha saída de lá. Isto ocorreu em junho ou julho de 69 e só não se consumou porque o meu cunhado era coronel e muito conhecido do chefe da Casa Militar de Pacheco Areco, o coronel Chiappe. Os elementos ligados ao ex-governador gaúcho — Paulo Schilling, Dagoberto Rodrigues, Neiva Moreira, Paulo Valente e outros — também não falavam comigo. E um médico da cúpula dos Tupamaros me informou que o Raul Sendic também havia recebido recomendação do Brizola para que não me prestasse nenhuma colaboração.

— Em dezembro de 69 voltei a Santiago do Chile acompanhado de um filho e de passagem por Buenos Aires revalidei o passaporte que o Governo da Argentina tinha me fornecido ao sair de lá. Quis novamente convencer os asilados brasileiros — que eram mais de 100 em Santiago — a entrar na luta, mas não tive êxito: alguns estavam com família, outros trabalhando. E faltou dinheiro, o que também é fundamental. Diante desse quadro, voltei a Montevideu e procurei o João Goulart. Pedi permissão a ele para usar a fazenda de Tacuarembó — ficava próximo da fronteira com o Brasil — como campo de treinamento para aqueles rapazes, estudantes, que chegavam do Brasil. Nesta época, início de 70, saía muita gente do Brasil. Meu plano era ir aglutinando esse pessoal, nada de imediato. Ele disse que eu o procurasse em seu apartamento, esquivou-se depois e eu senti que ele estava apavorado com a proposta. Não conseguí mais falar com ele.

— Em meados de 70 embarquei de novo para Santiago e Argel — os Tupamaros haviam me dado uma ajuda de mil dólares e pedido que eu levasse uma mensagem deles ao Governo Argelino — e soube do sequestro do embaixador alemão na passagem pelo Chile. Em Argel encontrei-me com os 40 banidos, entre os quais o Cerveira e o Apolônio Pinto de Carvalho. Eles estavam muito abalados com as torturas, especialmente o Cerveira. No grupo de banidos havia

uma divisão muito grande. Entre os 40, pude contar cinco facções, cada uma com um método de atuação: Var Palmares, Aliança de Libertação Nacional, PCBr, MR-8, VPR. Senti que dali não ia sair nada. Combinei um encontro em Cuba com o Apolônio e o Cerveira, esperei três meses na ilha e nenhum dos dois apareceu. Já estamos em setembro de 70 e eu retornei a Argel para saber o que tinha acontecido. O Apolônio não viera e o Cerveira tivera um desentendimento com as autoridades cubanas. Marcamos novo encontro em Santiago e eu saí de Argel, aproveitando para passar por Madrid — onde falei por telefone com Juan Domingo Perón — e chegar até a Guiana para falar com Chedid Jagan. Conversamos sobre a alternativa de entrar no Brasil pela Guiana, ele considerou o plano viável mas desculpou-se que não tinha dinheiro. Saí de lá e na passagem pelo aeroporto de Port of Spain quase fiquei retido. Queriam que eu pagasse uma taxa de trânsito de três dólares e eu não tinha o dinheiro. Os 50 dólares que o Chedid Jagan me tinha dado eu já gastara na liberação da bagagem: roupas, uniformes, uma capa militar pesada, coturnos, todo o equipamento necessário para uma eventual luta armada. Ocorreu-me uma saída: eu tinha mandado imprimir 50 cartões de coronel do Exército Brasileiro e dei um deles ao funcionário "Com isto você cobra a conta no consulado brasileiro", disse-lhe e ele aceitou. Depois até me chamou pelo alto falante para desculpar-se pelo incidente. Em Santiago conversei com o Almino Afonso, o Amarílio de Vasconcelos e o Lício Hauer, mas desentendi-me de novo com o Apolônio e o Cerveira. Então resolvi seguir a Montevideu para buscar a minha família e o carro, um Aero-Willys.

— No dia 11 de dezembro de 70, uma sexta-feira, parti de carro para cidade de Colônia, no Uruguai, de lá passaria a Buenos Aires e depois atingiria Santiago do Chile via Mendoza. Ao descer do Ferry-Boate, em Buenos Aires, fomos detidos por policiais argentinos civis. Eu estava acompanhado do meu filho — Jefferson Lopetegui Cardim Osório, 18 anos — e do sobrinho uruguaio — Eduardo Lopetegui Buadas, 21 anos — e o chefe dos policiais, que se apesentou como coronel, disse que tinha uma denúncia de que carregávamos tóxicos no carro. Registraram a apreensão do carro e nos encaminharam à Central de Polícia; na Calle Moreno. Era um edifício de cinco andares, cinzento. Desembarcamos às quatro da tarde. Uma hora depois estávamos na presença do chefe de polícia, um coronel, que não quis diálogo. Arrancou a pasta com documentos que eu carregava na mão. Neste momento comecei a entender que eu estava preso, pois daquela maneira não se trata um asilado político. Por volta das oito da noite fomos mandados para o calabouço, um subterrâneo, onde um lado estavam as celas coletivas, gradeadas e com pouca iluminação, e do outro lado inúmeros cubículos, onde não cabia nem um colchão.

— Até então não haviam explicado coisa alguma. Lá pela meia-noite senti que um dos meus companheiros tinha sido tirado da cela e que estava sendo espancado, pois comecei a ouvir gritos. Voltou um, chorando ainda, e levaram o outro. Por volta das duas horas da madrugada, me levaram. Na sala para onde me conduziram havia uma mesa de pedra e alguns aparelhos onde os pés e as mãos das pessoas eram amarrados. Eram três agentes, não perguntavam nada, me espancavam e aplicavam choques elétricos, com um aparelho que eles chamavam de picaña. Durou 30 minutos intercalados e de vez em quando um médico me examinava com um estetoscópio para ver se o meu coração estava resistindo. Na manhã de sábado nos ficharam. Nos deram almoço ao meio-dia e recém à tarde começaram os interrogatórios. Queriam saber o que eu estava fazendo na Argentina. Expliquei que era coronel do Exército Brasileiro em trânsito, que tinha um passaporte do governo argelino e que era um asilado político. Um dos agentes respondeu:

— Coronel de mierda. Coronel de macaquitos — e me deu uma bofetada na cara.

— Falavam que eu era um militar muito perigoso ao Brasil, que já havia participado de um movimento com o Brizola e queriam que eu dissesse que tinha envolvimento com líderes peronistas. Continuei apanhando durante quase toda a tarde. Até que, no fim da tarde, veio o auxiliar do chefe de polícia dizer que seguiria o meu destino. Com este a conversa foi cordial. Disse que aguardava ordens da Casa Militar da Presidência para me liberar. Mas de repente ele foi chamado, não voltou e eu fui conduzido à cela. Fiquei

esperando para sair de manhã cedo, senti que havia mudado de novo a situação, mas não sabia para onde seria levado. Às cinco horas da manhã de domingo, dia 13, tiraram a mim e ao meu filho das celas — depois fiquei sabendo que o meu sobrinho já estava sendo repatriado, preso, para Montevideu. Esperamos algum tempo ouvindo comentários dos oficiais de que às oito horas deveríamos estar em algum lugar. Quando perguntávamos, diziam que a demora se devia a uma decisão a ser tomada: não sabiam se iam nos afogar ou fuzilar. Às setes horas, nos embarcaram — um em cada carro — custodiados por guardas armados de metralhadoras, conduzidos em viaturas que seguiam em alta velocidade e com as sirenes abertas. Ai já falavam em chegar a um campo de aviação às oito horas e mencionaram a palavra *embaixador*. Foi nesse momento que eu acreditei que não seria morto, pois até então pensava em fuzilamento ou afogamento.

— Chegamos ao campo de aviação. Paramos junto a um avião militar da FAB depois vim a saber que era o do ministro do Trabalho, Júlio Barata, um avião executivo de 15 lugares — onde estavam oficiais argentinos, alguns civis e o coronel Lana, adido da Aeronáutica à Embaixada do Brasil em Buenos Aires e também respondendo pelo Exército junto à Embaixada, pois o general Nilo Caneppe estava em Brasília. Era um sequestro realizado entre a Aeronáutica Brasileira e a da Argentina.

— Logo em seguida apontou um Mercedes Benz, preto, da embaixada do Brasil. Dele desceu o então embaixador brasileiro e hoje ministro das Relações Exteriores, Antônio Azeredo da Silveira, a uns 30 metros de onde estávamos. Imediatamente os oficiais foram cumprimentá-lo e o agente policial que havia nos prendido retirou da pasta alguns papéis que o embaixador brasileiro assinou. Ao lado do embaixador, estava um funcionário civil da embaixada que embarcaria junto no avião. Não conhecia o embaixador, mas sabia de quem se tratava, naquela altura, pela informação dos policiais argentinos. E no avião a informação foi confirmada. O embaixador retornou ao carro e ficou aguardando a nossa partida. Algemados, fomos conduzidos ao interior do avião da FAB. O tenente-coronel Azevedo, adido da Aeronáutica em Montevideu, chefiava a escolta brasileira. Pouco depois das nove horas estávamos saindo de Buenos Aires. A escolta era formada por cinco elementos: o coronel, um tenente e três sargentos, todos da Aeronáutica. Eu conhecia o tenente-coronel Azevedo, de Montevideu, pois lá a sua filha costumava visitar a minha filha. No avião ele ficou se desculpando, disse que lamentavelmente havia pegado aquela missão. E foi ele também quem me disse que o avião já esperava em Buenos Aires desde o sábado de manhã. Saira de Brasília, passara por Montevideu e o apanhara porque não tinha a bordo um oficial de patente superior para comandá-lo.

— No avião ele me dizia que era uma sorte eu retornar ao Brasil porque os argentinos queriam me matar. Inicialmente mandou que nos algemassem — eles não tinham algemas e tiveram que trazer as dos argentinos — as mãos pelas pernas, mas na viagem mandou afrouxar para que pudessemos comer sanduíches e fumar. Assim que o avião aterrissou na Base Aérea do Galeão — três horas e meia de viagem — entrou nele o brigadeiro João Paulo Moreira Burnier. Mandou nos encapuzar e levar algemados para o presídio do Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica (Cisa), anexo à Base Aérea do Galeão. Nos tiraram a roupa e empurraram aos bofetões às celas. Nus, permanecemos 30 dias nas celas. Nos torturaram sem interrogar. Houve sessões de telefones e, o mais violento, nos aplicaram um inflador no ânus e introduziram ar.

— Passados esses 30 dias, começaram a nos interrogar. Perguntaram pelas minhas viagens, se eu tinha dinheiro cubano. Não ficaram satisfeitos e pediram um relatório. Eu fiz: tinha 30 folhas escritas a mão, encerrava citando Caxias, Getúlio Vargas, Juscelino e pedindo anistia. O meu filho também fez relatório — sobre a minha passagem pelo Rio quando fugi — e foi liberado. Eu fiquei 50 dias no Galeão. No dia 3 de fevereiro fui transferido para a fortaleza de Santa Cruz, onde fiquei quatro anos e meio. Depois passei pela Ilha Grande, estive um ano e meio no hospital da Frei Caneca e posteriormente, em janeiro de 76, me transferiram para a Divisão Especial de Presos Políticos da Frei Caneca. Dali fui libertado no dia 2 de novembro do ano passado, com a recomendação de não me afastar do Rio nem dar entrevistas, porque estávamos para "ingressar num ano político".

— Justamente no dia da fuga, o guarda era campeão de São Silvestre

Alberi — Quando o coronel Jefferson fugiu, eu estava na Penitenciária de Paraná. Foram me buscar às 11 horas da noite. Ai eu disse que não sabia de nada lá na Polícia do Exército, em Curitiba. Mesmo assim, fiquei 40 dias incomunicável. Depois fui transferido para a Fortaleza de Santa Cruz e lá acabei minha pena, em 73. Cumpri oito anos, seis meses e 16 dias e não queriam me liberar, foi preciso a interferência de advogados. Depois que saí, quase fui preso em Três Passos — escapei porque estava acompanhado de um primo que servia no Batalhão da Foz do Iguaçu — e outra vez que vim a Porto Alegre trazer um parente doente me chamaram duas vezes ao Dops. Isso ainda era 73. Então resolvi sair um pouco do Brasil. Quando o Salvador Allende caiu, eu estava no Chile. Saí do Chile para a Embaixada do México. Fiquei um mês no México mas não queria ir para a Europa, como outros brasileiros estavam fazendo. Então, no fim de outubro de 73 vim para Buenos Aires e depois fui morar em Missiones, fronteira do Rio Iguaçu. Depois estive no Paraguai e morei um ano no Rio de Janeiro. Da minha família, eu tinha contato freqüente com meu irmão, que estava na região de Iguaçu, do lado argentino. Em janeiro do ano passado, o meu irmão, José Soares dos Santos, que era mecânico, foi preso em Santo Antônio e nunca mais apareceu. Tenho informações de que ele foi torturado, morto e jogado o cadáver no Parque Nacional, no mato. Atualmente estou empenhado em descobrir esse mistério em torno da morte do meu irmão.

— **Coronel, como o Senhor via o Brasil antes de 1964?**

Jefferson — Estávamos partindo, pacificamente, para as

vias do socialismo. Através dos movimentos e dos escaramentamentos populares estávamos partindo para o socialismo. Eu que estava ligado ao movimento militar nacionalista acreditava piamente nisso. Acreditava-se no que se chamava de "as reformas do Jango" e que poderiam ser realizadas pacificamente. O que não houve foi uma previsão, entre os políticos civis e os elementos militares que apoiavam Jango, e levar a sério que golpe já tinha sido tentado para evitar essas reformas.

— **Como o senhor acha que seria esse socialismo? O poder nas mãos dos trabalhadores?**

Jefferson — Não. Um socialismo democrático. Cada País tem suas particularidades e esses fatores é que orientam. Não poderia ser um socialismo do tipo soviético, talvez nem o cubano. Esperava-se que as reformas fossem avançando, atingindo o socialismo sem chegar à ditadura. A idéia sempre foi essa dentro dos setores nacionalistas, a esquerda militar, das Forças Armadas: que o parlamento fosse cada vez menos burguês e mais popular. Era uma revolução lenta, mas que seria possível.

— **E a partir de 31 de março o senhor não acreditou mais?**

Jefferson — Não acreditei. E a luta armada que eu achava fosse o caminho viável, era para implantar as mesmas reformas preconizadas por Jango. Isso em 1965. Hoje eu acho que os objetivos devem ser formar novos quadros, pois aqueles quadros populares que haviam sido formados desde 1945 já não existem mais. Não vejo possibilidade de reformas a curto prazo. O objetivo tático do momento seria

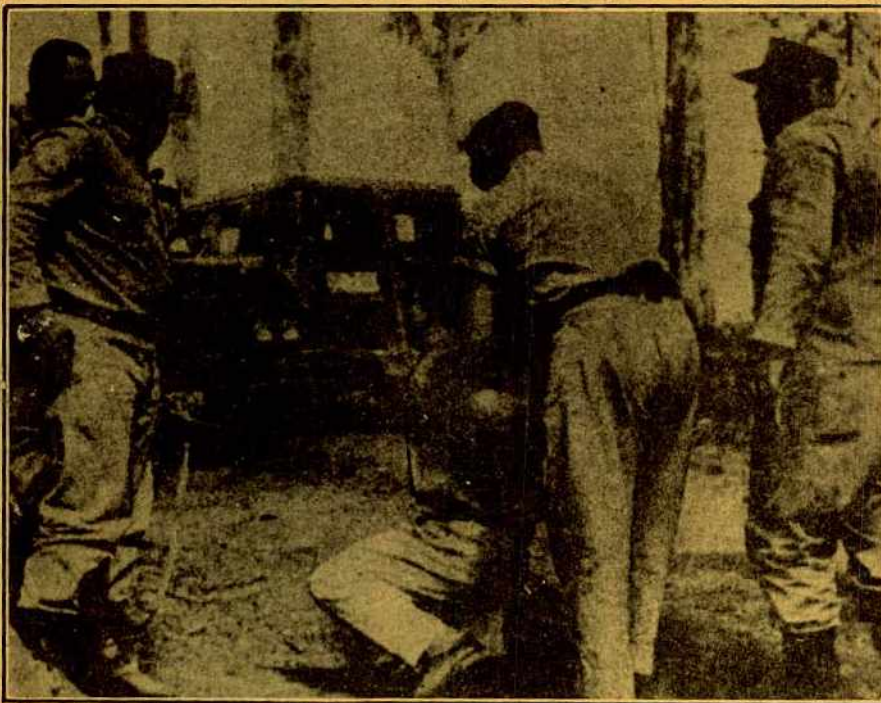
uma constituinte, para que houvesse uma constituinte de fato e não essa colcha de retalhos que está aí. O marco zero seria uma constituinte, para que esses representantes do povo, eleitos agora, pudessem pelo menos legislar.

— **Alberi, que tipo de revolução você queria fazer no Brasil?**

Alberi — Uma quartelada ou uma contra-revolução para partir para uma constituinte e forjar daí liberdades, com uma democracia que permitisse o trabalho político do povo, para qualitativamente chegarmos ao socialismo por etapas. Hoje, em termos de luta, eu vejo assim: se pudessem ser abertas várias frentes de guerrilhas em vários países da América do Sul, poderia haver êxito. Isoladamente nenhum movimento terá êxito, será massacrado. E eu não acredito em transformações sociais por meios pacíficos na América do Sul.

— **O que é para você o socialismo?**

Alberi — Para mim o socialismo é a economia controlada, os meios de produção controlados pelos agentes da produção — no caso os operários, os camponeses, aqueles todos que produzem — organizados em cooperativas. A palavra socialismo já diz que é a distribuição dos bens sociais de produção. Sem que isso signifique liquidar com a burguesia como classe. Porque em país socialista há uma diferença entre o operário e o embaixador, o diplomata, por exemplo. No País socialista haverá o intelectual, e o intelectual não é uma burguesia capitalista. É necessário criar a estrutura do País e ao criar a estrutura ele cria essa classe privilegiada mas que também produz.



O Exército prende no Paraná: além dos guerrilheiros, também os suspeitos



Curiosos olham o material e as armas em exposição

300 nomes no processo

Cerca de 300 pessoas foram processadas por envolvimento com a guerrilha de Três Passos. Mas somente em torno de 100 pessoas acabaram detidas. Entre os processados, estes são os mais conhecidos: Maia Neto, Sibilis da Rocha Viana, Neiva Moreira, Paulo Schilling, Dagoberto Rodrigues, Almino Afonso, Darci Ribeiro e Leonel Brizola. As informações que existem atualmente sobre o destino dos 23 guerrilheiros são poucas. Eles ainda foram julgados pela antiga Lei de Segurança Nacional (de 1954), e a maioria deles conseguiu a liberdade logo após o julgamento no ano de 1967.

Um outro fato também contribuiu para conseguirem penas reduzidas: os dois líderes, Alberi e Jefferson, assumiram totalmente a responsabilidade dos atos. Dos 23, quatro pegaram quatro anos de condenação — Valdetaro Dornelles, Firmo Chaves, Silvino Fraga e Odilon Vieira — e os agricultores Manoel Aires e Arcelino Alves Dornelles foram condenados a dois anos de prisão. Terminada a guerrilha, cumpridas as penas, o pessoal, na maioria agricultores ou então moradores daquela Região, voltaram a suas antigas atividades. O velho Euzébio Dornelles, revolucionário de 24, 30 e 32 e na época com 65 anos, morreu, em consequência de um ataque do coração. Ao que consta foi o único. Alguns mudaram-se para o Mato Grosso. E dois estão trabalhando com açougues: o sargento Firmo Chaves, no Rio de Janeiro, e Adamastor Bonilha, em Rivera, no Uruguai. Outro detalhe: no Paraná

eles incorporaram mais um guerrilheiro, e a lista ficou com 24 nomes, apesar de o coronel sempre falar em 23:

- Jefferson Cardim de Alencar Osório: coronel do Exército.
- Alberi Vieira do Santos: sargento da Brigada Militar.
- Firmo Chaves: sargento da arma de Artilharia do Exército, servia em Caxias do Sul; mas era carioca.
- Euzébio Teixeira Dornelles: agricultor de Campo Novo, pai de três guerrilheiros.
- Valdetaro Teixeira Dornelles: professor rural de Campo Novo, filho de Euzébio.
- Odilon Vieira: locutor de rádio em Santa Maria.
- Adamastor Antonio Bonilha: líder portuário de Porto Alegre.
- Alcendor Aires: comerciante de São Sepé.
- Silvino Soares dos Santos: agricultor de Campo Novo, irmão de Alberi.
- Alípio Charão Dias: pedreiro de Campo Novo.
- Manoel Ayres: agricultor de São Sepé.
- Arcelino Alves Dornelles: agricultor de Campo Novo, filho de Euzébio.
- Reinoldo Von Groll: agricultor.
- João Antonio Marques: agricultor.
- João Batista Figueira: agricultor.
- Abrão Antonio Dornelles: agricultor, filho de Euzébio.
- Antonio Ribeiro Vogt: agricultor.
- Adão Oliveira da Silva: agricultor.
- Silvino Souza Fraga: motorista profissional.
- Francisco Soares: tio de Alberi.

- Corvo.
- Prates.

Nomes mencionados

Pedro Alvarez: ex-deputado, esteve exilado nos primeiros três meses após 31 de março de 64, é coronel reformado pelo Ato-1, reside em Porto Alegre.

Orlando Burmann: ex-prefeito de Catuípe.

Ivo Magalhães: ex-prefeito de Belo Horizonte.

Eliseu Torres: advogado, reside em Cachoeira do Sul, sua cidade natal.

Apolônio Pinto de Carvalho: foi um dos líderes do grupo armado Aliança de Libertação Nacional, era 1.º tenente do Exército, encontra-se exilado na França.

Joaquim Pires Cerveira: major reformado pelo Ato-1, ex-deputado paranaense pelo PTB. Foi visto pela última vez preso no Rio de Janeiro. Pelo que se sabe, também foi sequestrado em Buenos Aires.

Paulo Schilling: ex-assessor do ex-governador Leonel Brizola, economista, hoje residindo em Buenos Aires.

Dagoberto Rodrigues: coronel reformado pelo Ato-1, ex-assessor de Brizola, continua exilado em Montevideo.

José Wilson: ex-vereador pelo PTB, era o principal assessor de Brizola, uma espécie de Ministro da Guerra. Ele voltou ao Brasil, e é o único exilado militar que foi reintegrado no Exército, e além disso recebeu promoção: passou de tenente a capitão. Hoje vive tranquilamente em Porto Alegre.



POLICIAIS

Cauby Silva

Por trás da pompa do Ano Internacional da Criança...

Pois 1978 é o Ano Internacional da Criança e o 10. Ano da Criança Brasileira. Tudo muito bonito, muito pomposo, com as emissoras de Rádio e Televisão fazendo campanhas para arrecadação de fundos, etc.

Porém, nas pequenas cidades do País, as crianças não tem o mesmo amparo, principalmente as excepcionais. Em Foz do Iguaçu, inúmeras crianças faveladas, apesar de nossas anteriores reportagens, ainda continuam marginalizadas, esquecidas, desamparadas.

Exemplo gritante está em uma casa localizada na Rua 14 de março, aqui em Foz do Iguaçu, onde um menor excepcional, com 17 anos de idade vive preso em um quarto. Arrastando-se sobre o ventre, como um réptil, no quarto que lhe serve de prisão, este menor foi descoberto através de uma denúncia recebida pelo repórter. Levamos o fato ao conhecimento do Juiz de Direito e da Vara de Menores e recebemos autorização para fazer o levantamento do caso.

Em companhia de um outro Comissário de Menores, fomos até



Luiz Carlos, o drama de um excepcional

a casa citada, onde, após identificarmos, recebemos autorização dos pais do menor para adentrar em seu quarto, um local abafado, sem ventilação e iluminação adequada, de onde se exala um odor fétido, nauseabundo, tendo em vista o menor excepcional fazer ali mesmo suas necessidades fisiológicas, embora o aposento mostrasse sinais de ter sido lavado recentemente.

Fizemos umas fotos do garoto, que se chama Luiz Carlos Lopes, que não fala, mas denota sinais de ouvir um pouco ou entender o que se diz. Alegou o pai do menor que já procurou recursos para interná-lo, inclusive com políticos e outras autoridades, não sendo até hoje possível. Na entrevista a que o "submetemos", o pai do menor caiu em contradições, presumindo-se que, realmente, não tenha buscado o devido amparo para seu filho, incorrendo em crime de omissão de socorro, estando ainda sujeito à perda do pátrio poder.

Como se pode ver pelas fotos, o garoto é lindo, porém denota um semblante triste, talvez por compreender o drama a que foi submetido. Extremamente magro, o menor demonstra claramente um profundo estado de subnutrição. À propósito, aí está o contraste: nesta casa existem, segundo declarou a mãe do garoto, 25 gatos, parte dos quais foram fotografados por nós, tomando leite em pratos espalhados no chão da cozinha.

No entanto, talvez nem leite seja dado a este garoto, enquanto que os gatos...

Bem, o fato é o seguinte: as fotos e nossas declarações foram incluídas no processo que a Vara de Menores

está formulando para salvaguardar a dignidade humana deste menor e de uma outra sua irmã, Sandra Regina Lopes, de apenas 9 anos de idade, também excepcional, embora em nível suportável, o que já não acontece com seu irmão Luiz Carlos, que tem as pernas, braços e mãos atrofiados, mas mesmo assim arrasta-se pelo assoalho, tentando sobreviver naquele apertado e abafado espaço dentro das quatro paredes onde vive prisioneiro.

Por vergonha, medo, ignorância ou qualquer outro sentimento negativo, os pais de Luiz Carlos preferiram mantê-lo escondido como se fosse um "Monstrinho", esquecendo-se que todos têm direito à vida. Neste primeiro Ano da Criança Brasileira, fazemos um apelo aos pais, mães ou responsáveis por menores: se seu filho é um excepcional, seja qual for sua anomalia, não o esconda, não o prenda, pois isto é crime. Comunique-se com o repórter pelo fone 72-1221 e imediatamente levaremos ao conhecimento das autoridades competentes, para providenciar seu internamento em casas especializadas na recuperação de excepcionais. Lembrem-se que os problemas humanos têm que ser resolvidos na criança, porque no adulto, bem ou mal, já estão resolvidos. Ajudam-nos a ajudar uma criança. Nossa recompensa virá através do sorriso feliz de cada criança recuperada para a família e, consequentemente, para a comunidade. Feliz Natal a todos os nossos estimados leitores e para você, criança, a certeza de que continuaremos trabalhando para te ver feliz e amparada (Cauby Silva).

Caso de Polícia

Os dois se conheceram por acaso e se amavam por vocação. Ou predestinação, como ela dizia. Mas era um amor em impedimento, pois se pegavam de alianças benzidas com pessoas diferentes. Podia parecer estranho que Celina Dias nunca o chamasse pelo nome, mas Carlos Alberto não tinha se dado conta disto. Até porque, em vez de Carlos, ela o chamava querido, meu bem, amorzinho... E isto o agradava. Quando ele deu de chama-la de Lina, Celina não gostou:

— Já sei. Você me chama assim que é para, se falar meu nome quanto estiver com a madame, confundir e não dar na pinta, né?

A madame, no caso, era Enedina, mulher de Carlos, que ele tratava como Dina. Surpreendido, ele jurou que não tinha nada a ver e não se falou mais nisto. Porém, um dia destes, dormindo, Carlos falou o nome dela. Enedina o sacudi:

— Celina, quem é Celina?

— Celina... Lina, meu amor — ele fungou, no meio do pesadelo.

A mulher tacou o pinico na cabeça dele, com urina e tudo, abrindo-lhe uma brecha justamente no lugar dos chifrinhos. No Hospital ele se deu conta de tudo. Até se lembrou de que só nos momentos de extremos afagos Celina o chamava pelo nome. E exagerava, quase gritando: "Carlos... Carlinhos." Era como para se compensar da privação estudada de não se habituar com o nome dele para evitar um acidente conjugal como o que lhe acontecera. Carlos pediu um telefone e ligou para a casa de Celina. Quando o marido dela perguntou quem queria falar com ela, o acidentado espécime humano gritou:

— Carlos Alberto, o amante dela, sacô, meu chapa?

Não deu outra: a coitada da Celina baixou Hospital, com o corpo mais quebrado que arroz de terceira. Carlos Alberto estava vingado.

(NR) Embora o caso seja verídico e tenha acontecido aqui em Foz do Iguaçu, os nomes dos personagens são fictícios, para que não surjam outras broncas no pedaço, fronteiroço, sacumê?

Existem três opções para você morar em Foz:

— JARDIM DAS FLORES

— JARDIM DAS LARANJEIRAS

— PARQUE RESIDENCIAL KARLA

— EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS LTDA.



FOZ DO IGUAÇU: Rua Jorge Sanwais, 60 - Fone: 72-3026 - CASCAVEL: Rua Paraná, 3051 - Fones: 23-5942 e 23-0572 - TOLEDO: Fone: 52-1677

Novo Delegado garante:

“Vou botar todo mundo na cadeia!”

(os marginais, claro)

O novo Delegado de Polícia de Foz do Iguaçu, Bel. Nilton Gomes de Oliveira, mais conhecido por “Caxambu”, em entrevista exclusiva ao Jornal HOJE-Foz, deixou antever claramente sua disposição de combater, sem tréguas e por todos os meios ao seu alcance, quaisquer manifestações de criminalidade na região e concitou a população para que ajude a Polícia, através de denúncias por telefone ou pessoalmente.

O Delegado “Caxambu” é paranaense, natural do Cuatiguá e se criou no Norte do Paraná e pertence aos quadros da Polícia desde 1951, já tendo servido, como Delegado de Polícia, nas cidades de Ribeirão Claro, Santa Mariana, Nova Esperança, Alto Paraná, São Jorge, Londrina, Umuarama, Jacarezinho, Arapongas, Curitiba e atualmente em Foz do Iguaçu.

HOJE/FOZ - “Caxambu”, inúmeras pessoas que te conhecem como Delegado em outras cidades, dizem que você pertence à chamada “linha dura” dentro da Polícia Civil. Este é o comentário geral na cidade. Por qual motivo te conceituam assim? Realmente você é da “linha dura”?

CAXAMBU - Não se trata de linha dura. Eu acho que Polícia é uma linha só. Nós temos que fazer com que a criminalidade seja diminuída e a ação, o trabalho, a luta, tem que ser encetada no sentido de delimitarmos as posições. Nós somos policiais e marginal é marginal.

A população pode ficar tranquila porque nós não cometemos excessos. Nós praticamos aquilo que a lei nos permite. Nós somos enérgicos. Trabalhamos com energia, com austeridade, porém com decência. Sabemos perfeitamente os limites do Direito. Sabemos até onde podemos ir e usamos todos os nossos meios para o combate ao crime e esse combate nós o fazemos há mais de duas décadas. Estamos em final de carreira e nunca tivemos, em nosso curriculum, um processo criminal, seja por apropriação, prevaricação ou quaisquer outros motivos, que maculasse a nossa folha de serviços.

O pessoal que trabalha comigo, não se trata especificamente de uma equipe exclusivamente minha. São elementos que trabalham comigo há muitos anos e que, pela dedicação e conhecimentos demonstrados, eu procuro sempre selecionar e instruir dentro dos meus parcos conhecimentos, para que ele sejam guardiões e defensores da sociedade e dos cidadãos.

Porisso vamos lutando, seguindo nosso caminho pela trilha policial, na manutenção da ordem e graças a Deus temos tido êxito, porque por onde passamos, devido ao nosso trabalho, à nossa luta, somos bem compreendidos pela sociedade e pela população, pois sempre que voltamos aos lugares onde já servimos, somos bem recebidos por todos.

HOJE/FOZ - Caxambu, você disse que sua equipe é selecionada por você mesmo. Isto quer dizer que existem



Agente Gerson Galiciolli, respondendo inteiramente pela Superintendência da 6a. SDP, tendo em vista a transferência de Antonio de Jesus Moreira, que exercia aquele cargo.

elementos especializados em homicídios, furtos de residências, de veículos, combate ao tóxico, etc. Selecionados criteriosamente ao longo dos anos e do trabalho conjunto. Isto significa a substituição de vários policiais da 6a. Sub Divisão de Foz?

CAXAMBU - Não. Nós vamos aumentar o efetivo policial da 6a. Sub Divisão Policial de Foz do Iguaçu com a incorporação destes novos elementos que virão prá cá. Esta nossa Sub Divisão está carente de elemento humano. Nós precisamos de, no mínimo, 30 elementos aqui, para o trabalho, pois teremos que desenvolver uma campanha no sentido de que a população confie na segurança, confie nos policiais. Eu sei que esta confiança existe, pois o meu antecessor, Delegado Pedroni, soube se conduzir bem nos assuntos policiais.

O que me leva a dizer da necessidade de um aumento no efetivo policial, é o afluxo, cada vez maior de gente para esta região e, consequentemente, havendo uma mudança radical com o aumento de pessoas nesta região, a segurança tem, naturalmente, que acompanhar esta evolução. Nós temos que ter mais gente para melhor atender a população.

HOJE/FOZ - Desde 1970 que trabalhamos na reportagem policial em Foz do Iguaçu e nosso conhecimento dos problemas criminais e policiais é profundo. Sabemos perfeitamente, inclusive já fizemos reportagens sobre o assunto, das deficiências materiais da 6a. Sub Divisão Policial, principalmente no que tange a viaturas, Agentes e armamentos. Você vai pleitear ao Secretário da Segurança, General Alcindo, o envio de mais viaturas para o combate à criminalidade? É sabido e notório que, enquanto os marginais furtam veículos possantes para a prática dos mais diversos crimes, a Polícia não conta com viaturas em idênticas condições para a perseguição e prisão dos criminosos. Você vai pleitear veículos?

CAXAMBU - vamos pleitear veículos, vamos pleitear armamentos, almotarifa maior, vamos, afinal de contas, fazer um relatório completo das necessidades mais prementes. Você sabe perfeitamente que não há condições atualmente, para o atendimento total no setor material e humano, mas vamos fazer o possível para não ficarmos apenas no “quebra-galho”. Vamos fazer o possível para que tenhamos elementos suficientes em todos os setores.

HOJE/FOZ - Este repórter já



Bel. Nilton Gomes (Caxambu) de Oliveira, Delegado Chefe da 6a. SDP de Foz do Iguaçu.

mostrou, em várias reportagens, às autoridades superiores, as precárias condições das instalações da 6a. Sub Divisão Policial, que dia 20 de dezembro completam um ano de existência. Quando de sua inauguração, foi dito que este prédio seria padrão-modelo, não apenas para o Estado do Paraná, como para todo o Brasil. Com apenas 3 meses de funcionamento, vimos que não corresponderia à verdade, tendo em vista as inúmeras fugas efetuadas. Embora fosse dito que os vergalhões das celas e do teto eram de aço temperado, os detentos os serraram com a maior facilidade, usando apenas um pequeno pedaço de serra. As portas das celas, com um simples puxão ou empurrão, foram alijadas dos batentes, comprovando-se que não foram encaixadas no cimento, mas simplesmente encaixadas. Para adotar, realmente, a Delegacia e segurança contra evasões, o que você fará neste sentido?

CAXAMBU - Faremos todos os esforços, junto às autoridades, para provar a necessidade de providências urgentes de reparos, principalmente no setor de carceragem, tendo em vista que as dependências onde ficam os presos não oferecem a segurança necessária. Porém, eu não acredito, como você disse, que tenha sido uma falha de construção e sim do excesso de lotação carcerária, que é muito grande, conforme você sabe. Procurarei entrar urgentemente em contato com meus superiores e com outras autoridades, para o envio para a Penitenciária do Estado, do maior número possível de detentos, para desafogar a 6a. Sub Divisão Policial de Foz do Iguaçu e poderemos proceder aos reparos e reestruturação exigidos. É obvio que as instalações aqui necessitam de reparos para a segurança total da Delegacia, pois de nada adianta a gente combater o crime, prender o criminoso e não ter certeza de que ele vai permanecer encarcerado.

HOJE/FOZ - Em determinada ocasião, tendo em vista o grande número de menores delinquentes aqui detidos, pleiteamos às autoridades a construção de um pavilhão, aqui mesmo na 6a. Sub Divisão Policial, onde os menores pudessem ficar separados dos criminosos adultos, evitando-se desta maneira a promiscuidade física e moral dos menores. Após triagem, estes menores seriam remetidos ao Juizado de Menores e outros órgãos de proteção e amparo ao menor delinquente ou abandonado. O que é que você acha desta idéia, Caxambu?

CAXAMBU - Esta idéia é muito boa, ótima mesmo e faremos constar do relatório que enviaremos ao Secretário de Segurança, onde constará também um pedido para a construção do Presídio de Mulheres. Tanto os menores quanto as mulheres, devem ter a sua prisão em separado, para evitar-se a promiscuidade, propiciando-se melhores condições para a recuperação de ambos. É sabido e notório que o castigo físico deve ser evitado o máximo possível, devendo-se aplicá-lo somente em último recurso, nos elementos de recuperação comprovadamente impossível e o fator psicológico da prisão em separado, para homens, mulheres e crianças, é muito importante.

HOJE/FOZ - Todos sabem que qualquer aparelho policial, para funcionar satisfatoriamente, depende da colaboração de figuras proeminentes da população, os chamados “Agentes Colaboradores”, assim como os Inspetores de Quarteirão, que ajudam na manutenção da ordem nos Bairros. Você gostaria de fazer uma reunião com todos estes elementos, para que pudessem receber as novas orientações que serão adotadas daqui pra frente?

CAXAMBU - A medida que formos desenvolvendo nosso trabalho, iremos tomando contato e conversando com estas pessoas. Aliás, a colaboração deve ser de toda a população e aqui eu faço um apelo a todos. Quando desconfiarem de reuniões clandestinas, de qualquer atitude suspeita de qualquer elemento, comuniquem à Polícia, por telefone, cartas ou pessoalmente. Não tenham recôito, pois o nome do informante não será revelado sob forma alguma. Tudo será feito sigilosamente. A participação da comunidade, na segurança de todos, é muito importante. Casas de jogos, receptores de objetos furtados, pessoas procuradas pela justiça, tudo isso deve ser comunicado diretamente ao Delegado de Polícia pois tomaremos imediatamente as devidas providências. Os Agentes trabalharão sigilosamente para apurar a procedência da queixa ou denúncia e, como já disse, o nome da pessoa que denunciar alguma irregularidade, será mantido no mais completo sigilo. Faremos tudo que estiver ao nosso alcance para corresponder à expectativa da população de Foz do Iguaçu e região. Entretanto, é imprescindível a colaboração de todos. Nosso telefone é 72-1221. Falar com o Delegado Nilton ou Siqueira, ou então enviar uma carta, embora o contato pessoal seja o mais indicado.

POLICIAIS
Cauby Silva



Troca no comando da Delegacia de Polícia de Foz

Reportagem de Cauby Silva

Dia 13 último, as 16 horas, no Gabinete do Delegado Chefe da 6a. Sub Divisão Policial de Foz do Iguaçu, procedeu-se à substituição de Delegados com a transferência de Frederico Alfredo Pedroni para a cidade de Paranaguá, de onde é natural e a nomeação do Bel. Nilton Gomes de Oliveira para a Delegacia de Foz do Iguaçu.

DELEGADO PEDRONI

Após saudar as autoridades presentes, o Bel. Frederico Alfredo Pedroni assim se expressou:

"No acaso de minha administração frente à 6a. Sub Divisão Policial, vejo-me no dever de tributar agradecimentos a todos os colegas que comigo labutaram durante o período de permanência nessa Delegacia.

Faço-o com incontestada satisfação porque, antes de qualquer mérito que pude alcançar no desempenho da minha missão, tive a ajuda, o apoio e a compreensão de todos vocês que, salvo raras exceções, sempre cooperaram com a preocupação que sempre tive: a de honrar e dignificar a função policial.

Árdua é a nossa tarefa, as vezes incompreendida e nem sempre temos condições para cumpri-la, porém procurei superar as dificuldades. Como cidadão investido da função policial, coloquei-me no lugar daqueles que aqui vinham em busca de amparo para seus direitos e procurei atender a todos na pesquisa da verdade, dando ao Judiciário elementos necessários à implantação da Justiça.

Esse ideal procurei transmitir a todos, colegas e companheiros de noites indormidas, amigos dos momentos difíceis, médicos, Delegados, Agentes e Escrivães que auxiliaram."

Ao final de suas palavras, o Delegado Pedroni desejou que seu sucessor tivesse uma feliz e profícua administração à frente da 6a. SDP.

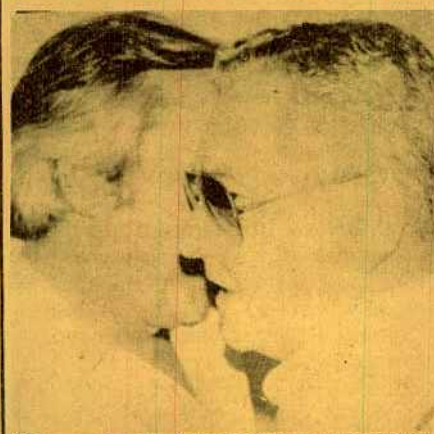
O NOVO DELEGADO

O Dr. Nilton Gomes de Oliveira saudou as autoridades presentes e agradeceu a presença de todos que foram levar-lhe o incentivo e desejar êxito à sua missão.

"Sabemos o quanto seremos exigidos em nosso trabalho - disse o Delegado Nilton - A metamorfose desta região e notadamente desta cidade, com o advento de Itaipu, trouxe uma gama de aventureiros que, no afã do ganho fácil, transgridem e zombam da Lei, mas serão por nós combatidos.

Nesta luta contra a criminalidade colocaremos nossa experiência, nossos conhecimentos e com a colaboração e incentivo de nossos superiores, das autoridades, dos nossos funcionários e do povo em geral, haveremos de atingir a meta que é a defesa do cidadão e da sociedade.

Agiremos com energia e coragem, respeitando direitos, mas exigindo respeito às



Na sequência fotográfica, os principais flagrantes da troca de comando na Subdivisão Policial de Foz.

leis. Apeloamos para que nos ajudem a manter a ordem e tranquilidade construem o progresso da região, do Paraná e do Brasil. Com a ajuda de Deus haveremos de vencer".

PODER JUDICIÁRIO

O Promotor Público, Dr. Helio Airtton Lewin disse que era honroso para ele, em nome do Poder Judiciário, fazer uso da palavra naquela ocasião em que a 6a. Sub Divisão recebia um novo Delegado enquanto um jovem e dedicado policial transferia-se desta cidade para assumir a Delegacia de Paranaguá.

"É honroso, disse o ilustre representante do Ministério Público, porque aprendemos, no curso da nossa convivência nessa Delegacia de Polícia, no manuseio dos processos a nosso cargo, a admirar e respeitar o trabalho desenvolvido pelo Delegado que se despede. O respeito que tributamos a este moço deve ficar expresso neste momento, da mesma maneira como fazemos votos àquele que chega, que mantenha o nível de entendimento com todos nós do Ministério Público, com nós que nos integramos ao Poder Judiciário, porque é da nossa união, do nosso diálogo, que a Justiça consegue prevalecer sobre as atividades criminosas.

Rogamos de sua senhoria, Dr. Nilton Gomes de Oliveira, que nos entenda como companheiros de trabalho, como colegas que, junto ao Judiciário, fazemos e pleiteamos a extensão do nosso trabalho. Tenha na nossa instituição o apoio que pretendemos também nessa Delegacia de Polícia.

O nosso tributo de gratidão ao Dr. Frederico Alfredo Pedroni e os nossos votos de profícua administração ao Dr. Nilton



Gomes de Oliveira.

ELOGIA PEDRONI

O General Alcindo Pereira Gonçalves Secretário da Segurança Pública do Estado do Paraná, após enaltecer os méritos do Delegado Pedroni à frente da 6a. SDP, com os poucos recursos materiais e humanos de que dispunha, apesar das dificuldades, conduziu os assuntos policiais com profunda sabedoria em Foz do Iguaçu.

"Acompanhei o trabalho do Dr. Pedroni - disse o General Alcindo nessa fase difícil do início de Itaipu e ele soube conduzir com muito acerto o aparelho policial para poder contornar essa situação difícil que se apresenta em Foz do Iguaçu.

Primeiro, porque esta cidade é uma área de segurança, área fronteira, com muitos órgãos federais e estaduais, muita gente, muito aventureiro que vem de fora. A população cresceu de tal maneira como não acontece em outros lugares e isso aumenta as dificuldades. Sei que a coisa não foi fácil para o Dr. Pedroni com os poucos recursos ao seu alcance.

A Secretaria, ao mesmo tempo, também sem condições de reforçar com pessoal o efetivo policial para que as dificuldades fossem menores. Pois apesar de tudo, do Dr. Pedroni se houve com sucesso em sua missão.

Nada mais tenho a dizer que ler o elogio que fiz ao Dr. Pedroni, que vou dar à publicação para que conste de seus assentamentos funcionais:

"No momento em que deixa a chefia da 6a. Sub Divisão Policial, com sede nesta cidade de Foz do Iguaçu, a oportunidade é

propícia para externar ao Bacharel Frederico Alfredo Pedroni, Delegado de Polícia, os nossos cumprimentos pela maneira correta com que soube conduzir os assuntos policiais do Município de Foz do Iguaçu, com a colaboração leal e eficiente de seus subordinados.

Por haver primado no trato com as demais autoridades municipais, estaduais e federais aqui sediadas, é evidente que com a sua lhanza saiu-se airoso da espinhosa missão que lhe foi confiada, mantendo a harmonia e a tranquilidade para a segurança pública do Município, embora as dificuldades sempre presentes em tão árdua e difícil tarefa. Nestas condições o Delegado Pedroni, frente à Sub Divisão Policial desta cidade, tornou-se merecedor dos elogios que ora lhe fazemos, para que conste de seus assentamentos.

Com o reconhecimento de seus superiores, na hierarquia funcional, o Dr. Pedroni estarpa assumindo, dentro em breve, nova chefia, desta vez frente a 2a. Sub Divisão Policial de Paranaguá, onde terá a oportunidade de dar continuidade à sua luta na carreira a que se dedica e, com agora, sairá vitorioso. São os votos que fazemos.

Ao Dr. Nilton desejamos e temos certeza que administrará a Sub Divisão Policial de Foz do Iguaçu com sucesso e saberá dar continuidade às coisas pessoais e a essa obra em que todos nós estamos empenhados.

Estamos empenhados, digamos assim, numa elevação do conceito da Polícia, porque não é fácil, como disse no princípio, exercer a função policial. É uma função muitas vezes mal compreendida. A imprensa as vezes nos critica, mas estamos fazendo tudo ao nosso alcance para que possamos ser vitoriosos e na certeza, principalmente, de saber que estamos no caminho certo e bem intencionados de fazer aquilo que devemos fazer. Isso é que é importante: ficarmos tranquilos com a nossa consciência. Tenho certeza que o Dr. Nilton saberá dar continuidade a essa obra em que estamos empenhados. Felicidades".

PRESENCAS

Estiveram presentes às solenidades, o Secretário da Segurança Pública do Estado do Paraná, General Alcindo Pereira Gonçalves; Diretor da Polícia Civil Gernimo Albuquerque de Maranhão; Cel. Frederico Ernesto Virmond, Comandante Geral da Polícia Militar do Paraná; Deputado Federal Joaquim dos Santos Filho; Delegado Moupir Amaral, Chefe de Gabinete do Secretário da Segurança; Bel. Natel Gomes de Oliveira, Delegado Chefe da Sub Divisão Policial de Londrina; Prefeito Municipal Clovis Cunha Vianna; Capitão Acácio Pereira, Chefe de Gabinete do Prefeito Municipal; Cel. Caio Vera Legal e Capitão Ovelar, representantes do Delegado de Governo do Alto Paraná, Paraguai; Comandante Aviador Durval Fernandes, de Londrina; Bel. Raimundo Nonato Siqueira, Delegado Adjunto da 6a. SDP; Dr. Leo Tirca, Chefe do Posto de Fronteira do Ministério da Agricultura; Promotor de Justiça Helio Lewin; Juiz de Direito Roberto Sampaio da Costa Barros; Cleodon Albuquerque, Presidente da Arena e do Sindicato Rural; Sadi Carvalho, representando a Associação Comercial; Edgar Santa Maria, da Receita Federal; William Espiridião David, Delegado Chefe da 15a. Sub Divisão Policial de Cascavel; Antonio Soares Sub Delegado de Santa Terezinha; Casal Chacon e Valquiria, ele funcionário da Rádio Independência de Cascavel e Secretário do General Massa; Médico Legista Dr. Glauco Roberto Cavalcanti de Siqueira Veras; Flavio F. dos Santos Chefe da 16a. Ciretram; F. dos Santos Chemin, Emerson Waner e outros mais.

1º curso intensivo de Inglês no Instituto Minsky - 1979

- de 3 de janeiro a 15 de fevereiro
- aulas diárias, de segunda a sexta
- horário: 20 às 21, 15 horas
- treinamento especial no audio-laboratório
- professor NORTE-AMERICANO poliglota

INSTITUTO MINSKY

Rua Jorge Sanways, 239 - Fone 72-2692
(a uma quadra do Colégio Monsenhor Guilherme)

Agora você pode se vestir com elegância!

Já chegou em Foz



OLIVAS MAGAZINE

NA MODA COM AMOR
ALMIRANTE BARROSO, 495

Foz do Iguaçu, de 28 de dezembro a 3 de janeiro de 1979

HOJE/Foz



Vereadores querem segurar o futuro de Foz?

Pelo menos foi o que quis dizer a Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, através de nota distribuída pela Assessoria de Imprensa, referindo-se aos últimos projetos enviados pelo Executivo Municipal à Câmara de Vereadores. Veja na íntegra o que diz a nota:

"No último dia 19, o prefeito Clovis Cunha Vianna convocou reunião extraordinária da Câmara de Vereadores, para discussão e votação do Projeto de Lei que altera a Lei no. 809 de 23.02.74 (Código Tributário do Município). O Projeto foi esclarecido pelo Executivo, em justificativa à parte, "considerando o crescimento acelerado que está sofrendo o município e a necessidade de ampliar os serviços públicos em áreas que já receberam infraestrutura básica, elevando o seu padrão de conforto e segurança; considerando que a atual alíquota estabelecida pelo Código Tributário para o cálculo da cobrança de determinados serviços prestados à comunidade, já não atende as necessidades, trazendo prejuízos para outros setores e projetos prioritários; considerando, ainda, que em alguns casos se comete injustiça tributária, favorecendo uma minoria em detrimento da maioria dos contribuintes; e considerando, finalmente, a necessidade de atualização constante do Código Tributário, resolvemos alterar a taxa dos seguintes serviços:

ARTIGO 79 - A taxa de limpeza e conservação de pavimentos e estradas rurais será calculada mediante a aplicação das seguintes alíquotas sobre a ba-

se do cálculo: I - 1 por cento da U.F.F.I. - Unidade Fiscal de Foz do Iguaçu (que na atualidade é cotada no valor de Cr\$ 1.000,00), por metro linear ou fração, sobre os imóveis urbanos localizados em vias ou logradouros públicos não pavimentados. II - 2 por cento da U.F.F.I., por metro linear ou fração sobre o imóvel urbano localizado em vias ou logradouros públicos pavimentados. III - 1 por cento da U.F.F.I., por hectare, sobre os imóveis rurais. **ARTIGO 80** - A taxa a que se refere o artigo anterior será lançada e arrecadada da seguinte forma:

I - Sobre os imóveis urbanos os lançamentos serão efetuados e arrecadados juntamente com o imposto predial e territorial urbano.

II - Sobre os imóveis rurais, os lançamentos serão efetuados em guias próprias e arrecadadas na mesma época de cobrança do imposto territorial rural.

ARTIGO 20. - Ficam alteradas as seguintes tabelas anexas à Lei no. 809 (Código Tributário Municipal) de 23 de dezembro de 1974, que passarão a vigorar conforme segue:

TAXA DE ILUMINAÇÃO PÚBLICA:
Incandescente 15 por cento. Mista 17 por cento. Vapor de mercúrio 25w. 20 por cento. Vapor de mercúrio 250w. 23 por cento. Vapor de mercúrio 400 w. 24 por cento. Vapor de sódio 400 w. 25 por cento.

TAXA DE COLETA DE LIXO. Coleta e remoção de lixo domiciliar, por unidade imobiliária (economia), terá o valor da alíquota sobre a U.F.F.I., alterado conforme passamos a discriminar: De Uso Residencial 25 por cento. De Uso Não Residencial, até o limite de 100 kg diários 100 por cento.

COLETA ESPECIAL - A coleta ou remoção que exceder o peso estipulado no item "b" será cobrada por tonelada 23 por cento.

REJEITADO

Submetido o Projeto de Lei à votação, os vereadores de Foz do Iguaçu rejeitaram o expediente do Executivo dentro do seguinte resultado: **CONTRA:** Zuleide Ruas Lucas, Sérgio Spada, Chiquinho Foltrane Freire, Dobrandino Gustavo da Silva; **A FAVOR:** João Kuster, Alberto Koelbl; **AUSENTES:** Agnelo Fávero Hauss e Aldi-

vo Wagner.

A resolução dos edis foi rápida e simples, votaram, negaram o projeto, à saída lavaram as mãos e foram para suas casas tranquilos do dever cumprido.

Que fizeram os negadores do Projeto de Lei enviado pelo Executivo? Simplesmente tentaram que o Prefeito fosse derrotado quando, na verdade e de fato, o povo iguaçuense recebeu em cheio a injusta derrota. Injusta porque a proposta do Prefeito visava corrigir em favor do contribuinte rico. Um exemplo? Uma casa residencial vai pagar, na base de hoje 200,00 (duzentos cruzeiros) por ano, pela taxa de coleta de lixo. O maior hotel de Foz do Iguaçu, que pode ter carga de lixo por 50, 100, 200 residências, vai pagar apenas 500,00 (quinhentos cruzeiros) por ano. Dentro da Lei se aprova como ficaria a situação? Assim: casa residencial, por ano, na base de hoje, 250,00 (duzentos e cinquenta cruzeiros) Hotéis, 230,00 (duzentos e trinta cruzeiros) por tonelada. E esclareça-se ainda o público contribuinte, que este reajuste de taxas do Código Tributário de Foz do Iguaçu não correspondia, se aprovado, ao valor que na realidade a Prefeitura está pagando à firma que faz o serviço.

Então, o que vai acontecer? A iluminação pública tem áreas ainda não favorecidas por esse serviço que ninguém duvida ser necessário, mas como o Projeto de Lei não foi aprovado, o Prefeito, atual ou o que for nomeado pelo novo Governador, não terá oportunidade de atender a população no que se referir à iluminação pública. O mesmo acontecendo com a coleta de lixo, que do jeito que ficou, terá de receber um tratamento mágico.

Limpeza das ruas e conservação das estradas estarão sob o mesmo signo.

Quem os vereadores derrotaram? O Prefeito? Que respondam os homens criteriosos que lutam e velam pelo bem-estar e manutenção do desenvolvimento de Foz do Iguaçu.

E os senhores vereadores negatistas que sonham com o pesadelo do desserviço que deram de presente de Natal à Comunidade?

Cabeleireiro Unisex

ZEZINHO
NIVALDO - LEONILDA

Formados em São Paulo

- Cortes modernos
- Método francês
- Limpeza de pele
- Tratamento capilar.

Rua Almirante Barroso, 100, sala 2,
próximo a Rodoviária
Foz do Iguaçu - PR.

Na Jorge Schimmelpfeng um novo endereço para bem servir:

RESTAURANTE E DORMITÓRIO GAÚCHO

Em frente a Polícia Militar,
antigo Hotel Esplanada.
Ambiente familiar atendido
pela família do
proprietário,
Henrique Frassão.

DOENÇAS DE PELE

Dr. Nei Afonso Chassot
Dermatologista

CRM 6067 CPF 162508690-34

Dois anos de residência Médica Dermatológica, no serviço de Dermatologia da Secretaria de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul.

Rua Jorge Sanwals, 469 - Conj. 102
Foz do Iguaçu - Pr.
Fone 72 - 3641

Auto Posto Zé do laço

Posto que e posto faz assim:
**LAVA-LUBRIFICA
TROCA O ÓLEO - ATENDE BEM.**
Venha comprovar:
AUTO POSTO ZÉ DO LAÇO
Av. República Argentina
esq. c/Floriano Peixoto
Fone 72-1067

David Vomei Smania comunica que extraviou os seguintes documentos: Carteira de Motorista, Carteira de Identidade, Título de Eleitor, Certificado de Reservista, Alistamento, CPF, e Certidão de Nascimento. Os referidos documentos ficam sem efeito por terem sido requeridas as segundas vias.
Foz do Iguaçu, 28 de Dezembro de 1978.

Tenda de Umbanda Iemanjá

DE TEREZA VARELA (MÃE DE SANTO)
QUE VEIO DA BAHIA E ESTÁ APTA A
RESOLVER SEUS PROBLEMAS POR MAIS
DIFÍCIL QUE ESTES SEJAM.

PROCURE-NOS

Rua Coronel Caetano Rocha, 47 - Vila Iolanda
antigo Centro do Daniel - Foz do Iguaçu - PR.

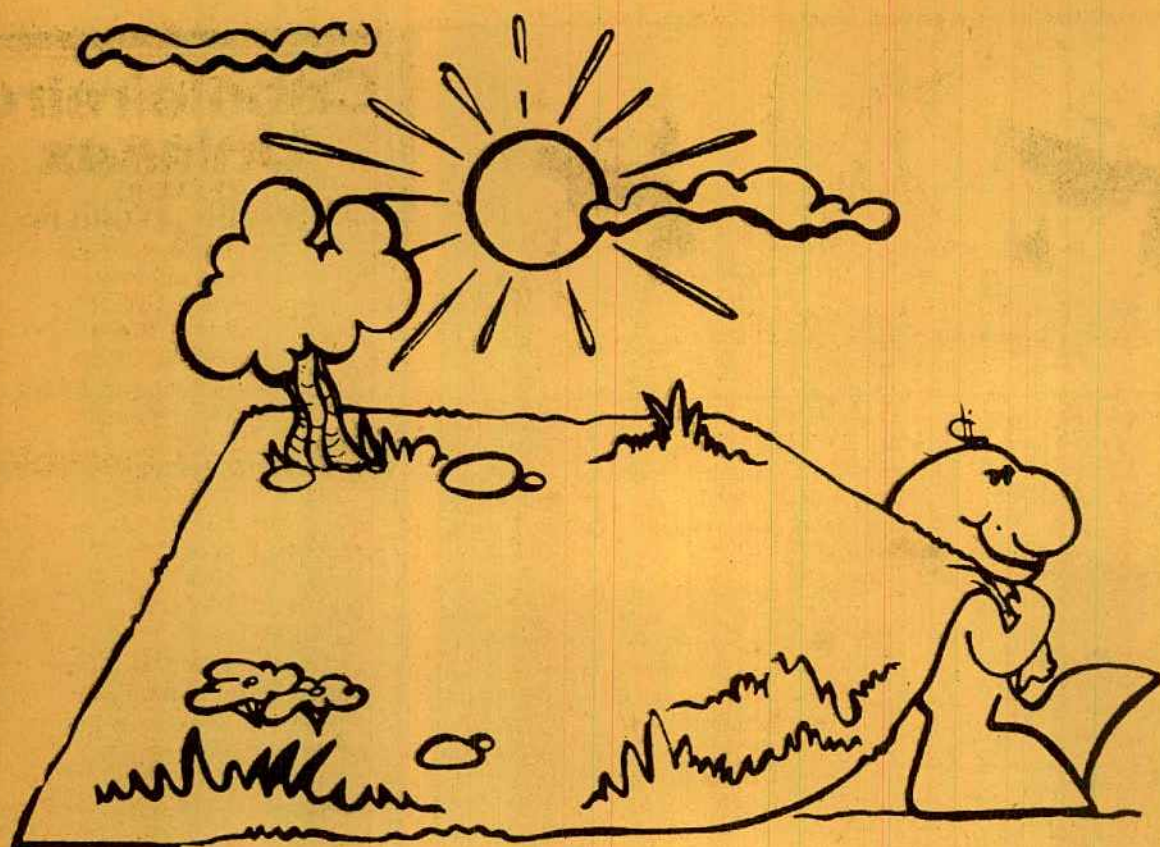
- CHAPEAÇÃO E PINTURAS
- MECÂNICA EM GERAL



Oficina Zanin

Agora com novas
e modernas instalações

Rua 1 - Vila Pérola
Fone 72-4452
Foz do Iguaçu - PR.



**É tão fácil
comprar
um lote no
JARDIM
SÃO PAULO II
que só falta
poder carregá-lo**

LOTES A MIL CRUZEIROS POR MÊS.

No Parque São
Paulo II tem
tudo o que você espera:

**LUZ
ÁGUA
ASFALTO
ARBORIZAÇÃO
REDE TELEFÔNICA
TRANSPORTE COLETIVO**

**5 anos para pagar
sem juros e
sem correção
monetária**

Veja que localização:
frente para Av. República
Argentina e Jorge
Schimmelpfeng
e próximo à Cohapar.

Informações e
vendas:



roberto

imóveis

RUA XAVIER DA SILVA, 755 - TELEFONE: 72-2525 FOZ DO IGUAÇU - PR.

Tarobá entrará no ar somente em 79

A TV Tarobá, Canal 6, entrará no ar somente em janeiro ou fevereiro de 1979. Aguardada com intensa expectativa em toda a região, a Tarobá já está totalmente montada, mas não pode começar as suas transmissões por falta de alguns complementos em seus equipamentos, que é totalmente importado da Alemanha e dos EUA. Como importar hoje no Brasil está bastante difícil e todos os elementos de uma estação de TV são fabricados sob encomenda, é compreensível a demora. Justamente por não prever esses óbices, todos os prazos fixados por João Milanez para que a Tarobá entrasse no ar foram sendo superados. Todos os técnicos de alto nível, encarregados da montagem da primeira estação de televisão do Oeste regressaram ao Rio, a fim de passar as festas com os seus familiares, devendo regressar somente no início de janeiro vindouro.

ITAIPU

Mais empregos

A Itaipu Binacional deverá contratar no próximo mês de janeiro mais 5 mil operários para seu canteiro de obras.

A medida foi anunciada na semana passada pelo diretor geral da Itaipu, general José Costa

Cavalcanti, ao considerar que as obras já vão adiantadas e já começam a se notar deficiências de pessoal em determinados setores.

Os operários serão selecionados na região de Maringá por grupos especializados da própria Itaipu. Os interessados poderão obter maiores informações junto ao departamento de pessoal da empresa.

Mercado de Palavras

PAZ - Período entre uma e outra guerra.

REUMATISMO - Terceiro sinal anunciando que o espetáculo dramático da velhice vai começar.

DESILUSÃO - É o homem pedir a mulher dos seus sonhos em casamento, sustentar o pedido, casar mesmo, e verificar que a mulher era mesmo só de sonhos.

OTIMISMO - É o recém casado viajar com a esposa e a sogra também, e dizer que tal viagem foi sua lua-de-mel.

ESTADO EMOCIONAL - É aquela hora que o Padre pergunta: Há alguém por aí que saiba de algum impedimento que possa anular este casamento?

ROUXINOL - É o mandrião que diz a todas: Você foi a única que conseguiu despertar este empedernido coração para o reino venturoso do amor.

COINCIDÊNCIA - É o pobre pai cansado, com muito sono e a criança desperta com muita dor-de-barriga.

DEMAGOGIA - É a arte de dizer justamente aquilo que não pode ser, para um povo que não pode ter, a fim de conseguir um objetivo escuso.

HOMEM RICO - É o que guarda para o futuro o que chega num presente para o genro.

HOMEM VELHO - É o que se casa com mulher nova e come mingau com dentadura dupla.

FILÓSOFO - Aquele que pensa fazer e faz justamente o que não pensou.

PSICOLOGIA - Arte de numa primeira impressão perceber a última intenção de alguém.

GROSSURA - Falsa aparência coberta pela cera social.

OTIMISTA - Inveterado que depois de umas e outras acredita ser o mundo um tonel de rosas. (J. Mello).

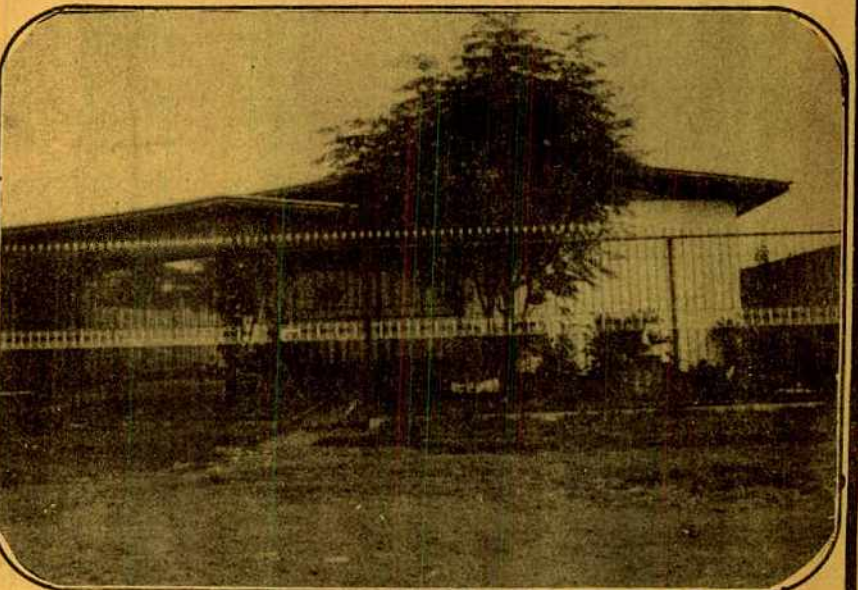
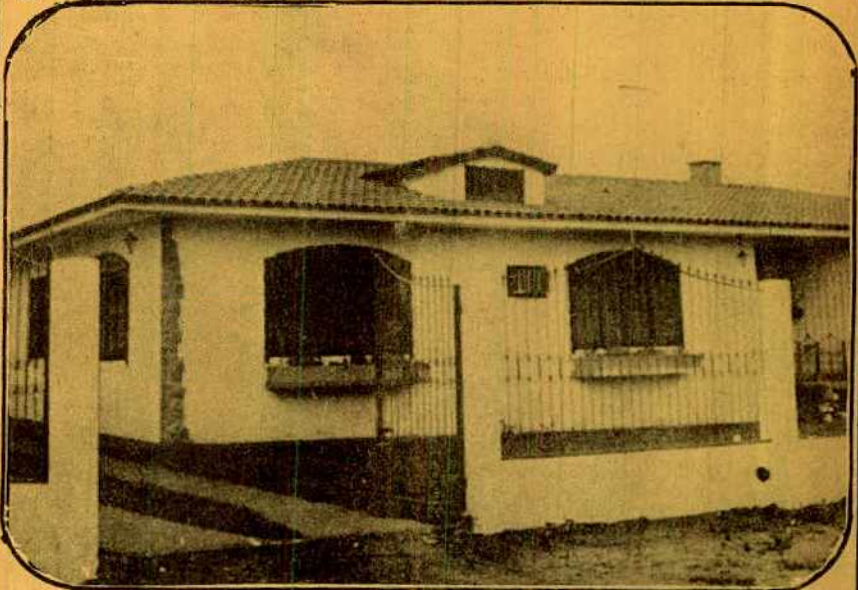


Abrigos para o sistema viário

Sob a fiscalização da Companhia de Desenvolvimento de Foz do Iguaçu CODEFI, foram colocados abrigos modulados nos pontos de ônibus doanel estrutural e outras artérias de importância por onde trafegam os coletivos com o objetivo de dar proteção ao passageiro que aguarda a chegada do

veículo que vai utilizar, notável melhoria planejada pela Administração municipal. Nestas condições, rapidamente, Foz do Iguaçu vai completando, no que tange a todos os melhoramentos devidos ao sistema viário, o painel de obras acessórias e complementares, tais como iluminação, sinalização abrigos e etc. que no conjunto aumentam sobremaneira as garantias de utilização das vias do tráfego de veículos. Por outro lado, para a correta utilização dos meios de transporte por ônibus, o DRM vem dando publicidade das alterações dos trajetos das empresas de transporte coletivo ocorridas recentemente, para a qual a publicidade chama a atenção dos usuários.

Muitas pessoas optaram pelo Parque Residencial Presidente.



E você, o que
está esperando?

- LUZ
- ÁGUA
- ESCOLA
- ASFALTO

- TELEFONE
- TRANSPORTE
- SUPERMERCADO

O melhor loteamento
de Foz do Iguaçu

**URBANIZADORA
IGUAÇU LTDA.**

Av. Brasil, 1244/1249 Foz do Iguaçu - PR.

Crônica O fim do mundo

J. MELLO

Recebo uma consulta. O consultante quer saber se eu tenho alguma notícia com referência ao fim do mundo, se nosso mundo vai acabar e, se possível, quando tal acontecimento se dará.

Respondo:

O fim do mundo vai mesmo acontecer. Não sabemos o dia, a hora ou o minuto, precisamente. O fenômeno se dará à noite, quando todos os homens, mulheres, crianças, gatos e formigas estiverem dormindo.

Não será uma tocha de fogo que esticada do sol lambrará a Terra, nem uma lágrima da lua que nos matará de frio.

O mundo vai estourar mesmo de chateado que está, danado com os bichos de duas pernas que atendem pelo nome de homens.

O mundo vai sacudir a pesada carga, vai explodir limpar-se, desinfetar-se e depois recolher-se para uns milênios de reflexão e descanso.

Serão as férias que o mundo vai tirar, depois de longo e tenebroso aconteci-

mento no qual fartou-se de ver e de ouvir tanto desvario, miséria moral e vegetativa, império da pusilanimidade e glória do "humo homini lupus".

Não sabemos qual será a resolução do mundo, se irá ou não tentar nova arremetida, a de deixar-se mais uma vez ser habitado por seres humanos, ou se entrará em aposentadoria compulsoria, definitiva, a fim de ficar ao lado dos milhões de mundos inertes, sem vida, que já se recolheram em nebulosas num remoto infinito, gozando do silêncio absoluto e reconfortante, conscientizado de que é muito melhor ficar quieto e mudo que ler e ouvir besteirões sem fim.

Todavia, em consultas que fizemos às ginas e salamandras, fomos informados que há única possibilidade de fazer o mundo desistir de seu grave intento: é conseguir que os homens, pelo menos boa parte deles, aprendam que em boca fechada não entra mosquito, e quando abri-la antes porém deve-se triturar os maus pensamentos, as falsas idéias e aquela vontade incontida de ofender de graça, só para ver a banda tocar.

Jorge Martins comunica que extraviou sua Carteira de Identidade no..... 4.496.177-SP, ficando a mesma sem efeito por ter sido requerida a segunda via. Foz do Iguaçu, 29 de dezembro de 1978.

David Vomei Smania comunica que extraviou os seguintes documentos: Carteira de Motorista, Carteira de Identidade, Título de Eleitor, Certificado de Reservista, Alistamento, CPF, e Certidão de Nascimento. Os referidos documentos ficam sem efeito por terem sido requeridas as segundas vias. Foz do Iguaçu, 29 de dezembro de 1978.

David Vomei Smania comunica que extraviou os seguintes documentos: Carteira de Motorista, Carteira de Identidade, Título de Eleitor, Certificado de Reservista, Alistamento, CPF, e Certidão de Nascimento. Os referidos documentos ficam sem efeito por terem sido requeridas as segundas vias. Foz do Iguaçu, 30 de dezembro de 1978.



Horóscopo

(Juventus Nostradamus)
(do exterior)

Começou na semana passada a astrologia neste jornal de pilantra. Desde então não paramos de receber as revelações do Além. Para esta semana acionamos maiores forças esotéricas inclusive a alma do Conde Drácula soprou - e temos condições de dizer com absoluta precisão o que se passa e se passará. Ajoelhe-se.

ARIES - Ainda não lhe aconteceu nada do que previmos na semana passada? Não perca aquilo de mente, que sempre é tempo. Para esse período Delfim Neto estará à sua procura para ser ministro de sua fazenda (lembra do que ele fez com a do Brasil?). Em pouco tempo você perceberá que não tem mais nada. As "multi" já terão repartido tudo entre si.

TOURO - O último escritor de estilo clássico, Roselmus, colheu em sonhos esta diabólica revelação para-traumatizar os taurinos: As vacas morrerão todas de peste suína, perdiação, vacuum, e os touros, bem, os touros... todos pro açougue.

GÊMEOS - Seu relacionamento com a pessoa amada... tcham, tcham... peraí, será que ouvi direito? Fala Zaratrustra! Ah, sim. Que pessoa amada, que nada. Relacionamento com a pessoa amada ficou impossível. Todas as vias de acesso ao relacionamento pretendido estarão obstruídas. Desintupidor de pia será ineficiente.

CÂNCER - Trrrriimmm, trrrriimmm... Alô. É o Drácula? Vamos lá. "Diz aí pros vivos sob este signo macabro que parem de falar da vida alheia (inclusive vocês aí do HOJE/Foz). Do contrário farei nascer um câncer maligno incurável na língua de todos. E não esqueçam da legião de vampiros que está para visitar vocês seus....

LEÃO - (Êi Cauby, pára com isso de beber cachaça e ouvir música caipira. Assim eu não posso acertar os diagnósticos e prognósticos). Leão tem muito na África e lá é o lugar dos leões e leoninos. Já pro navio. Lá na África dirijam-se à Rodésia (Falar com o primeiro ministro Ian Smith). O governo racista da África do Sul e arredores colocará vocês no devido lugar.

VIRGEM - Se houver alguém virgem só pode ser você o único a única. Crie vergonha nessa cara de tacho coberto de fuligem, - é com G ou com J? Deixa pra lá. E é tacho ou

taxo? Esquece. Se deu pra entender é o que basta. Estupradores (cuidado revisão) profissionais estão a sua procura.

LIBRA - Noite passada dormi no cemitério. Altas horas da noite ouvi uma voz tonitruante: Vá dizer àqueles crápulas que o lugar deles é aqui. Respondi: Mas, que isso? Eu também sou "libretino". E de lá: Você tem o tempo suficiente para ir e contar pra todos esta sina.

ESCORPIÃO - (Putz, tira a mão daí. Agora não, por favor. Depois, tá?) Escorpião, você por aqui? Olha cumpra à risca os seus compromissos. Os resultados serão os mais catastróficos. Faça tudo bem feito que no próximo exercício não terá imposto de renda pra pagar. Quer dizer, não terá imposto e muito menos renda. Gostou?

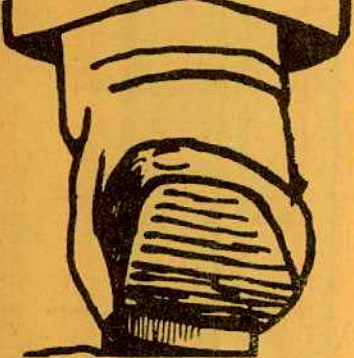
SAGITÁRIO - Vá embora pra Guiné Bissau. Lá você terá a mulher que você quiser, na cama que escolher. (De novo com essa garrafa, Cauby? Vou contar pro gerente). Mas, se for mulher, terá o homem que quiser, etc. Só que agora é tarde. O INPS já vai interná-lo. Jamais você voltará de lá em posição vertical.

CAPRICÓRNIO - Parabéns, o Anuar Sadat ficou com vergonha de receber o Nobel da Paz e vai leiloá-lo entre os capricórnios. Mas para fazer jus a este medalhão, todos terão que mover uma guerra suicida e homicida. Pensa que se ganha Nobel da Paz assim na moleza? Vá plantar sabugo. (Épa, aí não é lugar de beijar).

AQUÁRIO - Ôi, meu amor. Vamos casar logo. Já está escolhido o lugar pra lua de mer... Vamos fazer amor no campo de extermínio de judeus de Sobador. Já tenho guia turístico contratado. É o Gustavo Wagner. Mas tem que ser logo, antes que ele se suicide. Se escaparmos dessa, seremos os únicos sobreviventes do holocausto aquariano.

PEIXES - Fala, Roselmus. Pode ser em Latim mesmo. Meus espíritos voltaram às trevas. Roselmus: "Quem for de peixes evite de comer minhoca. Pode ter anzol no meio". Verdictum finalis: Não é só em minhoca que se põe anzol. Onde quer que ponham a boca haverá uma traição. Decidam: Ou morrem de fome ou com anzol na boca. (Passa pra cá esse chimarrão, Ademônus). (Mais para baixo, mais...)

AQUI
você pisa em
terra firme
Loteadora
DOTTO
Ltda.



JARDIM CRISTINA

Lotes Residenciais e Comerciais com luz, água e asfalto

BR 469 - KM 1,5 - Casa 1295
FONES: 72-2866 e 72-1846
FOZ DO IGUAÇU - PR.

Foz do Iguaçu, de 28 de dezembro a 3 de janeiro de 1979

HOJE/Foz

ADELINO - Você falou que foi ameaçado de morte, Cauby. Conta pra nós direitinho como é que foi essa história.

CAUBY - Isso foi a 1h. de quarta feira passada. Eu estava dentro do laboratório aqui do jornal fazendo fotografias quando o telefone tocou insistentemente. Pensei que fosse alguma garota solitária à minha procura, mas quando atendi, uma voz cavernosa e grave soou do outro lado da linha perguntando:

- Quem fala?

- Aqui é do jornal HOJE/Foz - respondi.

Quando eu falei que era o Cauby. aquela voz cavernosa e profunda disse:

- A morte vai chegar breve pra você negão...

JUVENCIO - Não eram membros do CCC, não?

CAUBY - Daí eu falei: vai pra p.q.p.

ROZELMO - Daí ele desligou o aparelho...

CAUBY - Não, eu ainda pude falar: Porque que você que está do outro lado da linha, não tem o peito de me enfrentar cara a cara? Você não passa de um f.d.p., mau caráter... Daí ele bateu o telefone.

RONALDO - E daí você ficou tremendo de medo...

CAUBY - Imediatamente telefonei para a Delegacia de Polícia.

ROZELMO - Para registrar a queixa.

CAUBY - Não. Telefonei porque aquela voz se identificava com um agente que trabalha lá. Não vou, por enquanto, citar o nome.

ADELINO - E porque você acredita que um agente da polícia iria fazer uma ameaça dessas?

CAUBY - Porque aquela reportagem que saiu no jornal sobre a tentativa de extorsão envolvia este agente.

ADELINO - Mas não poderia ter sido um marginal, uma vez que, seguidamente, você desce a lenha neles?

CAUBY - Desde 1970 eu convivo com os marginais e nunca fui ameaçado por eles...

ADELINO - Não foi ameaçado porque você tem amizade com eles ou porque você dá cacete?

CAUBY - Porque eles sabem que eu dou cacete mas dentro da moral...

JUVENCIO - Ou te respeitam porque você também é marginal?

CAUBY - Não, não... Eu nunca arrasei com um marginal. Sempre procurei fazer um noticiário construtivo mostrando que outras pessoas não devem incidir no mesmo erro, porque o crime não compensa.

O repórter policial conta tudo sobre o submundo do crime!!!

Quem o vê pelas ruas de Foz, quase sempre andando a pé, sacola a tiracolo, óculos escuros, o eterno gingado, logo vai pensando - : é um malandro, maloqueiro.

Talvez não esteja muito longe da realidade - : Cauby Silva, realmente, é um malandro, ou melhor, pra colocar as coisas no seu devido lugar - : um bom malandro.

Carioca, capixaba baiano, mineiro... Não importa; ele tem a pinta de crioulo do morro, que conhece tudo de pilantragem.

Porém, de pilantra - no mau sentido - ele não tem nada, muito pelo contrário. Autor de expressões como "mais manjado que arrois em festa", "chamando urubu de meu louro", "chamando Jesus de Genésio" - para citar as menos interessantes mas igualmente menos encensuráveis -, Ele, desde a fundação do HOJE/Foz, vem fazendo a cobertura policial para este pasquim.

Repórter-tira? Tira-repórter? Sei lá... nem ele talvez saiba. A verdade é

que Cauby Silva mistura as duas coisas, e em consequência disto quem "lava a baía" são os leitores do HOJE/Foz, que tem uma cobertura precisa dos acontecimentos policiais de Foz e região. Com ele, quem merece pau leva pau, quem merece rosas, ganha o seus buquê, seja polícia... ou bandido. Uma coisa eu já presenciei - : o pessoalzinho da pesada, os bandidos, admiram muito o crioulo; ele, em troca, trata-os como gente, não como afilhados, nem como marginais. Às vezes mete bronca com os presidiários (ele tem livre trânsito nas Delegacias), mas na maiorias das vezes distribui cigarros, remédios, arruma médico, intercede junto ao Delega... Enfim, acho que dá pra considerar Cauby Silva como o "pêndulo" entre bandidos e mocinhos, o que tem lhe custado inclusive ameaças de morte. E ele, nem ai...

Num bate-papo com a turma do HOJE/Foz, Cauby revela algumas faces interessantes do submundo do crime (Paulo Roberto)

ADELINO - Será que não compensa?

CAUBY - Compensa para aquelas pessoas que usam posições oficializadas para usufruir direitos e vantagens mas para o marginal, que nós chamamos de pé de chinelo, para o "caxangueiro", não compensa.

ADELINO - O que é caxangueiro?

CAUBY - É o elemento que arromba uma casa para praticar furto.

JUVENCIO - É o que mais tem aqui em Foz...

CAUBY - É, tem aos montes.

JUVENCIO - E o "trombadinha"?

CAUBY - Trombadinha é aquele que dá um trampo em você aí no pedaço fronteiro e faz a tua coringa.

ROZELMO - Coringa?

CAUBY - Coringa é a carteira. Geralmente eles fazem isso dentro dos ônibus. Procuram aprontar uma confusão e naquele pega pra capá descolam a coringa do sujeito.

RONALDO - E nunca conseguem engaiolar esses trombadinhas?

CAUBY - Olha, tem três que agem na circular que vai pra Itaipu que são muito conhecidos. Esses dias eles foram pra cadeia e 40 minutos após foram liberados. Outro caso: um agente federal prendeu um "mão-

leve" na Ponte mandou lá pra 6a. SDP e uma hora após o "malaco" foi liberado.

ADELINO - E aquela fuga?

CAUBY - Há poucos dias houve uma evasão da 6a. SDP de uns elementos que estouraram o vaso sanitário e, tendo em vista, a pouca profundidade do alicerce da construção, mergulharam num mar de fezes...

ADELINO - Peralá, Cauby: para estourar um vaso sanitário faz um barulho do cão...

CAUBY - É, o mesmo barulho que faz quando estão serrando grades. Acontece, porém, que eles punham o rádio no máximo volume e começavam a cantar e bater palmas. Juvêncio, me dá mais um gole desta caipirinha.

ADELINO - E como é que essas seras etc. e tal chegam até esses presos?

CAUBY - Dentro de garrafas térmicas, no meio da comida... O Toninho é um exemplo disso. Já fugiu um monte de vezes.

ADELINO - O Toninho superintendente?

CAUBY - Não é o Toninho da favela, outro marginal. Essa caipira terminou, Juvêncio. Faz outra...

ROZELMO - Não. Durante a entrevista não pode encher a cara senão vai falar bobagem.

CAUBY - Que nada, é uma entrevista bagunçada mesmo.

ADELINO - Chega de papo furado e vamos aos fatos, senão...

CAUBY - Como eu estava falando, o Toninho não é mais superintendente. Agora assumiu o Gerson Galiciolli.

ADELINO - E é boa gente?

CAUBY - É gente boa. É um rapaz, culto, de bons antecedentes, muito inteligente e ponderado...

ADELINO - Calma, puxar o saco não vale.

CAUBY - Não, não é puxar o saco. É verdade.

ADELINO - E o novo delegado?

CAUBY - Ele vai trazer a equipe dele e prometeu prender todos os marginais, sejam eles quais forem.

ADELINO - Polícia que "morde" é marginal?

CAUBY - É marginal.

JUVENCIO - Ao que parece existe uma onda de crimes e tem muita gente "comendo" em cima do que esses marginais conseguem e por isso é que, ao invés de diminuir, a onda de crimes está aumentando...

CAUBY - Realmente. Existem elementos que vivem às custas dos marginais. Temos conhecimento, vamos omitir nomes, vamos dar um voto de confiança ao novo delegado, vamos ajudá-lo, para a recuperação da imagem da polícia de Foz do Iguaçu porque o povo, atualmente tem até medo de registrar uma queixa.

ADELINO - Tá um calor do diabo aqui dentro. Vê se deixa de dar uma de Bordin e compra um condicionador de ar, Rozelmo...

JUVENCIO - Por favor põe eu na consel.

JUVENCIO - Me passa a cachaça pra cá que eu tô com sede.

ROZELMO - Ô Juvêncio, pára com esse negócio de propaganda gratuita.

CAUBY - Trocando de saco pra mala. Quem organizou o álbum fotográfico da polícia de Foz do Iguaçu fui eu, gastando dinheiro do próprio bolso gastando fixador, papel, revelador e filme do jornal.

ROZELMO - Porisso que nós estamos gastando uma nota lascada em material fotográfico...

CAUBY - Essas fotos servem para identificar assaltantes, como foi o caso dos ladrões que assaltaram o Prateado, motorista de táxi e outros.

ADELINO - Já pegaram aqueles sujeitos?

EMPREENDEIMENTOS IMOBILIÁRIOS SANTOS

Urbanizadora e Colonizadora

4 loteamentos à sua escolha :



LOTEAMENTO RESIDENCIAL ITAMARATI:

Criado dentro das exigências do Plano Diretor.
- Rede de energia elétrica
- Rede de água
- Grupo Escolar
- Asfalto
- 30 meses para pagar telefone

LOTEAMENTO WITT E TRES LAGOAS

- Luz elétrica
- Arborização
- Transporte Coletivo

JARDIM RESIDENCIAL MARIA LETICIA

Próximo ao trevo que liga Foz do Iguaçu a Cascavel, junto ao conjunto habitacional Itaipu, com 30 meses para pagar.

LOTEAMENTO VILA IOLANDA

Luz, água e Telefone

LOTEAMENTO DUARTE

EMPREENDEIMENTOS IMOBILIÁRIOS SANTOS LTDA.

Avenida Brasil, 1135 - 1o. andar - Telefone 72-1003 - FOZ DO IGUAÇU - PR.

CAUBY - Uns já estão presos, outro foi morto...

ADELINO - Morto em tiroteio com a polícia?

CAUBY - Não. Foi morto por elementos da própria gang.

ADELINO - Certamente não se acertaram nos "finalmentes".

CAUBY - É, na hora da partilha geralmente dá bronca.

JUVÊNCIO - Voltando um pouco atrás é possível pelas condições de segurança da cadeia, os prisioneiros fugirem sem serem percebidos pelos guardas?

CAUBY - É possível. Acontece o seguinte...

JUVÊNCIO - Ou os guardas fazem vista grossa?

CAUBY - Pela madrugada o carcereiro não fica perto da cela, fica na recepção.

ROZELMO - E o'caixa, onde fica? (A turma cai na gargalhada)

CAUBY - Não tem caixa... Então, enquanto o carcereiro fica na recepção ajudando, eles abafavam o barulho enchendo de água o vaso sanitário, e conseguiram quebrar. Depois que arrancaram o vaso (durante a noite porque de dia eles botaram o vaso no lugar) começaram a cavar com marmitas e levaram 4 ou 5 dias...

ADELINO - E a terra, enfiavam no ...

CAUBY - Ficava depositada em cima da cama, que é feita de tijolos e botavam os colchões em cima. Se alguém olhasse das grades não veria a terra. Vou parar esta entrevista porque minha goela já está seca e este copo de caipirinha não pinta pro meu lado...

ROZELMO - Voltando um pouco atrás se o carcereiro sai pra outro lugar e deixa as celas para atender outra coisa, essa coisa poderia ser o caixa?

CAUBY - Volto a insistir, não existe caixa.

ADELINO - Devo avisar que tudo o que falarem aqui vai sair no jornal...

CAUBY - Existe falta de gente na polícia...

ROZELMO - Gente honesta?

CAUBY - Que é isso, rapaz. Na polícia tem gente corrupta, mas tem também gente séria.

ADELINO - Quanto é que ganha um agente?

CAUBY - Creio que seja em torno de 2, 3 mil cruzeiros.

ADELINO - Como é que se pode explicar que eles têm casa, carro do ano, etc. e tal com este salário? Eu que ganho (mas não recebo) em torno de 8 mil por mês dá mal e mal para comer.

CAUBY - Como diria Shakespeare...

ROZELMO - Não precisa explicar, eu só queria entender.



CAUBY - Como diria Shakespeare "Existem mais coisas entre o céu e a terra que a nossa vã filosofia possa imaginar".

RONALDO - Desse jeito não dá. É preciso fazer alguma coisa...

CAUBY - O que precisa ser feito é o seguinte: aumentar o salário dos nossos agentes. Foz do Iguaçu é a cidade onde o custo de vida é altíssimo e quem ganha 2 ou 3 mil cruzeiros o em outra cidade pode viver, mas aqui é humanamente impossível e daí é que acontecem as mordidas. Então, é bom frisar que se o salário for aumentado poderia ser uma solução...

JUVÊNCIO - Por que que eles não fazem greve?

RONALDO - Seria uma boa. Daí ninguém iria prendê-los...

CAUBY - A maioria dos agentes daqui são veteranos em Foz e já fizeram um círculo de amizades...

ROZELMO - São amigos de donos de parques, mocós, etc...

(risos)

CAUBY - Os policiais de fora pedem pelo amor de Deus para não serem transferidos para Foz do Iguaçu

ROZELMO - Eu, francamente, não posso entender como é que certos membros da polícia que ganham uma micharia podem esbanjar dinheiro à vontade. Carro do ano, mulheres as pamparras e mordomias à vontade...

ADELINO - Eles ganham muita "gorjeta", eu acho...

CAUBY - Eu não sei como é que eles fazem...

JUVÊNCIO - Não sabe ou não quer entregar o "Ouro pros bandidos"?

CAUBY - Existem elementos que ganham uma micharia e têm de tudo mas

não compete a mim apurar isso e sim autoridades.

JUVÊNCIO - Aquela história que você contou de que tem pouco policial em Foz do Iguaçu deve ser conversa pra boi dormir porque o que se vê de viaturas cheia de "azulão" dentro dando voltas pela cidade não é bolinho...

CAUBY - Ainda bem que você disse. "Azulão" é da Polícia Militar e nos estamos falando da polícia Civil.

JUVÊNCIO - Se há tanta polícia, seja Civil, Militar, Federal ou sei lá o que só sei que está infestado de policial aqui na cidade, porque a incidência de marginalidade aumenta ao invés de diminuir? Só pode haver convivência da parte da polícia com o crime e um aproveitamento da parte da polícia com os resultados e os frutos do crime...

RONALDO - A caipirinha tá boa. Faz outra, Juvêncio que depois eu te conto a resposta.

CAUBY - Juvêncio, vamos discriminar: temos a Polícia Federal que atende os crimes de alta revelância contra país. Temos a Polícia Militar que faz aquele policiamento preventivo e, por fim, temos a Polícia Civil que é uma polícia repressiva. Dentro da Polícia Civil temos duas. Sub-divisões: polícia judiciária e polícia técnica. A primeira promove os processos para o Judiciário. A polícia Técnica é aquela que faz levantamento de crimes e outros baratos por aí fora.

JUVÊNCIO - Você falou, Cauby que a Polícia Civil é repressiva. Há polícia que não seja repressiva?

CAUBY - Existe. Existem três funções na polícia: repressiva, ostensiva e preventiva. E toda a polícia tem essas qualidades quando for o caso.

ADELINO - Bem, vamos falar sobre a polícia repressiva, que age a toda hora...

CAUBY - A repressiva age quando existe alteração da ordem e por isso ela precisa reprimir os abusos.

ADELINO - E ela pode dar cacete?

CAUBY - Pode. Desde que seja autorizada pelo comandante.

ADELINO - Podem matar também?

CAUBY - Desde que recebam uma ordem superior.

ROZELMO - E depois que já está atrás das grades, podem matar?

CAUBY - Não. Aí já seria um crime oficializado.

ROZELMO - Mas isso é muito comum...

JUVÊNCIO - Me conta direitinho: como é que a polícia pode eliminar alguém?

CAUBY - Existem elementos que, necessariamente, precisam ser liquidados.

JUVÊNCIO - Eu acredito que só mesmo em últimas instâncias, quando o policial corre risco de vida pode reagir e matar.

CAUBY - E o caso. Se as autoridades superiores dizem que se o marginal resistir a prisão e pra mandar bala para matar, eles estão certos.

JUVÊNCIO - Mas existe base legal para isso?

CAUBY - Sim. Suponhamos que você seja casado. Um elemento arromba sua casa rouba tudo o que você tem. Violenta a sua esposa e a sua filha menor...

JUVÊNCIO - Mesmo assim eu não tenho o direito de matá-lo e nem a polícia o tem.

CAUBY - Certo, mas se a polícia troca tiro com esse elemento porque ele resistiu à prisão, o que resta fazer?

JUVÊNCIO - Aí está certo e é o que eu quis me referir.

JUVÊNCIO - E o Esquadrão da Morte?

CAUBY - Posso afirmar que aqui em Foz não existe isso. Nenhum policial tem interesse em matar um marginal.

ROZELMO - E a tortura. Pau de arara, etc...

JUVÊNCIO - Essa existe e não há como negar.

CAUBY - Me dá um cigarro.

ADELINO - Você quer pegar um cigarro para ganhar tempo e pensar numa resposta. Não é isso?

CAUBY - Não. Vocês podem formular qualquer pergunta que eu respondo no ato.

ROZELMO - A tortura é permitida?

CAUBY - A tortura existe mas não é permitida oficialmente. Em muitos casos a tortura se faz necessária. Cada agente tem seu modo de agir.

ROZELMO - Quer dizer que eles não obedecem às determinações...

CAUBY - E nem podem obedecer. Porque se eles obedecerem não há sentido em ser Agente.

JUVÊNCIO - Torturador, para mim, comete o mesmo crime que ele se propõe a evitar. Porque na hora em que voce tortura ou mata uma pessoa estará fazendo aquilo que não quer que ela faça. É uma contradição interna da própria polícia porque uma vez que recolhem o elemento e o isolam do meio social, ele não mais se constitui um perigo e, cometer violência contra ele (às vezes, por incompetência da própria polícia de chegar à verdade por outros meios ou falta de inteligência para descobrir o complexo de todo o crime) a polícia passa a apelar ignorantemente, torturando e levando as coisa às piores consequências.

Passe para o lado de quem lhe oferece mais **OLSEN** também em carros usados certeza de um bom negócio

Corcel II	Beje	1978
Brasília	Amarela	1973
Alfa Romeo	Vermelho	1976
Volks 1300	Beje	1977
Belina LDO	Beje	1977
Belina Luxo	Beje	1977
Passat	Vermelho	1975
C-10	Beje	1977
Brasília	Dourado	1976
Corcel Lx	Marrom	1977
Volks 1300	Azul	1974
Corcel Lx	Preto	1975
Kombi	Branco	1975
Volks 1600	Amarelo	1976
Passat	Vermelho	1976

Aberta diariamente das 8.00 às 18.00

(Aos sábados das 8.00 às 12 horas)

Av. República Argentina, 530/544 - Fone 72-1027 FOZ DO IGUAÇU - PR.

OLSEN



72-1516

Telefone para cá.
PAPELARIA WADIPEL
72-1516
Tronco-chave PAB-X
Único número do telefone.

Foz do Iguaçu, de 28 de dezembro a 3 de janeiro de 1979

HOJE/Foz

CAUBY - Eu posso te responder. Um criminoso que matou, é detido e confessa o crime. Esse elemento não sofre tortura. Um estuprador também não sofre tortura se confessar o crime mas um ladrão, vagabundo que arromba a tua casa que violenta tua esposa, que violenta a tua filha e sabe-se que ele é suspeito de um assalto e, nas interrogações, cai em contradições. Quando ele cair em contradições, já está se condenando à tortura.

JUVÊNCIO - Mas se ele cai em contradições é evidente a sua culpabilidade e não há necessidade torturá-lo...

CAUBY - Se um elemento entra na tua casa e violentou tua esposa e rouba tudo, você vai matá-lo, torturá-lo ou entregá-lo a polícia?

JUVÊNCIO - Eu deixaria a polícia fazer a sua parte.

CAUBY - E nessa parte está incluída a tortura, porque o criminoso vai negar sempre.

JUVÊNCIO - Mas a tortura é degradante em qualquer forma e por qualquer motivo. Jamais a tortura irá resolver coisa alguma. Irá isto sim, aprofundar o estado caótico de criminalidade.

CAUBY - Vamos deixar este estado caótico de lado porque ninguém vai entender. A polícia de Foz do Iguaçu ainda fez milagres tendo em vista...

JUVÊNCIO - Eu acredito que a criminalidade, a marginalização é criada, é oportunizada pela própria sociedade. Então que ela saiba aguentar as consequências daquilo que ela mesma criou.

CAUBY - Se foi criada e oportunizada pela sociedade qual é a culpa da polícia?

JUVÊNCIO - É isso que eu queria salvar mas com justiça e com critérios humanos.

CAUBY - Mas como usar critérios humanos com um vagabundo que matou 5 ou 6 homens?...

JUVÊNCIO - Não será matando o assassino que se vai fazer justiça, porque você está cometendo o mesmo crime que ele cometeu.

(A discussão se tornou muito forte e tivemos que desligar o gravador para não sair besteira).

CAUBY - Você sempre viveu na alta sociedade e agora foi marginalizado.

JUVÊNCIO - Deixando a escola e passando para o jornal eu me senti promovido, mas nunca vivi na alta sociedade.

CAUBY - Você vivia num mundo falso conhecia os dramas da baixa sociedade a agora está enfrentando a realidade do cotidiano porque está convivendo num jornal que mostra a realidade da vida, um jornal sem mentiras, sem máscara, sem hipocrisia...

ROZELMO - Não adianta puxar o saco que não vai ganhar aumento.



RONALDO - Acabou a pinga. Vai pegar aquele uísque que o Wadis mandou como presente de Natal. Enquanto isso eu vou bater uma foto de vocês.

JUVÊNCIO - Essas ameaças que você vem recebendo partiram, realmente, de elementos ligados à polícia?

CAUBY - Pelas vozes acredito que partiram de elementos da Polícia Civil.

JUVÊNCIO - Seria brincadeira ou...

ADELINO - Por que você não deu queixa?

CAUBY - No dia em que fui ameaçado dentro da Delegacia de Polícia...

ADELINO - Dentro da Delegacia?

CAUBY - Isso mesmo. O elemento (não vou citar o nome) ficou queimado por que publiquei aquela matéria sobre a tentativa de extorção, quando eu estava perto, ouviu as ameaças e mandou que o indivíduo se recolhesse.

REZELMO - Mas quem era esse sujeito?

CAUBY - Não vou citar nome mas é um sujeito gordo, moreno, forte...

RONALDO - Tipo um touro.

JUVÊNCIO - Conta a verdade, Cauby. Diga que ele bonito, atraente e...

CAUBY - Na ocasião ele disse assim: "Você, o Teixeira e o Chiquinho, (dois vereadores que fizeram um pronunciamento sobre o caso) são todos uns sem-vergonhas porque foram botar meu nome no jornal". Falei para ele que seu nome não havia saído no jornal e sim que ele havia vestido a carapuça. Eu cometi a asneira de não ter colocado o nome dele.

ROZELMO - Você não tem medo que esse elemento possa te matar amanhã?

CAUBY - Pode acontecer, mas eu não tenho nada a perder, sou solteiro, livre e desimpedido. Se ele conseguir me "apagar" eu tenho fitas gravadas, entregues a uma determinada pessoa guardadas num cofre forte porque se amanhã eu aparecer morto, nestas fitas estarão os nomes dos possíveis assassinos.

ADELINO - Na Delegacia aqui de Foz tem pau-de-arara, etc.?

CAUBY - Não tenho conhecimento.

JUVÊNCIO - Choque elétrico?

CAUBY - Tenho certeza que não existe. Em Foz do Iguaçu existem policiais que não gostam de violência...

JUVÊNCIO - Em contrapartida existem os que gostam.

CAUBY - Existem, os sádicos.

RONALDO - Você acha, realmente, que a tortura é necessária?

CAUBY - É necessária.

JUVÊNCIO - Não me venha com essa de que a tortura é necessária porque você admite o crime legalizado lá dentro da cadeia onde deve ser feita a justiça.

CAUBY - Ora, se nós sabemos que o sujeito arrombou sua casa, violentou sua...

ADELINO - Pára, pára. Chega de repetir a mesma resposta. Vou desligar o gravador e vocês discutem à vontade. (Depois que as "comadres" brigaram bastante e rasgaram as roupas foram obrigados a fazer as pazes e só então a entrevista continuou)

ADELINO - Qual foi o caso que mais te marcou?

CAUBY - No ano passado, no Porto Meira... Um paraguaio, pai de 11 filhos, todos menores, violentava as próprias filhas e amarrava-as numa máquina de costura para que estas não viessem a denunciá-lo.

Outro caso foi em São Miguel do Iguaçu, quando um sujeito de 55 anos violentou duas filhas e tentou violentar pela terceira vez logo que veio de mudança para Foz. Um terceiro caso que me bestificou muito foi esse faroto que vive amarrado há 17 anos...

ADELINO - Em todas essas suas andanças pelas quebradas, no mundo do crime dá, perfeitamente, para perceber até que ponto chega a degradação do ser humano, não?

CAUBY - É o que eu disse pro Juvêncio: você vivia num ambiente falso...

JUVÊNCIO - Falso num cacete. Eu sempre prestei atenção à realidade.

ROZELMO - Passe o uísque pro meu lado que eu estou com sede.

ROZELMO - Vão preparando a janta que eu vou dar uma voltinha. Tenho "compromissos". Vou ver um "objeto não identificado" e já volto.

ADELINO - Você é um repórter-"tira" ou um "tira"-repórter?

CAUBY - Você agora me botou na rede. O elemento que se dedica à condição de repórter policial é um policial em potencial porque quando você se dedica de corpo e alma a uma coluna policial, fica marcado pelos marginais (e tem um revólver apontado no seu ouvido esquerdo); e pode ficar marcado por um policial quando condena este (e tem um revólver apontado no seu ouvido direito)

JUVÊNCIO - E você já tem um revólver em cada ouvido?

CAUBY - Me considero entre dois fogos. É aquele velho caso: se ficar o bicho pega, se correr o bicho come...

RONALDO - Você tá f...?

CAUBY - Olha, eu nunca desgracei um marginal ao ponto extremo. Agora um mau policial, um elemento corrupto, não tenham dúvida: será por mim denunciado e levado ao púlpito da condenação popular porque o mau policial é pior que o melhor marginal que exista.

JUVÊNCIO - Já que você defende a tortura, Cauby...

CAUBY - A tortura é necessária.

JUVÊNCIO - Se você fosse torturado, defenderia a tortura?

CAUBY - Continuariá defendendo.

JUVÊNCIO - Tortura não resolve nada.

CAUBY - Resolve.

JUVÊNCIO - Não resolve.

CAUBY - Resolve.

ADELINO - Ordem na casa. Essa briga de comadre vai acabar em casamento.

CAUBY - Como diria Rui Barbosa: "Embora discorde do seu ponto de vista defenderei até a morte o direito de dizê-las". Eu tô com ele e não abro. Na Universidade, quando escutava os pronunciamentos dele...

ADELINO - Peraí, chute não vale. O Rui Barboza é de outra época e você não pode ter cento e poucos anos.

CAUBY - Uai, será que não posso aplicar uma mentirinha? Certa vez ele falou: "Não se combate a guerra preparando-se para a guerra. A violência gera violência".

JUVÊNCIO - "Si vis pacem, para bellum" - dizem os latinos.

CAUBY - Vá tomate crú, Juvêncio. Parabêlo, pelo que eu sei, é uma pistola.

JUVÊNCIO - "Se queres a paz, prepara a guerra", é a tradução pra você que não entende de latim.

CAUBY - Eu não fui padre pra entender de latim.

RONALDO - Olha, o Rozelmo já está de volta.

ROZELMO - Já rodei a bolsinha e arrumei o dinheiro...

TODA A TURMA EM CORO: "Então vai pagar a janta."

José Batista da Silva comunica que extraviou os seguintes documentos: Carteira Nacional de Habilitação, Título de Eleitor, C.P.F. e Carteira de Identidade no..... 1.057.618-PR. Os referidos documentos ficam sem efeito por terem sido requeridas as segundas vias.
Foz do Iguaçu, 30 de dezembro de 1978.

José Batista da Silva comunica que extraviou os seguintes documentos: Carteira Nacional de Habilitação, Título de Eleitor, C.P.F. e Carteira de Identidade no..... 1.057.618-PR. Os referidos documentos ficam sem efeito por terem sido requeridas as segundas vias.
Foz do Iguaçu, 29 de dezembro de 1978.

José Batista da Silva comunica que extraviou os seguintes documentos: Carteira Nacional de Habilitação, Título de Eleitor, C.P.F. e Carteira de Identidade no..... 1.057.618-PR. Os referidos documentos ficam sem efeito por terem sido requeridas as segundas vias.
Foz do Iguaçu, 28 de dezembro de 1978.

Farmácia Universal

UMA SENTINELA ALERTA
ZELANDO PELA SUA SAÚDE



Plantão permanente

Av. Brasil, 725 - Fone 72-1160 - Foz do Iguaçu - Pr.

"ORAÇÃO AO DIVINO ESPÍRITO SANTO"

Espírito Santo, você, que me esclarece tudo, que ilumina todos os meus caminhos, para que eu atinja o meu ideal, você que me dá o dom Divino de perdoar e esquecer o mal que me fazem e que todos instantes da minha vida está comigo, eu quero neste curto diálogo agradecer por tudo e confirmar mais uma vez que nunca quero me separar de você por maior que seja a ilusão material não será a mínima da vontade que sinto de um dia estar com você e todos os meus irmãos na glória perpétua, obrigado mais uma vez. A pessoa deverá fazer esta oração 3 dias seguidos sem dizer o pedido, dentro de 23 dias será alcançada a graça por mais difícil que seja, publicar assim que receber a graça.
Publicado por ter recebido uma graça.
J.A.K.

HIGH SOCIETY

● O Country Club de Foz do Iguaçu está aí, com sua sensacional promoção de final-de-ano, o "Baile de Reveillon", na noite deste dia 31. O traje será "esporte", e a animação do conhecido conjunto musical "A Célula". As reservas de mesa devem ser feitas de imediato, na Secretaria do Clube, pois esgotam-se rapidamente. O preço: 400 cruzeiros.

● Em promoção da APP, foi realizado na sede social do GRESFI o I Concurso Internacional de Dancin Days, nos últimos dias 22, 23 e 24. Sucesso absoluto, pois a moçada agitou "adoidadamente". Deste concurso foi apontado o "casal" Nelson Amaral dos Santos e sua irmã Cristina como vencedores, depois do corpo de jurado ter assistido a apresentação de grande número de pares.

● Nelson e Cristina Amaral dos Santos residem em Brasília - a "Bela-Cap", e aproveitam as férias para turismo aqui em Foz, além de visita a familiares. Vão daí que surgiu o concurso de discoteca e eles faturaram, merecidamente.

● Em segundo lugar ficou o "casal" Ângelo César Floriano e Zelinda Gonçalves, e em terceiro Vanderlei Bueno e Helena Bueno.

● Os prêmios aos vencedores foram oferecidos por Apepar, Jóia Esporte Som e Casa Tóquio.

● A Cêia Natalina da Casa Paraguaia, este ano, contou com a presença de um dos maiores nomes da música paraguaia: Maestro Herminio Gimenez, atualmente radicado em Buenos Aires, na Argentina. O maestro, que se fez acompanhar do harpista Chaparro guitarrista e cantor Mario e a cantora Gra-



Bem, jornalistas e jornaleros também têm o direito de confraternizar. E foi isso que aconteceu no sábado último em Cascavel, quando diretores e funcionários da Editora Independente Ltda. almoçaram juntos.



Duas "bonecas" da city: Neumara Rafagnin e Eliane Oro. Elas foram debutantes este ano.

PEÇAS, PNEUS E ACESSÓRIOS PARA AUTOMOVEIS

COMERCIAL PIETSCH DE
AUTO PECAS LTDA.

TUDO EM PEÇAS E ACESSÓRIOS
PARA O SEU AUTOMÓVEL OU
CAMINHÃO DE QUALQUER TIPO
OU MARCA, PELOS MELHORES
PREÇOS DA PRAÇA.



BR 277 - KM 538 - Trevo Foz/Itaipu - Fone 72-1852

EXPORTADORA PIETSCH
DE PNEUS E ACESSÓRIOS
PARA AUTOMÓVEIS LTDA.

- PNEUS
- CÂMARAS
- BATERIAS
- COMPRESSORES DE AR
- CAPOTAS E CARBURETO

Um bom escritório pode realizar um bom negócio



STATUS DECORAÇÕES

O lugar certo para você comprar

REVENDEDOR EUCATEX E DISTRIBUIDOR PAVIFLEX

MULTIPISO, PAPEL PAREDE, CARPETES.

FORROS: Comerciais e Residenciais

DIVISÓRIAS: Em Divilux, Lambris e Eucaplac.

Para completar sua decoração:

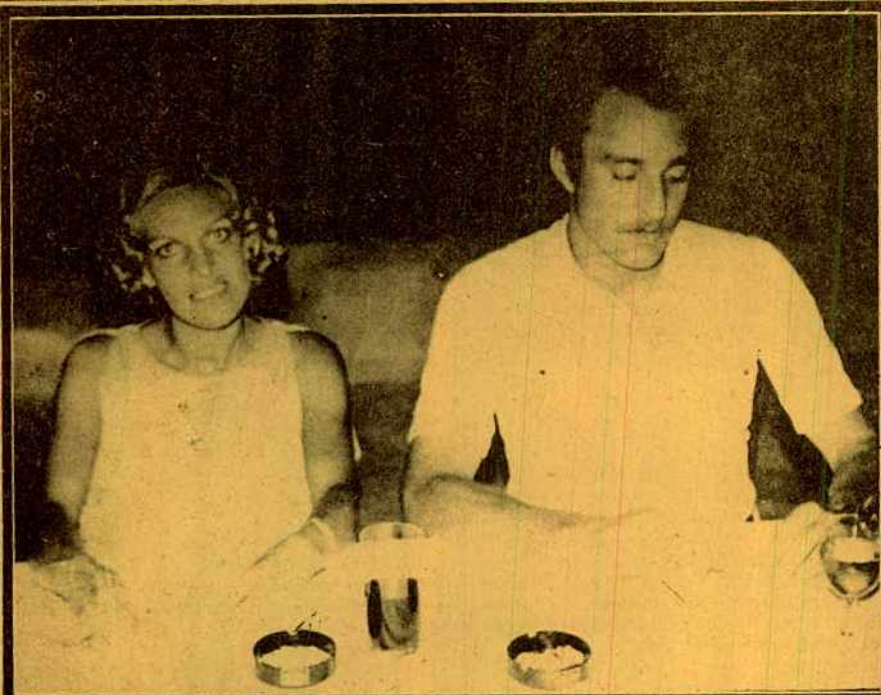
Cortinas dos mais variados
modelos comerciais e residenciais.

Fone
72-4234

Rua Xavier da Silva, 746

Foz do Iguaçu - PR.

HIGH SOCIETY



O presidente do Floresta Clube Edson Teixeira e esposa Adelaide no jantar de confraternização entre Presidentes de Clubes e imprensa local.



A foto registra o momento em que Acácio Pereira, representante do Prefeito Municipal descerrava a fita simbólica dando por inaugurado mais um trecho da Av. Major Raul de Mattos. A solenidade aconteceu no último sábado

ciela, iniciou sua apresentação com uma homenagem muito bonita ao Brasil, executando em seu órgão eletrônico "Luar do Sertão", de Catulo da Paixão Cearense, passando depois para a canção paraguáia "Índia", sendo calorosamente aplaudidos os integrantes do conjunto.

● Irmanados à imensa colônia paraguáia aqui radicada, os brasileiros souberam reconhecer o grande valor artístico do Maestro Gimenez, não regate-

ando aplausos e vivas à sua brilhante apresentação, valorizada pela belíssima seleção das músicas apresentadas.

● De Assunção, inúmeras pessoas, destacando-se, entre outras, Pedro Xavier Lopez, Mirta Beatriz Lopez, Nelva Clara Lopez, Mary Gomez e Mirna Gomez, esta últimas acompanhadas da tropicalíssima e simpática Carmen Brizuela.

● Indubitavelmente, digna dos melhores elogios a esforçada Diretoria da Casa Paraguaia, por mais esta sensacional e vitoriosa promoção.

● O MADRIGAL "ACAPI" (da Associação Cultural dos Artistas Plásticos do Iguaçu) recebeu uma belíssima homenagem da Associação Brasileira de Odontologia. Os dentistas brindaram o Madrigal com uma placa de bronze com estes dizeres: "Ao Madrigal ACAPI, uma homenagem da Associação Brasileira de Odontologia, seção de Foz do Iguaçu, pelo grande esforço e entusiasmo com os quais conduziu a arte em 1978." Essa manifestação de apreço foi feita na pessoa do Dr. Júlio César de Sá Ferreira, que entregou a placa ao maestro do Madrigal, prof. Haroldo Alvarenga. Em retribuição, as melodiosas vozes que cantam sob a batuta do Haroldo fizeram serenatas nas casas dos dentistas, nestas noites de alegria, calor e festa.



Comandante da Capitania dos Portos do Rio Paraná, Capitão Fragata Fernando Vilela Alvarez, sob cujo comando transcorreram as comemorações do "Dia da Marinha" em Foz do Iguaçu.

Confecções

GUARARAPES S.A Calças e Camisas



AOS NOSSOS IRMÃOS NO TRABALHO QUE CONOSCO LABUTARAM MAIS UM ANO EM FRENTE DIFERENTES DE UMA MESMA LUTA, SINCEROS VOTOS DE UM FELIZ NATAL E PROVEITOSO ANO NOVO.

Av. Brasil, 2318 - Conj. 404
Edifício TREVISÓ
Fones: 23-6947 - 23-8625
Cascavel - PR

LOJÃO MOVEIS LAR



A MAIOR VARIEDADE
DE MOVEIS E

ELETRODOMÉSTICO DA REGIÃO.

MATRIZ: Avenida Brasília, 1154 - Fone 64-2352 e 64-1182. Medianeira - Pr.
FILIAL: Centro Comercial do Conjunto "C" de Itaipu, (próximo a barreira de Itaipu). Foz do Iguaçu - Pr.



Carros usados:

COMPRAMOS
SEU CARRO
PAGAMENTO
À VISTA



Chevette	Branco	1978
Passat	Bege	1977
Brasília	Bege	1977
Corcel	Branco	1976
Corcel	Bege	1976
Opala	Cinza	1976
Dodge Polara	Branco	1976
Maverick	Azul	1974
Chevette	Amarelo	1974
Chevette	Branco	1974



GAIVOTA VEICULOS LTDA

COMPRAMOS O SEU CARRO À VISTA

Rua Xavier da Silva, 766 - Fone 72-1569 - FOZ DO IGUAÇU - PR.



Bom Natal?

Engraçado... quando eu era "redator-chefe" do "O Paraná" ganhei campanhas, perús, vinhos chilenos, camisetas e mil e uma outras coisas no Natal. Este ano... Como são as coisas, né? As coisas são assim mesmo (Paulo Roberto/Cascavel)

Cuidado

Cauby Silva, te cuida, nego, que os home te apagam... (Marinaldo)

Crianças

É realmente muito bonitinho depositar uma grana na conta 1979, do Banco Real (nada contra este banco, apesar de ser "cliente" do Itaú), vibrar com a campanha da Globo e tal. Agora, e as nossas crianças? Será que o pessoal tá pensando que as crianças dos grandes centros são mais tristes ou mais infelizes que as nossas? Será que o pessoal não vê que aqui, na região, existem milhares de crianças precisando de ajuda? Visitar um abrigo, um orfanato ou coisa que o valha, isto noca, mas mandar grana lá prá longe, dá "status intimus"... De uma vez por todas: vamos nos preocupar mais com as nossas crianças. Com as da Globo, tem muita gente nos grandes centros se preocupando, enquanto que o inverso não acontece (Paulo Roberto/Cascavel)

Novo Ano

Como diriam alguns, a esperança é que o novo ano seja só um pouquinho pior do que o que está se findando. Só um pouquinho. Afinal, o salário deve aumentar uns 40 por cento, e a inflação só uns 200 por cento. Desculpe, Simonsen (Ademonius)

Por que?

Por que é que a "Rádio-Patrolha" pára todo casal que está caminhando na rua, à noite, sem ao menos pedir documentos? Eles vão chegando esculachando de cara, sem mais nem menos. (Walter Sá)

F...

Quem não sabe porque 1979 é o ano

internacional da criança? Simples: é que o ano de 1978 foi muito f... (Ronaldus)

Dá-lhe

Um alto figurão de Foz do Iguaçu, na noite de Natal, estava numa churrascaria acompanhado de uma encantadora "gata", todo feliz da vida. À meia-noite, ao espocar da champanha, entre beijos e abraços o cidadão fez um brinde: "Que as nossas mulheres nunca morram viúvas". No entanto quem quase morreu foi ele, já que sua esposa, descendo de um carro, passou a mão numa garrafa de cerveja e meteu na cuca do marido para completar o brinde, acrescentando: "E os nossos maridos também". Sacumé??? (É fácil identificar o personagem devido ao esparadrapo na testa). (Cauby)

Trombadinhas

Se forem presos pelo menos 90 por cento dos trombadinhas que agem no interior dos ônibus urbanos de Foz, os proprietários das empresas terão um prejuízo incalculável tendo em vista que os referidos marginais são passageiros assíduos em todos os horários dos coletivos, principalmente os que fazem a linha cidade-Vila Itaipu e cidade-Ponte. (Cauby)

Motoristas

Porque é que as empresas de transporte coletivo de nossa cidade não contratam motoristas mais responsáveis ao volante de seus veículos? Alguns dos que existem nem esperam os passageiros subirem e além disso, deixam passageiros para trás, sem falar nos pontos que cortam. Para confirmar basta tomar o ônibus que vai para o Conjunto "A" da vila Itaipu. (Walter Sá)

Baderna

Senhor Rosalvo, o "staff" do HOJE está na estufa não é jogo de palavras não. Dê férias coletivas. Não é mole levantar cedo (10 horas da manhã), tomar café, trabalhar até as 11 h, almoçar sem comer nada, fazer o tempo passar a tarde toda, tomar chimarrão a toda hora e, quando anoitece, nos saí. Todo mundo indo dormir tarde todas as noites. O serviço é demais. Ou então contrata mais gente. Quando a turma volta do trabalho (lá do bar do Gaúcho) às 2h da madrugada, ninguém caminha direito e firme. Quem aguenta? (Juvêncio - do exterior)

Beberrão

Ao atravessar a fronteira do Estado de Santa Catarina com o Rio Grande do Sul fui barrado pelas forças federais que me exigiam comprovante do depósito compulsório para sair do país. Daí até convencer os homens de que eu estava em viagem de estudo foi um drama kafkiano. Mas consegui. E aqui estou fazendo cursos práticos sobre as melhores qualidades de vinho. Não sei se volto tão logo. Pretendo fazer pós-graduação no ramo. (Juvêncio Baco - do exterior)



J.J.

Descobrimos a fórmula ideal de angariar anúncios as pamparras. Contratar o Jim Jones (aquele mesmo que induziu cerca de 900 pessoas ao suicídio coletivo tomando veneno). Explicação: convencer quase mil pessoas a se suicidar não é mole e, por isso, daria um excelente vendedor de comerciais para jornal. (Ademonius)

I.R.

O nosso Governo(?) resolveu mudar novamente as regras do Imposto de Renda. Coitados dos contadores que têm que quebrar a cabeça todos os anos para acompanhar as constantes mudanças que o Governo adota. É como disse o Ziraldo: "Como é que a gente vai fazer se nem eles sabem qual a melhor maneira da gente pagar o que eles acham que a gente deve?". (Ademonius)

Pinoquião

Pois é, o Emir "imprensa marron" Sfair, só para tirar uma casquinha, destacou um erro de grafia que apareceu numa das edições do HOJE/Foz onde saiu "enteresse" ao invés de interesse. Tudo bem: "O Paraná", também conhecido por "Pinoquião", é o único jornal do mundo onde não aparecem erros de revisão, onde todos escrevem

num estilo castiço, nunca trocando "S" por "Z", "I" por "E" e assim por diante. Desculpe-nos, "mestre" Emir, mas nós somos uns pobres analfabetos pretenciosos. Jornal de "fato" só pode ser feito por gente inteligente como você. Mil perdões, honorável jornalista. O HOJE é indigno até de citar seu nome (Sefrain)



Feliz?

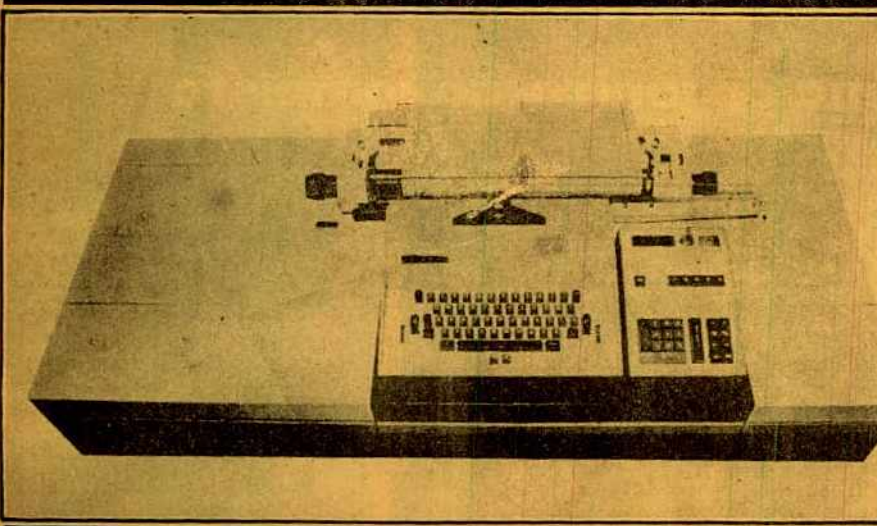
Recebi vários litrinhos de uísque, champanha, vinho chileno e outras "cositas más" acompanhados daqueles belíssimos cartões desejando-me um Natal Feliz, Um Ano Novo próspero etc. e tal. Agradeço as felicitações, mas como posso ter uma Natal Feliz se à toda hora vejo crianças como esta da foto chorando de fome? Não tive um Natal Feliz e não posso entender como vocês tiveram. (Ademonius)

Acerto

Em outra parte deste jornal voce vai ver a reportagem sobre a posse do novo Delegado. Na ocasião o Secretário de Segurança do Estado, general Alcindo Gonçalves,

DEU NO PASQUIM:

HOJE É UM NOVO DIA
UM NOVO TEMPO VAI
COMEÇAR....



Evite problemas!
Entregue sua declaração
à quem entende do assunto.

MANOEL M. DE ANDRADE

Assessoria Técnica - CRC-PR. 1561.

E agora, para você lucrar mais estamos fazendo sua contabilidade com programação.

Rua Cristiano Weirich, 91 - Edifício Metrópole - 2o. andar - Conj. 215 - Fone 72-4599 - Foz do Iguaçu - PR.



falou em seu discurso que "o delegado Frederico Pedroni conduziu os destinos da nossa polícia com muito acerto". Os leitores que tirem as conclusões.
(Cauby)

Nota de mil

Já vi (nas mãos dos outros) a nota de mil cruzeiros. Achei muito linda e, como as coisas andam tenho a impressão que vai ser difícil conseguir esquentar uma no meu bolso. A propósito: tem gente que tá falando que esta nota a inflação vai lá pra cima. Eu pergunto: Será que a inflação pode subir mais ainda?
(Ademonius)

"Manubra"

Em toda cidade existem os "experts" em manobras políticas. Foz não faz exceção à regra mas tem um detalhe mínimo à ser observado: aqui não são feitas manobras políticas mas sim "manubras" políticas. A última "manubra" aplicada, com engenho e arte, foi aquela que recebeu votação unânime, inclusive e principalmente dos "inocentes" João Kuster Zuleide Ruas e que foram colocados em escanteio com ajuda das próprias mãos. Boa "manubra".
(J. Mello)



Recheio

Ali, acima, foi o banquete do primeiro patinho. A seguir, a "manubra" prepara o recheio para o segundo, que já está sendo temperado com os requintes do emérito cozinheiro, rei das "manubras". Este patinho tem as iniciais de Aguielo Fávero que está indo no papo de que será o futuro presidente da Câmara de Vereadores, quando a "manubra" forçar a barra para o companheiro Chiquinho. Então, a votação mais certa que sairá dentro do esquema da "manubra" será esta: Zuleide vota em Zuleide e consegue 1 voto. Fávero vota em Fávero e consegue 1 voto. Kuster vota em Kuster e recebe o voto de Beto e Aldivo: 3 votos: Chiquinho, o alvo da "manubra", vota em Chiquinho e recebe voto de Dobrandino, Spada e Teixeira: 4 votos. Pronto. O segundo patinho foi para a mesa do festim dos vencedores, que já estão de guardanapo em punho preparados para o saboreio. (J. Mello)

Ladrões

"Que país é este?", verberou Francilino Pereira num momento em que perdeu a compostura e a lucidez para explicar a baderna que ele ajudou a instalar no Brasil. É difícil responder, mas eu já comecei a encontrar pedaços de resposta: este é um país de roubos institucionalizados. Outro dia tive que fazer teste psicotécnico para revali-

dar a carteira de habilitação, antes que fosse abolido o famigerado teste de coisa nenhuma. Nesse caso houve necessidade de fazer reversão, isto é, fazer carteira nova, isto é, mandar colocar em outro pedacinho de papel os mesmos dados de identificação, isto é, pagar quase mil cruzeiros por um pedacinho de 5 x 4 igual ao que eu já tinha, isto é, saciar os cofres famintos do dinheiro do povo deste país, "que vai pra frente". Vai, vai... (Juvencio Fig. - do exterior)

Bandeira 2

Por Decreto no dia 11 do corrente mes, o Prefeito autorizou "todos os permissionários do Serviço de Automóveis de Aluguel do Município, a utilizar a bandeira 2 nas 24 horas diárias até ulterior deliberação em contrário".
(J. Mello)

Saudades

O Natal, hoje em dia, não passa de simples exploração comercial. Tudo (ou quase tudo) o que é feito em torno do Natal tem por trás, interesses comerciais. Tá todo mundo pensando em dinheiro, que as caixas registradoras tocam constantemente, esta música:
(Rozelmus).



Turismo

Durante o mês de novembro, informa o IBDF, 1613 turistas visitaram diariamente as Cataratas do Iguaçu. A média de veículos por dia foi de 287.
(J. Mello)

Para que?

O Projeto Especial Multinacional de Educação MEC/OEA, fez um levantamento estatístico escolar durante o mês de outubro e constatou que o Município de Foz do Iguaçu tinha aquele mês 138.077 habitantes. Quem estava ansioso à espera de uma estatística populacional da cidade agora pode ficar tranquilo porque quem a realizou merece todo o crédito. Enquanto isto é de se perguntar: para que existe o IBGE se, há muito tempo, as autoridades estão pedindo um levantamento dessa natureza? (Ademonius)

Vicente Scheid comunica que extraiu os seguintes documentos: Carteira de Identidade no. 1283447-PR., CPF, e Carteira de Habilitação no. 082239, Prontuário no. 575287. Os referidos documentos ficam sem efeito por terem sido requeridas segundas vias. Foz do Iguaçu, 29 de dezembro de 1978

Vicente Scheid comunica que extraiu os seguintes documentos: Carteira de Identidade no. 1283447-PR., CPF, e Carteira de Habilitação no. 082239, Prontuário no. 575287. Os referidos documentos ficam sem efeito por terem sido requeridas segundas vias. Foz do Iguaçu, 30 de dezembro de 1978

Vicente Scheid comunica que extraiu os seguintes documentos: Carteira de Identidade no. 1283447-PR., CPF, e Carteira de Habilitação no. 082239, Prontuário no. 575287. Os referidos documentos ficam sem efeito por terem sido requeridas segundas vias. Foz do Iguaçu, 28 de dezembro de 1978

Participe das quintas-feiras com vantagens da loja dois dos Supermercados Maringá.

E na loja um não faltam as tradicionais cestas de fim de ano.

- Nozes
- Castanhas
- Panetone
- Champagne
- Frutas secas.



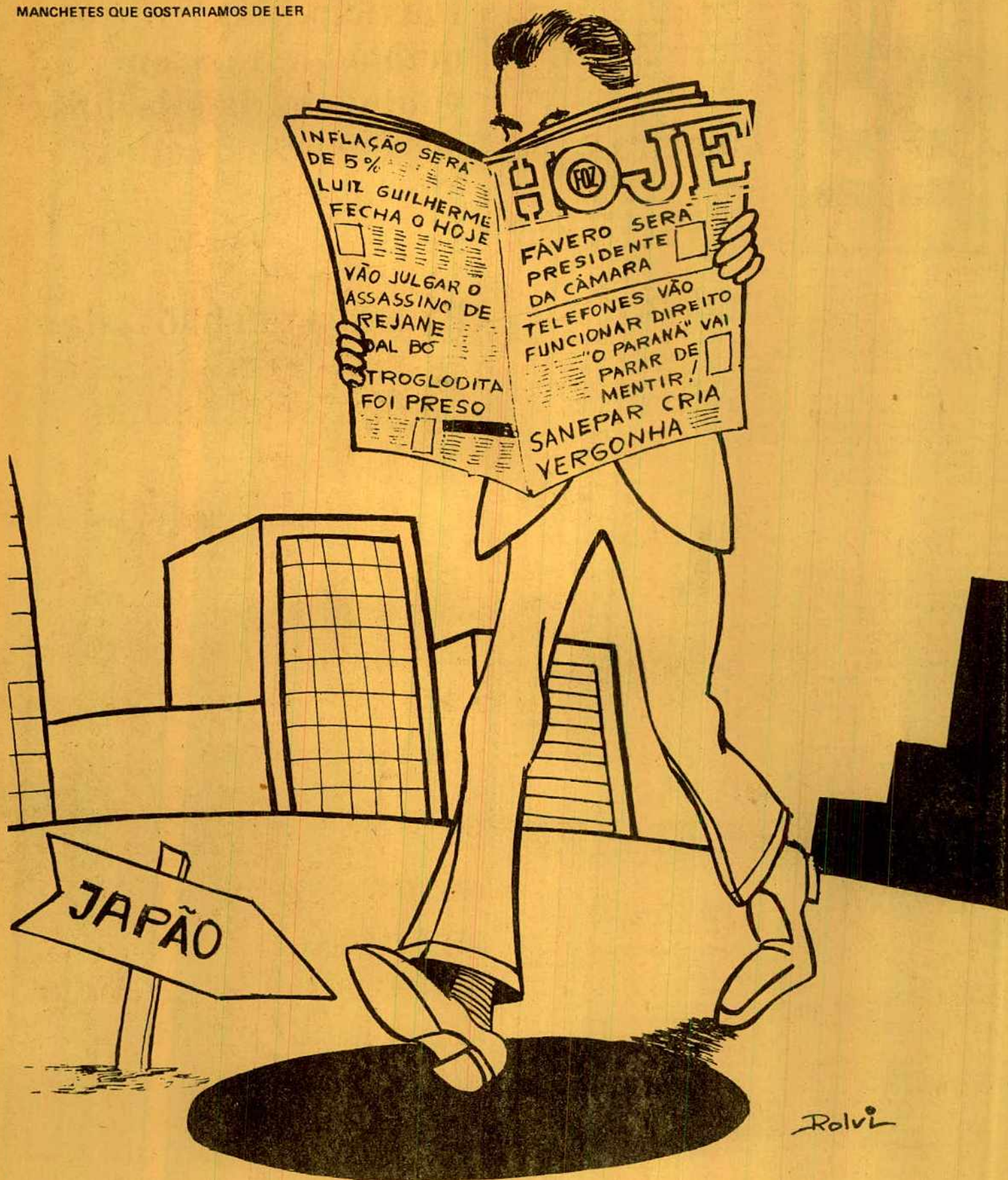
SUPERMERCADOS MARINGÁ
Fukushima & Cia. Ltda.
Uma família unida a serviço da boa alimentação



LOJA 1:
Quintino Bocaiúva, 1058
Fones 72-1813 e 72-1237

LOJA 2:
Bartolomeu de Gusmão s/n.
Fones 72-3483 e 72-3515.

MANCHETES QUE GOSTARIAMOS DE LER



FRIOS--MASSAS--ASSADOS--BUFET

O mais completo serviço
de refeições embaladas

CERES ROTISSERIE



ESTACIONAMENTO
PRÓPRIO

AV. ALMIRANTE BARROSO, 515
FONE 72-1954
EM FRENTE À M.P. DECORAÇÕES